Autor: Zé da Santa

Título: Duelo de farelos e outros trambolhos

Categoria: Conto

Duelo de farelos

Lusitano, apesar dos setenta e tantos anos, rebocando a tiracolo o cãozinho Tito, anda ereto como um babuíno: os ombros desempenados desviando o olhar do chão para as coisas em volta. É roteiro preconcebido que percorre todos os dias, mal bate o sino da igreja a matina das seis horas. Aliás, quando o badalo de aço faz soar o bronze do sino ele já está de pé. Lava o rosto, escova a dentadura, assoa o nariz, uma narina de cada vez, expele a gosma catarrenta que durante a noite acumula na garganta (herança da época que fumava um maço de cigarros por dia), põe a cabeça sob a bica alguns segundos para gozar a água fria da manhã.

Antes de tudo ele limpa a língua com bambu que compra do chinês e bebe um copo de água bem gelada para dar três arrotos seguidos. O cão Tito a essa altura já se esfrega em suas pernas, grunhe, late, como que alertando que é hora de descer para a rua, onde poderá cagar e mijar à vontade. Mas o cachorrinho terá que esperar que o velho tome os comprimidos, faça o café, passe margarina no pão, esquente o leite e coma a breve refeição assistindo Bom Dia na TV. Depois, sim, lava todas as louças que sujou, põe a coleira no Tito, o chapéu de palha e se encaminha ao elevador de serviço.

Agora Lusitano irá cumprir o roteiro que Tito determinou ao demarcar a área de abrangência mijando sobre a urina de outros cachorros. Ele conversa com Tito, cumprimenta os amanhecidos tirando o chapéu, até mesmo as crianças e os rapazes que chegam da balada entorpecidos com os sapatos nas mãos agarrados como namorados de olhos vermelhos e mortiços pela energia gasta. Depois ele voltará para casa e o dia se esvanecerá entre ouvir rádio, ver televisão e dormir breves lapsos de tempo, por culpa da diabetes ameaçadora. Quando ouve ruído na cozinha sabe que Alzyra chegou.

Ela chega, liga o rádio, veste a roupa mais leve que a deixa seminua e vai procurar onde Lusitano anda para gritar bons dias e perguntar como está passando, bem sabendo com certeza que ele está deitado fingindo dormir. Alzyra é mulata portelense que trabalha saracoteando a bunda grande em passinhos do samba que toca no rádio. Lusitano aproveita a deixa e vai até a cozinha se valer do café fresquinho que Alzyra faz, preto como o diabo. Bebe xícara pequena, beija a mulata no rosto, olha os peitos, admira o volume da bunda e volta para o sofá na sala onde imagina que fuma um cigarro.

Entretanto, ele fica de olhos atentos ao movimento da mulata em sua faina: quando ela se abaixa os peitos saltam, a alça da blusa se solta e os bicos negros cegam sua visão. Quando Alzyra se abaixa para limpar os lugares mais recônditos – hora em que Lusitano está sempre alerta – ele terá a visão maravilhosa: réstia da calcinha branca perdida entre as nádegas. Lusitano se masturba com as mãos sobre as calças. Alzyra espia com o canto dos olhos soltando largas gargalhadas, canta e samba, samba. É essa a melhor parte do dia do velho e demora até que Alzyra termine o trabalho e se mande logo em seguida com um sonoro e alegre até amanhã. A partir daí ele sonha: Ah se eu tivesse essa mulata na minha cama!

No momento Lusitano está sozinho, tendo Tito por companhia, mas sua consorte inseparável foi Miriam, mulher orgulhosa e desbocada, com quem ele viveu casado até que a morte dela os separou. Não faz muito tempo, não. Quem relembra sentia inveja daquele casal de velhinhos simpáticos, casados desde sempre que caminhava, ia à missa, reuniões sociais, sempre juntos. Um exemplo! Era isso que dizia as aparências, enquanto o casal cumpria o papel social. Mal os dois atravessam o portal do pequeno apartamento, o silêncio amargo, as

carrancas medievais impregnavam o ambiente. Falavam por sobrolhos, pigarros, rilhar dos dentes, olhares criminosos, palavrões sussurrados e replicados com ódio.

E quem pensa que a esse estado de coisas o casal chegou por ofensa grave, insulto indesculpável, afronta ao matrimônio, injúria sem perdão ou ultraje irredimível se engana. Para falar a verdade a causa original da discórdia se perdeu no tempo. O acúmulo de pecadilhos desimportantes é que deu asas para que os dois – já predispostos pelas rusgas do tempo – criassem o ambiente amargo que tomou conta da vida como erva daninha. Eis a fotografia exata do outono dos anciões. Casaram-se jovens, com beleza e atrativo mútuos. Hoje são folhas sáfaras de samambaia, irrecuperáveis, caídas no chão seco e sem dono.

A cor da ferrugem substituiu os sonhos azuis, o ramo de flores do campo secou no vaso, as palavras são balas perdidas: duras como pregos mortais. Natureza morta de jeito estranho, a pele macia de Miriam hoje está seca – repete a casca de maracujá: quando madura foi lisa de brilhante amarelo. Não só a cútis engelhou, também franzido e encrespado se tornou a alma, o relacionamento de ambos. Lusitano é exemplo de que também o ser humano faz parte da natureza morta – infinita natureza. Como desdenhar daquilo que já foi verde e hoje se impõe as crostas rugosas e cruas? Como desprezar o que foi beleza e humilhar o que teve tanto viço?

Quantas vezes Alzyra não tomou a liberdade de interferir nessa briga contínua e indesculpável. Miriam se defendia com unhas e dentes: Quando você não está aqui, minha filha, eu é que tenho que ficar recolhendo as migalhas de comida, os farelos de pão, os cabelos brancos que se espalham por toda a casa! Por seu lado Lusitano grunhia mais brabo ainda: E eu é que tenho que recolher os copos, pratos e panelas que ficam esquecidos em

todos os cantos, além de esvaziar o vaso sanitário de papel higiênico acumulado durante a noite! Ademais, farelos de pão não matam ninguém.

Quando se cruzavam nas andanças necessárias pelos cômodos, provocava o outro com palavras sussurradas. Esses ataques tiveram fim quando Lusitano, passando por ela, atirou: bruxa! Na volta, pois teria que estar ali de novo, ouviu Miriam contra-atacar: corno! Ele ficou branco. Perdi! – disse consigo mesmo, e derrotado abaixou a cabeça. E perdeu também horas de sono para descobrir com quem ela havia plantado os chifres. Chegou à conclusão que só poderia ter sido com o vizinho eletricista que consertava sempre sorrindo e de graça todos os aparelhos elétricos que queimavam em casa. De graça? Parece que não.

Lusitano não era ingênuo e certo tempo até que desconfiou, mas não tinha como provar. Afinal, o cara era casado com uma morena arrojada que gostava de andar nua em casa. Assim que o casal brigava os vizinhos arranjavam desculpa para aparecer. Os homens ficavam de um lado, conversando, bebendo cerveja e as mulheres do outro contando anedotas para dissipar as nuvens negras. A algumas trocas de olhar Lusitano, sem premeditar, rogou praga: – Por que esse sacana não morre eletrocutado? Menos de cumprir um mês o cara morreu. Preto como carvão, seu corpo esturricado cabia numa garrafa de Coca-Cola 2 litros. Miriam, descarada, foi consolar a viúva – e ambas choraram a perda no ombro da outra.

Depois de ver sua praga concretizada, Lusitano chegou a pensar que tinha o dom de ver realizados seus desejos. Imbuído desse sentimento passou a desejar a morte da velha. Mas adveio o tempo, a mulher não morreu e ele deixou de lado a ideia de que era deus. Ainda teria que aturar por muito tempo as reclamações de Miriam sobre os farelos de pão que se espalhavam pela casa, invejar a alma alegre que Lusitano exibia ao voltar da rodada de

cerveja com os amigos. Ainda teria muito tempo para ouvir as exclamações ditas com ódio: – Pão! Pão! Pão! É só o que se come nesta casa! E esse hálito de cerveja!

Lusitano no íntimo se entregou – era mesmo viciado em comer pão. Todo prato de todas as culinárias só valia a pena se fosse acompanhado de pão francês, massa grossa ou Brigite. Por tempos tentou o conselho médico de só comer pães ditos especiais. Mas tirante o pão preto de cevada e o Provença, feito com massa muito especial, para ele nenhum se comparava ao crocante pão francês ou à Brigite, massa grossa. Quando ia à padaria pegar o pão quentinho não perdia a viagem: tomava um cafezinho para comer toda a casca torrada do pão, jogando fora o miolo.

Se por acaso passasse pelas lojas de comida árabe carregava a sacola com dúzias de pão ázimo, mais tahine, que em casa era enriquecida com azeite e salsa. Noutras ocasiões o pão árabe dobrado ao meio servia para o lanche reforçado com frios e toda espécie de verduras. Mil e uma utilidades tem o pão árabe, pois tudo, absolutamente qualquer coisa pode ser metido dentro dele e fica saboroso! Sim, Lusitano era viciado em pão. Aquela peleja insana teria fim se ele parasse de comer pão. Mas sua vida também teria fim. Portanto, a refrega continuava.

Para minimizar o estado belicoso a que o casal chegou, Alzyra teve a ideia de tornar habitável um quarto vazio que servia para guardar trastes e velharias. Depois de mobiliado com cama, guarda-roupa, radinho de pilha e TV de 20’, ficou ótimo. Quando achou que estava tudo arranjado, chamou os dois e deu a sugestão: – Seu Lusitano se mude para este quarto e cuide dele, assim acho que não haverá mais motivos para brigas. Que acham? E ficou esperando a reação de ambos.

Não sem surpresa Alzyra não ouviu um ai de exigência, a mínima reivindicação, nem qualquer protesto ou queixa que fosse pela sábia atitude. Pelo contrário, Miriam foi a primeira a concordar: – Para mim está ótimo! Estou cansada de ouvir os roncos, cheirar peido e me alarmar com os gritos dos pesadelos que esse monstro tem a noite, coisa que me faz sonhar que durmo com o inimigo ou assassino frio, cruel serial *killer* como vejo nos filmes americanos.

Lusitano olhou para Miriam, espantado com tão grave acusação. Logo ele que tinha a imagem a preservar, considerado e respeitado junto às autoridades como legítimo representante do bairro, Conselheiro da Amacaxa (Associação dos Moradores do Cachambi), acusado de ser assassino frio e cruel serial *killer*! Ainda pensou no revide, se virou para Alzyra, mas logo se acalmou ao receber dela o olhar cúmplice, apaziguador. E pensou que assim teria mais chances de desfrutar aquele corpaço moreno – ai Alzyra, me mata!

Lusitano fez questão de dizer em alto e bom som, evitando revidar a agressão verbal e com isso se diminuir perante ela: – Para mim também está ótimo! Acho que foi grande ideia Alzyra. Parabéns! Considere esta casa como sua casa, sempre serás tratada como pessoa da família! E fechou a encenação com um olhar desafiador para a bruxa velha. Assim se acertaram os dois para prorrogar a bélica coexistência. Mas diminuiria o ranço? Não foi bem assim. Com exceção da instalação dessa fronteira tudo continuou de igual para pior. O farelo de pão era a munição que desandava o resto da existência do casal de velhinhos.

Certa noite, vindo da rodada de cervejas, Lusitano encontrou sua cama (que Alzyra deixava como sempre limpa e imaculada), avassalada por miríades de farelos de pão que

cobriam toda a superfície do lençol branco. Branco, igual como ficaram suas feições lívidas de raiva e ódio. Ele pegou um copo e recolheu as migalhas com a paciência possível. Só parou quando o vasilhame estava quase cheio e não cabia mais nada. Deixou de lado o copo, levou o lençol até a área e sacudiu bem até ficar limpo. Depois voltou à cama e arrumou enfiando-o por debaixo do colchão, como aprendeu com Alzyra.

Bendita Alzyra, pensou, que só me ensina coisas boas. Minha vida seria bem pior sem ela. Imaginou como ela era alegre, chegava e voltava para casa com a mesma feliz disposição. Ainda mais era uma mulata gostosa. Lusitano se deitou com esses pensamentos, estirou as pernas na cama levemente perfumada com colônia (outra ideia de Alzyra), ligou a TV e ficou assistindo a partida de futebol. Quando o jogo terminou foi ao banheiro para as abluções noturnas. Voltou ao quarto e fixou o olhar demorado no copo cheio de farelos de pão. Conformou-se: a velha perdia o juízo, pensou. Quem vive em sã consciência tendo tanta maldade dentro de si?

Pegou o copo e se dispôs a despejar os farelos na lixeira. Ao passar pelo quarto de Miriam ouviu o sibilo típico do ronco, mais alto que o ruído do ar condicionado. Abriu a porta em silêncio e se aproximando do leito a viu com as pernas estendidas, deitada em decúbito dorsal, totalmente esparramada na cama. Dormiu com a TV ligada, que chiava na tela cheia de chuviscos. Na mesinha ao lado ela esqueceu o copo de leite pela metade.

Agora, dormindo, talvez sorrisse em sono tranquilo, feliz com as maldosas provocações que fez durante o dia. Quando ela adormecia os olhos ficavam semiabertos como que fitando o teto; respirava pela boca, sempre escancarada, depois que operou sem sucesso o septo nasal. Lusitano por um segundo esqueceu todos os resquícios de bondade, as palavras

pacientes que Alzyra propunha a ele e com os olhos semicerrados despejou todo o copo de farelo na boca da velha.

– Coitada – disse o médico chamado para assinar o atestado de óbito – morreu sufocada com farelo de pão e leite. Ela tinha mania de comer isso deitada? Lusitano que pensou apenas em dar um susto na velha assentiu consternado. Alzyra havia chegado de manhã cedo e o consolava massageando a nuca para baixar a pressão. Diante do fato ela se ofereceu para dormir em casa e ajudá-lo em hora tão difícil. Se não fosse Alzyra ter a sensibilidade de se oferecer Lusitano não teria como fazer tudo sozinho até o enterro de sua mulher Miriam. Ao fim da noite, tudo acabado, ainda teve tempo de beber cerveja com os amigos e caiu na cama.

*****

Quando Lusitano acordou às cinco da manhã encontrou Alzyra dormindo no quarto da finada. Tinha arrumado tudo, esvaziado o guarda-roupa, as cômodas, botou até um vaso com flores no criado mudo. Agora serenava seu corpo negro sobre a colcha branca: a cama larga, vazia vastidão de deserto, o lençol de seda, tudo flamejava à meia luz. Esfregando os olhos teve a ilusão de ver Alzyra sorrindo de braços abertos, os seios escapulindo para fora da camisola acetinada. De través dava para perceber a calcinha de tule tipo fio-dental, delicada rendinha adornando a parte frontal. Lusitano delirava!

E voltou a pensar que de fato tinha o dom de fazer o pensamento se tornar realidade.

Manual de instruções para eliminar judeus,

ciganos, comunistas e dissidentes

A cidade de Petrópolis sempre foi vista como a segunda Capital do Brasil. É que desde o Império autoridades promovem nela importantes reuniões para tratar de assuntos internos e externos. No ano de 1942 não foi diferente: a cidade se preparou para receber autoridades poderosas, Secretários de Estado e o próprio Presidente Getúlio. Engalanada por conta da realização da III Exposição de Flores e Frutos, Petrópolis se preparou para recepcionar autoridades e chanceleres norte-americanos, conforme deu na imprensa:

"Instalou-se ontem na antiga Chácara das Camélias a III Exposição de Flores e Frutos de Petrópolis, inaugurada pelo casal presidencial Getúlio e Darcy Vargas. Atendendo apelo da Municipalidade as casas comerciais embandeiraram as fachadas, homenageando os Presidentes Getúlio Vargas e Franklin Delano Roosevelt, que estará na cidade acompanhado da esposa Anna Eleanor. A primeira dama americana promoverá, junto com Dona Darcy, várias ações sociais, inclusive visita ao Hospital Santa Thereza". (Tribuna de Petrópolis, 18 de janeiro de 1942).

Mas naquela manhã de segunda-feira, dia 23 de fevereiro de 1942, a cidade de Petrópolis estava em alvoroço por outro motivo. Os corpos do casal Stefan Zweig e sua mulher Charlotte Elizabeth foram encontrados mortos de manhã cedo deitados na cama na residência do casal no tranquilo bairro Valparaíso. Ante muitas evidências – inclusive carta do próprio Zweig – a causa da morte foi de pronto estabelecida: suicídio por envenenamento.

A informação do suicídio correu rápida divulgada por telefonemas, notícias das rádios locais as primeiras edições dos jornais. No mesmo dia a notícia saiu nas rádios e jornais vespertinos da Capital Federal em nota extraordinária. Três dias depois uma nota curta era publicada pelo jornal Le Petit Parisien:

L'écrivain Stefan Zweig se suicide au Brésil

L'écrivain juif Stefan Zweig et sa femme se sont suicidés

lundi à Petropolis Rio-de-Janeiro en absorbant du poison.

De repente a casa número 34 da Rua Gonçalves Dias – quase sempre imersa em religioso silêncio – se viu agredida pela expressiva frequência diversificada do tipo de gente que um fato dessa magnitude atrai. O ruído dos carros, as buzinas impacientes, a voz imperiosa das autoridades, as ordens dadas em tom alto, padres católicos – rabinos judeus, policiais, médicos legistas, fotógrafos e jornalistas, todos tentando se comunicar em murmúrio – que o tumulto transformava em vozerio incômodo para os moradores do bairro. A ocorrência ofuscou até as últimas notícias da guerra na Europa, a presença do Presidente Getúlio Vargas na cidade e os boatos incipientes de que o Brasil seria companheiro dos aliados no conflito.

A poucos metros do local, na esquina da Rua Washington Luiz, o detetive Dr. Bernardo Bezsler desligado do furdunço da vizinhança, tendo como companhia o motorista do rabecão e seu amigo médico legista Dr. Jorge Coelho, atendia a outra ocorrência policial. Ambos foram convocados para assumir a morte de Otto Nils e recolher o corpo do falecido cujo óbito se dera por morte natural às vésperas de completar 75 anos. Os policiais foram recebidos por dona Ifigênia, senhora de cabelos brancos, de óculos que ressaltavam olhos que

um dia foram azuis, mas que o tempo esmaeceu. Foi ela que às cinco horas da manhã, telefonou para a delegacia informando o que encontrou quando chegava à Casa Alemã para mais um dia de trabalho.

A rotina solitária dos dois funcionários, executada em metódico silêncio, contrastava com os holofotes voltados para o imponente episódio da Rua Gonçalves Dias. A poucos metros de ambas as ruas, em linha paralela, o córrego do Rio Quitandinha escorregava sem pressa para desaguar no Piabanha. Otto Nils era velho conhecido das autoridades de Petrópolis, ele ficou célebre na cidade por fundar a associação de acolhimento à leva de fugitivos da guerra, dos campos de concentração polacos, da perseguição dos nazistas.

Todos que ali chegavam eram abrigados, alimentados, recebiam roupas e em pouco tempo ganhavam outra destinação, sigilosa, com acolhimento e ocupação profissional garantida. A Casa Alemã, como foi batizada – mas que na verdade assistia gente de qualquer nacionalidade – logo se tornou muito afamada com a publicidade nacional e internacional, mas em pouco tempo suas atividades se tornaram corriqueiras e Otto Nils caiu no esquecimento. Nada mais de novo acontecia ali.

Após ter recolhido o corpo magro de Otto Nils sob a orientação e instruções do médico Dr. Jorge Coelho, o detetive Dr. Bernardo Bezsler deu ao motorista a pilha de formulários preenchidos e assinados, despachou o rabecão e se despediu dos colegas. Agora o seu trabalho estaria voltado para examinar o casarão de dois andares, envelhecido prematuramente pela falta de manutenção e sem atividade alguma. Teria que fazer a perícia e arrolamento dos bens, após o que lacraria o imóvel que passaria para guarda do município até a realização do inventário, o desfecho do inquérito e outras formalidades.

A casa de Otto não parecia residencial, era na verdade um prédio de dois andares, retangular e cinzento, localizado na confluência das ruas Washington Luiz e Saldanha Marinho cruzado por duas ou três pontes sobre o córrego. Não tinha varanda nem jardim, portas e janelas desciam retas na parede acinzentada que até o pé da calçada onde se espalhada a mancha esverdeada provocada pela umidade constante. O prédio fazia parede com outras edificações modestas comerciais e residenciais formando um pequeno quarteirão. Ao lado havia duas pequenas lojas: uma abrigava misto de padaria e lanchonete, a outra abrigava pequena botica que atendia também como farmácia e assim completavam os únicos comércios da área.

Antes de começar a fazer a perícia e o inventário, cheio de formulários por preencher e formalidades a cumprir, Dr. Bernardo foi à padaria, bebeu um cafezinho e depois acendeu o cigarro necessário para acompanhá-lo na tarefa chata de descrever o local, relacionar um a um os bens do imóvel e completar o processo. Depois pegou a prancheta com várias folhas que teria de preencher e entrou. Dona Ifigênia o recebeu em meio às tarefas cotidianas: ela limpava o local, arrumava coisas, cada objeto incólume há anos em seu lugar. Dr. Bernardo não se importou com essa desfiguração da cena da morte de Otto Nils – afinal tratava-se de falecimento por causas naturais – embora Dr. Jorge Coelho tivesse anotado "infarto agudo do miocárdio seguido de choque circulatório".

O interior da residência acompanhava o formato retangular do prédio, cerca de 30m x 100m, esticando-se para os fundos. Com o objetivo de explicitar isso Dr. Bernardo fez o desenho meio torto, cortando em linhas retas duas saletas de cada lado na entrada, seis quartos lado a lado com cama, guarda-roupa, banheiro coletivo com vários boxes para guarda de bens

pessoais. No meio dessa divisão tinha um intervalo para a escadaria que levava ao segundo andar. Nos fundos havia mais dois grandes espaços para cozinha, copa, mesa de refeição, despensa e do lado de fora no pequeno quintal, área de serviços, lavanderia, tanques com torneiras, bancada, varal para roupas. Ali certamente era o território de dona Ifigênia.

Dr. Bernardo anotou, desenhou, descreveu os objetos que habitavam ordenadamente a casa. Isso não foi nada difícil, era tudo muito retilíneo, quadrado. Dona Ifigênia sempre solícita o acompanhava a todo lugar e pegou mania de interromper o trabalho silencioso do policial dando explicações, detalhando espaços, para que servia isso e aquilo, coisa que não interessava aos formulários rígidos que acompanhariam o processo que depois seria largado em velhos arquivos até o tempo implacável apodrecer as páginas.

Terminada essa primeira fase, Dr. Bernardo por fim aceitou o convite dela para mais um cafezinho. Esse era vício a que todos os policiais se dedicam: café, café, café. Ficaram os dois sentados na grande mesa de madeira bebericando o café, mastigando biscoitos de fécula caseiros – entre perguntas e frases de aparência inútil, mas que soavam investigativas para cada um deles.

Só então Dr. Bernardo pôde observar com mais detalhe aquela figurinha suave que era dona Ifigênia. Seria o retrato perfeito da avozinha que trata os netos com carinho, que a qualquer momento traz biscoitos, balas e guloseimas para agradá-los. Mas em certos momentos seus olhos se tornavam pequeninos, aguçados e curiosos. Como os olhos de um policial! Dr. Bernardo memorizou bem esse detalhe, que ao tempo certo passaria a Roberto, discípulo de Freud mais afeito a temas psicológicos. Foi esse mesmo olhar cortante que interrompeu os pensamentos do detetive para relembrar que aquele espaço já teve dias

movimentados, a presença de muitos hóspedes, casais, fugitivos apaixonados, crianças, mães e filhos, todos recém-chegados ainda excitados com a aventura da fuga, as peripécias e perigos da viagem, o medo de morrer nas mãos dos carrascos nazistas ou comunistas.

Mas ali era local de trânsito, de breve passagem. Cumprido esse ritual os abrigados seguiriam o mais rápido possível a lugares mais seguros para iniciar nova vida. Enquanto isso a Casa Alemã tentava dar certa ordem na vida dos refugiados e imigrantes recuperando-os dos traumas da separação, fuga e viagem atribulada. Otto Nils dava longas palestras para ilustrar qual procedimento deveria ser adotado por cada um nessa travessia. Saberiam que tinham de assumir nova identidade, novos nomes familiares, tudo para garantir a estabilidade de cada um deles. Teriam vida nova e segurança total capaz de suprimir totalmente o risco de ver repetida aqui as atribulações que começaram na Ucrânia, Lituânia e Polônia, para culminar na Áustria e na Alemanha Nazista.

Os documentos com que chegaram até ali perderiam a validade, todos receberiam identidade nova, cartas de apresentação, indicação sobre a qualificação profissional e depois todos esses detalhes seriam apagados dos arquivos locais para garantir que não caíssem em mãos erradas. Essa providência, pelo pavor dos campos de concentração, também de caráter emotivo e esperança de vida nova, tinha a aceitação incondicional senão de todos, da maioria certamente. Dr. Bernardo olhou o relógio: já passava de duas da tarde. Perdi o almoço, pensou. Respirou fundo e repetiu a xícara de café:

– Dona Ifigênia, agora eu preciso examinar o segundo andar e quando terminar a inspeção eu prometo não perturbar mais. – O detetive disse isso tentando dar ânimo à expressão cansada da senhora.

Dona Ifigênia fez um gesto de compreensão, acompanhou o detetive até a escadaria e depois de superar dois lances alcançaram a porta de ferro gradeada que daria acesso à entrada para os aposentos do segundo piso. Pelo material usado, dava para ver que se tratava de obra sólida, bem construída, feita para durar. Além da fechadura normal um cadeado grande lacrava as duas partes da corrente de aço.

– Esse andar deve estar muito sujo, disse dona Ifigênia a modo de justificação. Seu Otto quase não usava mais nem me deixava entrar para arrumar, a não ser no aposento que usa para trabalhar e dormir quando ficava até tarde da noite, varando a madrugada. Algumas vezes dava para notar que ele permanecera ali até o sol raiar.

Ela tirou do bolso um magote de chaves de todo tipo, experimentou várias delas no cadeado, mas nenhuma serviu para abrir a porta. Olhou as chaves detalhadamente, escolheu outra, enfiou de novo na fechadura e nada. Tentou com outra e mais algumas, mas nenhuma abria o cadeado nem a porta. Ela ficou envergonhada com aquilo e deu um olhar suplicante, pediu desculpas a Dr. Bernardo que aceitou com um gesto de resignação. A corrente era grossa, o cadeado e a fechadura mais sólidos para que um martelo pudesse quebrar, ademais não fazia sentido algum arrombar a porta: seria mais eficiente trazer equipamento próprio para abri-los.

Dr. Bernardo pôs amavelmente o braço sobre os ombros cansados da velha senhora e disse:

– Dona Ifigênia, a senhora procure bem a chave que eu voltarei amanhã e faremos a vistoria, tá bom? Agora irei almoçar e retornarei ao trabalho. Dá para ver que a senhora também está muito cansada com tudo isso, foi um dia duro para nós todos.

Dona Ifigênia agradeceu com o olhar comovido. Àquela altura era só o que ela queria: esticar as pernas num sofá, tomar um chá com biscoitos de fécula, conversar com seu gato de estimação e cerrar os olhos num sono reparador. Para o detetive Dr. Bernardo, porém, essa felicidade estava ainda longe de alcançar: teria de cumprir o restante do horário na delegacia até no mínimo às 19 horas. E foi para lá que se dirigiu guiando aos solavancos o seu jipe Willys.

Chegando ao velho prédio da Rua Imperial, para substituir o almoço, Dr. Bernardo comeu um sanduíche de mortadela que tinha comprado na Casa D'Ângelo e se sentou à mesa para reexaminar a pasta que guardava o dossiê que tinha preparado sobre Otto Nils, ao qual iriam se juntar todos os elementos do seu falecimento. Encontrou e arquivou a cópia do atestado de óbito que o Dr. Jorge Coelho deixou sobre sua mesa, ao qual ele iria juntar a autópsia e o relatório pericial de sua responsabilidade para completar os procedimentos. Quanta burocracia!

Antes de se debruçar no trabalho, Dr. Bernardo foi dar uma olhada nos jornais empilhados em sua mesa: Jornal de Petrópolis, A Tribuna, Jornal de Cascatinha do último domingo, O Fluminense e por último o Jornal Sportivo. A notícia sobre a morte de Stefan Zweig e sua mulher dominava as manchetes de todos os diários, num deles um repórter sensacionalista levantava a tese de assassinato a mando de Hitler. Para corroborar sua tese, o

tal repórter replicou vários atentados e mortes que os nazistas arranjaram, mas na verdade eram execuções simulando suicídio.

Para aumentar a confusão, a autópsia no local apropriado – ou seja, o IML – tinha sido proibido por ordem de Getúlio Vargas, que estava em Petrópolis fugindo da canícula do verão carioca. Estava feito o rolo que crescia a cada momento: as entidades judias pediam para o casal ser enterrado no Cemitério Comunal Israelita de Nilópolis sob o ritual *taharat*. Getúlio, pressionado pelo clero, mais uma vez interferiu e determinou que o funeral fosse realizado nos moldes católicos brasileiros. Dr. Bernardo não pôde conter um sorriso sobre a sinuca em que estavam metidos os colegas que tratavam do caso. Além de estarem pressionados pela polícia carioca e pelo peso do Governo Federal instalado na cidade, os jornalistas brasileiros e estrangeiros levantavam todo tipo de hipóteses.

Dr. Bernardo Bezsler lembrou que assim como no Império, também na República o verão carioca empurrava o Governo para a quietude da serra, transferindo não só todo o Gabinete Ministerial, mas também as castas da alta sociedade se transferiam de mala e cuia para Petrópolis. Com Getúlio Vargas não era diferente. Assim que o verão começava a assar a pele o gaúcho friorento deslocava o pessoal para lá e ficava até o tempo amenizar. Por isso o Presidente Getúlio Vargas estava ali: fugia do calor, fugia das chuvas que alagavam a Rua do Catete, fugia da barulheira avassaladora do Carnaval, fugia das intrigas palacianas. Quando possível levava também a família principalmente o filho caçula Getulinho de 22 anos e a neta Celina.

Cabia às autoridades policiais da cidade dar o apoio necessário à equipe que tinha a responsabilidade com a segurança do presidente. Por isso Filinto Müller se tornou responsável

direto pela nomeação das autoridades de segurança de Petrópolis, tendo escolhido para Delegacia Central da cidade o Dr. José de Moraes, petropolitano descendente dos primeiros colonizadores que satisfazia todas as exigências do cargo. O Dr. Moraes, por sua vez, montou a melhor equipe para a delegacia, usando também pessoas nascidas na cidade e conhecedoras da sua população.

Entre eles estava o estagiário Dr. Bernardo Bezsler, o médico Dr. Jorge Coelho e o bacharel Dr. Roberto Finnstein. Dr. Bernardo e Roberto estudaram juntos desde o ginásio como é comum em cidades como Petrópolis. Depois seguiram curso superior diverso um do outro: Dr. Bernardo optou pelo direito criminal enquanto Roberto foi para ciência, primeiro química, depois física e passagem pela ciência forense. Essa separação de destinos se quebrava nos encontros sociais e só terminou quando se encontraram diante do Dr. Moraes e então souberam que o Delegado os convidara para participar de sua equipe. Lá encontraram o médico e também amigo Dr. Jorge Coelho, que seria convocado a prestar serviços à delegacia quando fosse necessário, já que ele fazia parte da equipe do Hospital Santa Thereza, cargo que torna qualquer currículo irrepreensível.

O Hospital Santa Thereza foi fundado em 1876 e seu nome é um tributo à Imperatriz, que direcionou a entidade ao atendimento de crianças e dos mais humildes. Esse objetivo fez o hospital ser estimado pela população que recorria a ele quando precisava. A direção manteve o alto nível do instituto e atraía para seus quadros os médicos petropolitanos recém-formados, antes que fossem cooptados pelos hospitais da Capital Federal. A história da medicina da cidade imperial nasceu ali, por isso a população tem orgulho do Hospital Santa Thereza – “Uma história de amor e dedicação a serviço da vida”.

Dr. Bernardo largou de lado aquela confusão espalhada sobre a mesa e foi se distrair lendo notícias de futebol do Jornal Sportivo, que se limitavam ao rudimentar campeonato local com a disputa entre cartolas dos clubes Vera Cruz, Petropolitano, Serrano e Cruzeiro do Sul em busca de espaço político. Breve nota anunciava que o Campeonato Carioca só iria começar em abril estando o Fluminense focado no bicampeonato. O Flamengo – seu time de coração – tinha reforçado a equipe com vistas a atrapalhar o objetivo tricolor e conquistar o título.

O detetive acendeu um cigarro e voltou ao trabalho se dedicando à peça que mais lhe chamou atenção e curiosidade: há menos de dois anos passados foi aberto o Boletim de Ocorrência de uma queixa contra Otto Nils. Tratava-se de reclamação vinda da Alemanha através do Consulado local feita por alguns familiares de imigrantes que tentavam sem sucesso descobrir o paradeiro de seus parentes.

Um embate se travou entre o próprio Otto Nils – que logo depois seria representado por advogado – e o Delegado Titular da Delegacia de Petrópolis. A queixa foi traduzida ao português quando se verificou que não procedia do governo alemão, portanto não tinha significado oficial. Aparentemente a representação assinada por Abraão Stern tinha origem na Irgun, identificada como entidade de direitos humanos, mas que na realidade abrigava grupos com fins políticos.

A autoridade petropolitana conseguiu algumas informações sobre a Irgun e insistiu na exigência de que fossem apresentados todos os papeis corroborando a movimentação dos imigrantes no território nacional, ao passo que Otto Nils em sua defesa tentava manter o sigilo das atividades da Casa Alemã ao demonstrar que a preservação desses dados era essencial

para a segurança dos mesmos, sob o risco de ter a vida ameaçada. Otto tentou desmascarar a Irgun e o próprio Abraão Stern insinuando que se tratava de grupo terrorista a serviço de Hitler. Usou como justificativa também a violência da Irgun contra judeus, similar à que a SS praticava na Alemanha e assim relevava a imperiosa necessidade de proteger os refugiados e seus familiares.

Todas essas notificações davam sustentação a seu argumento, mas há na autoridade a tradição de se impor, portanto nada disso era aceito como definitivo. Enquanto esse embate de interesses e informações se travava houve interferência inesperada da autoridade superior. Por ordem direta vinda da Chefatura de Polícia do Distrito Federal, transmitida em telefonema pessoal ao Dr. Moraes por Filinto Müller, fez com que o processo fosse interrompido e arquivado sumariamente sem que houvesse julgamento. Nas últimas páginas do inquérito sem que fosse demonstrada a razão de qualquer tese defendida pelas partes, o Delegado reproduziu literalmente a ordem recebida e despachou: Arquive-se.

No dia seguinte o detetive Dr. Bernardo Bezsler resolveu se equipar mais apropriadamente para levar a cabo o inquérito que lhe foi confiado, antes que seus superiores ficassem livres do Caso Zweig e viessem perturbar a paz do seu trabalho. Primeiro, convocou o colega Roberto Finnstein a acompanhá-lo à Casa Alemã para evitar novas surpresas. Finnstein, além de detetive investigativo, era especializado em descerrar tudo que estivesse lacrado, o chaveiro ideal para cofres enterrados, veículos acidentados, casas incendiadas. Ademais seria de outras utilidades, pois tinha noções sobre judaísmo e conhecia um pouco a língua alemã de seus ancestrais. Depois Dr. Bernardo Bezsler tirou do armário a câmera Agfa de fole, sacudiu a poeira, fez uma limpeza geral, comprou dois rolos de filme 120W e só então se sentiu preparado para executar e documentar o seu trabalho.

Para evitar as ruas mais movimentadas Dr. Bernardo Bezsler tocou o jipe no rumo do Morro dos Velhacos pela estradinha esquecida que atravessava os bairros Indaiá, Cremerie, Quitandinha, Independência, chega a Duas Pontes e vai desembocar em Valparaíso. Ali tem também um armazém que por tradição fica aberto 24 horas para atender viajantes e notívagos – parada obrigatória para o breve cafezinho, cigarro e bate-papo.

Já pertinho da casa de Otto Nils, depois da Rua da Batata Frita, passaram pela Rua Gonçalves Dias. Em frente à casa de Stefan Zweig havia agora bem menos agitação que no dia anterior. O Café Elegante, bem em frente, teve a freguesia aumentada inesperadamente. Mas no momento circulavam fotógrafos, repórteres, policiais e autoridades. Dois rabinos caminhavam apressados vestindo casaco negro longo, com a cabeça coberta com o tradicional quipá ou optando pelo chapéu de feltro de abas retas, trazendo sempre nas mãos o torá ou o rolo de pergaminho com passagens bíblicas. Dr. Bernardo Bezsler dirigindo o jipe passou direto, sem deixar de fazer um comentário ao colega:

– Que rolo hem Roberto? Não queria estar na pele do Delegado Moraes tendo o Dr. Getúlio, ministros, padres e rabinos grudados nele. Até para enterrar o homem é uma dificuldade. Os judeus querem fazer do jeito deles, os católicos no ritual próprio, por sua vez o Dr. Getúlio não pode deixar de atender à ordem da mulher católica e, claro, dona Darcy acaba ganhando...

– Nem me fala – disse Finnstein. Ainda tem mais: jornalistas que chegam de todo canto do mundo, cada qual quer uma coisa e temos que nos virar para atender, autoridades consulares, amigos, editores – rapaz é muita gente! Por aí se vê que o homem era famoso

mesmo. Imagina que até a autópsia foi feita às pressas e no próprio local para acelerar o desfecho e literalmente enterrar todas as especulações. Ninguém quer saber de detalhes, ainda mais quando um repórter mais afoito levantou suspeita de assassinato a mando de Hitler. Só faltava essa...

– Bom, deixa isso para lá, vamos cuidar da nossa vida.

Dr. Bernardo Bezsler diminuiu a velocidade, dobrou à esquerda e desceu a pequena ladeira que o levaria à Casa Alemã. Estacionou o jipe, mas se dirigiram primeiro à padaria para tomar mais um cafezinho. Depois de acender o cigarro bateram à porta. Dona Ifigênia já havia chegado e recebeu a ambos com um bom dia menos triste, estava mais esperançosa e calma que no dia anterior. O café recendia sobre o fogão, portanto eles não puderam recusar o oferecimento e repetiram a dose. Haja cafeína!

Após cumprir o rito social, perguntando a dona Ifigênia se ela tinha dormido bem, sobre sua saúde, Dr. Bernardo apresentou o seu colega Roberto Finnstein explicando qual seria a função dele:

– Trouxe o meu colega, também inspetor de polícia, para o caso da senhora não ter encontrado as chaves. Ele abre qualquer fechadura sem precisar quebrar nada.

– Pois estava aqui imaginando como dar a notícia ao senhor, Dr. Dr. Bernardo, pois não encontrei mesmo. Todas as chaves que tenho aqui nenhuma abre a fechadura daquela porta danada.

Dr. Bernardo ia fazer a dona Ifigênia uma observação sobre o uso da expressão "doutor", mas achou por bem não complicar as coisas. Estava ansioso para iniciar e terminar o trabalho. Acompanhou a senhora à mesma porta que tinham visto no dia anterior, mostrou ao colega as grades de ferro, a corrente, o cadeado:

– Taí, Roberto. Esse é o problema que você tem de resolver.

Roberto pegou a valise que guardava os equipamentos, escolheu um pequeno molhe de pinças de aço, foi enfiando, ajustando, mexendo e em pouco tempo se ouviu um click e o cadeado abriu. O mesmo rito se repetiu com a fechadura da porta que logo estava também aberta. A ferrugem fez ranger as dobradiças e tiveram que forçar para que ela se escancarasse de par em par. Em seguida seguiram todos para cima, enfrentando mais um lance de escadas. Dr. Bernardo não teve como negar a dona Ifigênia o acesso àquele local, mesmo porque poderia precisar de sua ajuda. A presença da senhora também era necessária para servir de testemunha da legalidade do procedimento policial.

Finda essa primeira etapa Roberto Finnstein entrou no aposento marcado como "1 - lado direito". Era um espaço meio caótico cercado de estantes cheias de livros – a maioria deles em língua alemã – mais ao lado havia uma mesa tipo escrivaninha, com máquina de escrever, volumes abertos com marcadores, muitos jornais inteiros e recortados, pilhas de papeis escritos à máquina e manuscritos, folhas em branco, tudo muito empoeirado. Dr. Bernardo Bezsler se dirigiu a dona Ifigênia só para confirmar o óbvio:

– Dona Ifigênia, faz muito tempo que o seu Otto não usa este espaço, não é?

– É verdade, respondeu ela. Quer dizer, esteve usado bem pouco. Como disse ao senhor ontem, depois que ficou adoentado de uma isquemia que paralisou levemente o lado esquerdo, seu Otto deixou de lado este andar e também não recebeu mais ninguém na casa. E também poucas vezes me deixou subir para limpar e arrumar as coisas, apesar da minha insistência.

Dr. Bernardo com deu um olhar ao seu colega Roberto pedindo socorro. Os dois tentavam entender o que aquela biblioteca dizia, o que representava a quantidade de revistas, livros, boletins, folhetos que estavam empilhados sem ordem e critério. Ao lado tinha uma gaveta cheia de cartas em seus envelopes rasgados na extremidade, páginas largadas como folhas avulsas, um caos!

– Não, não dá para levantar tudo isso, disse Dr. Bernardo. Isso é assunto para bibliotecário e não para policial. O que vou fazer é relatar o que foi observado e fazer a amostragem.

Roberto mexeu na papelada, nos livros e conseguiu ler alguns títulos, que foi ditando para Dr. Bernardo. Revistas: Deutsche Illustrierte, Der Adler (Luftwaffe Magazine), Signal, Freude und Arbeit, Der Schulungsbrief, Die Wehrmacht, Lustige Blatter, Neues Volk.

– Essa é uma publicação mensal do Escritório de Política Racial do Partido Nazista. É o que diz aqui. Tiragem de 300.000 exemplares. Exalta e promove as virtudes da Raça Ariana, aponta deficiências no povo judeu e em outros grupos raciais. Aqui tem alguns recortes de jornais com poemas de Nelly Sachs. Agora vou te passar alguns livros e panfletos. Anota aí:

Hermann Esser: Die jüdische Weltpest, Der ewige Jude;

E. H. Schulz und R. Frercks: Warum Arierparagraph? Ein Beitrag zur Judenfrage;

Die Geheimnisse der Weisen von Zion;

Karl Baumböck: Juden machen Weltpolitik;

Nationalpolitische Aufklärungsschriften #16.

– Chega! Chega! – gritou Bernardo. – Já basta! Isso é suficiente para dar uma ideia do que achamos aqui. O que posso anotar aqui como tema geral dessa papelada?

– Aqui tem de tudo. Propaganda nazista, panfletos sionistas em defesa da fundação do estado de Israel, denúncias de campos de concentração, divulgação de acordo entre sionistas e nazistas contra assimilacionistas. Tem até o Protocolo dos Sábios de Sião, obra anônima que o nazismo usa para abonar conceitos arianos e assim legalizar os atos repudiados pela comunidade mundial. Rapaz isso é dinamite pura!

Na escrivaninha havia uma gaveta exclusiva para guardar cartas recebidas. Também tudo jogado desordenadamente: tinha cartas soltas, ainda no envelope aberto pela lateral, envelopes vazios. Dr. Bernardo Bezsler pegou tudo, deu uma arrumada somente para alinhar as folhas, juntou o bloco e meteu o calhamaço dentro de um grande envelope pardo. Subscreveu “CARTAS”, lacrou e deu a Roberto:

– Amanhã ou depois daremos uma olhada nisso tudo. Se você puder ordena tudo por datação. Vamos ver somente as cartas mais recentes, mais próximas da morte do seu Otto.

Dona Ifigênia, que tinha saído discretamente, voltou trazendo nas mãos uma bandeja desmesurada com bules de chá, leite e café, travessas com biscoitos amanteigados, enormes torradas fritas na banha de porco à moda alemã, o que obrigou de imediato a dupla pausar as tarefas para desfrutar o lanche improvisado. Já se aproximava do meio-dia e ainda tinha muito trabalho pela frente. Após o lauto festim com direito a cigarro e descanso rápido os dois policiais desmediram agradecimentos aos talentos de dona Ifigênia, sem o qual teriam que enfrentar o pão cascudo e a mortadela da padaria ao lado se não quisessem morrer de fome.

– Dona Ifigênia só a senhora para nos tirar a barriga da miséria. Faz tempo que não como um lanche tão delicioso, sabe, esse trabalho de polícia é só sangue, desastres, roubos e crimes. Agora, graças a Deus terminamos aqui e só falta aquele corredor ali. Por acaso a senhora sabe o que tem?

– Pelo que sei está tudo abandonado. Era lugar que servia de habitação temporária para as pessoas que exigiam mais discrição. Eram hospedadas ali quase em anonimato. Certo tempo depois ficou sem préstimo algum e seu Otto mandou pedreiro fazer obras aqui e acolá. Mais um ano ou dois tudo ficou mais descuidado ainda. Então este espaço já não tinha função alguma. Para consumar a falência seu Otto mandou retirar a tabuleta da Casa Alemã. Acho que desta vez enfim terei direito a me aposentar...

Antes de prosseguir dona Ifigênia abriu a porta da sala gêmea oposta à que eles acabaram de examinar: tinha também três janelas que davam para a rua e estava mais vazia de objetos. Dr. Bernardo Bezsler deu uma olhada nos únicos móveis presentes: a mesa de desenho com luminária e a bancada de três metros e meio de comprido arrumada ao lado da mesa, ambas entulhadas de material de arquitetura, réguas, plantas, canetas, vidros de tinta

nanquim. Fora isso a sala tinha duas banquetas de madeira sem verniz, ao que parece destinadas a empilhar papeis e outros objetos largados do que acomodar alguém. As paredes nuas de qualquer peça exibiam plasmas de mofo úmido esverdeado e negro.

Roberto Finnstein tratou logo de identificar por alto a parafernália usada por arquitetos e engenheiros espalhada entre a mesa de desenho e a bancada que seguia paralela: gabaritos de quadrados e círculos, chapas de rasuras (mata gato), goniômetro universal, réguas quadriculada, em T, réguas retas e antropométricas, vários tipos de esquadros retos e curvos, estiletes e canetas diversas, rolos de papel vegetal, folhas de papel milimetrado, compassos diversos, canetas nanquim, tubos para guardar projetos, entre a quantidade de pequenos objetos de uso diverso. Vários desenhos ou projetos ainda permaneciam esparramados pela bancada como se tivessem sido examinados há pouco tempo.

Superada essa etapa, os três passaram para o próximo local. Antecedendo o último aposento encontraram outro obstáculo: uma porta de madeira maciça encimada com um arco decorado com a estrela de Davi. Ao que parecia só depois de ultrapassado o portal teriam acesso aos outros cômodos do final daquele andar. Dr. Bernardo Bezsler nem perdeu tempo perguntando à senhora sobre as chaves. Abaixo da estrela havia uma inscrição em língua que o detetive desconhecia:

דכאו´

– Isso parece escrito em hebreu ou coisa parecida – disse Dr. Bernardo Bezsler.

– É coisa parecida, respondeu Roberto Finnstein meio irônico: é iídiche. Como o hebraico, o iídiche também tem caracteres iguais e é escrito da direita para esquerda. Está escrito Dachau.

Enquanto Roberto Finnstein se encarregava da fechadura – dona Ifigênia desta vez nem tentou usar o molhe de chaves – Dr. Bernardo Bezsler preparou a máquina fotográfica para tirar algumas fotografias. Abriu a caderneta e anotou: 1) foto do portal de entrada do segundo andar – e foi numerando e descrevendo assim todas as imagens que registrava. Logo em seguida tiveram acesso a duas fileiras de cômodos paralelos à direita e à esquerda no mesmo formato que o térreo. Um longo corredor seguia até a escuridão cobrir a visão, mas dava para perceber que havia seis ou sete portas de cada lado, frente a frente. Pediu a dona Ifigênia que acendesse as luzes, depois começou a fotografar e anotar tudo na cadernetinha.

– Repara Dr. Bernardo que do lado direito de cada portal está pendurado um pequeno rolo de pergaminho. É chamado *klaf* e contém passagens bíblicas em dois textos escolhidos como ordena o *mezuzah* para proteger a morada e moradores.

– As plantas! As plantas! – disse Dr. Bernardo segurando o braço de Roberto.

Eles tinham acabado de acessar o último recinto do segundo andar. O corredor comprido tinha pouca iluminação mesmo com as luzes acesas. O ambiente mais parecia o de uma velha fábrica abandonada. Dois corredores laterais totalmente isolados seguiam paralelos até o fim do andar que se abria para um pátio. Toda a extensão não cobria mais de seis metros e se abarcava a uma vista. O pátio descoberto tinha apenas dois tanques de concreto de uns

dois metros de altura e um velho gasogênio com as instalações aparentes visíveis ainda conectadas ao aparelho principal, mas tudo estava claramente sem uso.

Dona Ifigênia acompanhava tudo tentando explicar isso e aquilo, mas suas explicações se tornavam disparates ao olhar arguto do profissional. Na verdade quanto mais a senhora tentava demonstrar conhecimento mais se distanciava da realidade. Mas no âmago tudo se tratava de um misterioso problema ainda por elucidar.

– Dona Ifigênia faça o favor de vir aqui – disse Roberto – esta máquina, este aparelho é um gasogênio. A senhora viu alguma vez esse dispositivo funcionando?

– Lembro sim de ter visto seu Otto subir até aqui para ligar esse negócio principalmente quando faltava energia. É daí que saía a energia para as lâmpadas quando faltava eletricidade. Alguma vez também o seu Otto usava o forno para assar um porco, um leitão mais raramente. Na maioria das vezes, porém o seu Otto vinha para cá sozinho, tarde da noite.

Roberto chegou com as plantas e assim puderam identificar as construções a que dona Ifigênia tinha se referido. No meio da papelada Roberto e Dr. Bernardo conseguiram reconhecer os desenhos e modelos que deram origem à obra separando-as das demais. Mas o a identificação parou por aí – nada daquilo que viam aparentava com as construções modernas. Ninguém conseguiria chegar a outra conclusão que não fosse aquela primeira impressão de que se tratava de uma construção industrial desativada. Melhor dizendo: a miniatura de uma planta industrial, pois o espaço em que eles estavam era exíguo, muito apertadinho.

– Dona Ifigênia, a senhora tem alguma lembrança para quê o seu Otto fez essa construção? Qual finalidade que tinha essas salas? O quê se fazia aqui?

– No começo isso não era assim fechado – apontou para as paredes. Era um conjunto de quartos para recolher e abrigar os hóspedes. Pelo que sei todos esses refugiados chegavam aqui fugidos de todo lugar da Europa. Não eram imigrantes como eu e o próprio seu Otto. Nossas famílias vieram para cá a convite do governo brasileiro. Eles não.

Roberto e Dr. Bernardo se olharam tendo a mesma impressão sobre a fala de dona Ifigênia. Havia muito de ressentimento e uma imprecisa fatia de discriminação no tom magoado da voz guardando um ódio impreciso. Antes que se esquecesse do detalhe que logo lhe veio à mente e aproveitando do inusitado da situação, Dr. Bernardo falou:

– Dona Ifigênia, para terminar o trabalho da polícia preciso saber o seu nome completo e o seu endereço. É apenas formalidade para os arquivos sobre a morte do seu Otto. Não agora, antes de sair pegarei esses detalhes.

Depois de fotografar todo aquele ambiente esdrúxulo Roberto e Dr. Bernardo voltaram à sala de arquitetura onde encontraram as plantas e desenhos fuçando os pequenos espaços em detalhes no intento de alguma descoberta. Na verdade faziam uma varredura mira com objetivo de achar um propósito que justificasse a existência daquele ambiente estranho a tudo que já tinham visto. Mas nada de novo encontraram: revisitaram as mesmas plantas, desenhos de arquitetura, papeis usados e em branco, tudo que já tinham visto.

Passaram à sala onde tinha a biblioteca e servia de escritório ao senhor Otto e de novo examinaram tudo com mais detalhe invadindo as minudências, os escaninhos mais acanhados, o lugar insignificante onde se escondiam ínfimos pormenores buscando as miudezas e particularidades entre o pó e teias de aranha. Dona Ifigênia os acompanhava com um terceiro olhar tentando sem sucesso alcançar o pensamento investigativo, querendo decifrar os mistérios, decodificar a abrangência de tudo que ocorria à sua frente, mas teve que se entregar à evidência: era-lhe impossível deduzir as razões daquele procedimento. Resignada falou aos policiais:

– Bem, vou até lá embaixo preparar um chá para mim. Vocês estão convidados, é claro, só preciso de meia hora. Ia dizer algo assim como fiquem à vontade, mas logo se deu conta da inconveniência desse detalhe ante o poder imposto pela autoridade com que os dois detetives agiam.

Foi Roberto quem primeiro se deu conta de um livrinho que ambos já tinham visto na inspeção anterior. Mas agora o olhar era diferente e estava mais atento aos detalhes e prontos a observar a mesma coisa de modo distinto. Alertou Dr. Bernardo sobre sua descoberta:

– Dá uma olhada aqui.

Dr. Bernardo folheou a publicação lentamente, os dois de olhos grudados em cada página pescando detalhes ainda não vistos e quando alcançaram as páginas de ilustrações encontraram fotografias, desenhos de plantas, fotos dos locais como eram no original, as alterações propostas, tudo de modo visual com pouco texto em alemão, os dois amigos se cumprimentaram satisfeitos.

– Isso aqui é parecido com aquilo ali? Roberto mostrou uma fotografia da unidade de Dachau.

– É isso! É isso aí camarada! Só que em escala menor. Dachau era uma fábrica de munição desativada, portanto muito maior, mas a aparência é a mesma.

O odor do café subiu as escadas e atiçou as narinas e estômagos vazios. Eles desceram mesmo sem dona Ifigênia convidar, mas tudo já estava pronto e os dois se sentaram à mesa sem cerimônia. Dona Ifigênia até sorriu ante o atrevimento e não pôde evitar que seu pensamento vagasse pelo passado recente quando era obrigada a aturar as inconveniências de alguns ignorantes que chegavam até a Casa Alemã.

– Vocês parecem duas crianças! Mas também se comportam como algumas pessoas que chegavam aqui vindas das Europa trazendo a bestialidade dos camponeses em vez de se comportar como gente civilizada. Quanta gente inoportuna e censurável que agia de forma imprópria eu tive que aturar a pedido do seu Otto. Ainda bem que tudo acabou...

Depois que disse essas palavras dona Ifigênia se deu conta da censura indevida e pediu desculpas.

– Bem vocês não são como eles – está claro – mas que parecem duas crianças isso parece sim! – disse a senhora repetindo o sorriso maternal que sempre dava quando se desculpava levando os dois a abrir um riso aberto.

– Dona Ifigênia aquele último local que examinamos, onde tem o gasogênio, os tanques, os salões lado a lado, ali tem uma entrada que não achamos. Foi um exame rápido, verdade, assim temos de vasculhar tudinho outra vez. Pensamos que esse trabalho acabaria hoje, mas precisamos de mais tempo.

Dona Ifigênia apenas assentiu conformada quanto à impossibilidade de evitar a ação da polícia. Enxugou as mãos no avental e vendo que Dr. Bernardo e Roberto se voltaram outra vez ao exame do livro se retirou do recinto. Na verdade as "crianças" estavam excitadas com a descoberta que tinham feito e era essa a razão do riso, mas dona Ifigênia não se deu conta – não sabia de nada. O café foi acompanhado de algumas palavras de Roberto que tentava traduzir as letras góticas com que o texto foi impresso.

– Dr. Bernardo ouve isso:

"A Unidade de Dachau foi criada em março de 1933. Foi o primeiro campo do Governo Nacional Socialista. A princípio a finalidade era treinar membros da SS. Funcionou tão bem que a organização física e administrativa de Dachau serviu de modelo. A unidade era dividida em duas seções: espaço de hospedagem e área de crematório. O recinto de acolhimento consistia em 32 quartos para presos e poucos restritos a médicos para experiências científicas".
"A administração da unidade ficava na portaria da entrada principal, depois os prédios auxiliares da cozinha, lavanderia, tanques, chuveiros coletivos e oficinas. A prisão abrigava toda sorte de gente: Ciganos, Testemunhas de Jeová, Homossexuais, Judeus, Católicos, Prostitutas, enquadrados em acusações como comportamento antissocial ou marginal fora do

padrão nazista. Tinha gente de toda origem: polacos, eslovacos, checos, alemães, franceses, russos, austríacos".

"Depois construíram câmaras de gás que tinham portas hermeticamente fechadas com o interior impregnado de gás, para testar o processo de assassinato em massa, torná-lo mais eficiente e menos traumático".

– E assim vai até o fim – disse Roberto. Agora vê só as figuras que assinam o texto: Reinhard Tristan Heydrich, Heinrich Luitpold Himmler e Odilo Lotario Globocnik. O que você acha? Será que estamos diante da réplica em miniatura do Campo de Dachau?

– Porra! – respondeu Dr. Bernardo – nós estamos pensando igual demais. Vê aí qual o nome dessa publicação.

Roberto folheou o livrinho e não encontrou nada. A publicação estava sem capa, não tinha folha de rosto, nada. Na verdade não era publicação feita por editora. Era coisa de alguma entidade. Só na última página em letras miúdas ele achou algo escrito que pudesse identificar o folheto.

Freiheit und Brot!

Bedienungsanleitung - Bau der Umerzihung Einheiten NSDAP Feinde

Rebellen, Juden, Zigeuner, Dirnen, assimiliert vom Führer verurteilt

– Bem, disse Roberto, a publicação abre com o slogan: Liberdade e Pão! Em resumo e mal traduzindo é um manual de instrução para a construção das unidades, para que servirá e a quem se destinará. Aqui diz que será para reeducação de judeus, ciganos, comunistas e

opositores do regime. Mas já se tem notícia dada como certa – não é boataria – que se tratava de campo para neutralização e eliminação de todos os opositores.

– Droga! – exclamou Dr. Bernardo – e eu que pensei resolver isso em pouco tempo para ver se encontro alguma brecha no Caso Zweig, já vi que isso aqui é um ninho de maribondo. Companheiro, vamos ter que fazer uma reunião com Dr. Moraes para explicar direitinho toda essa história, tintim por tintim.

– Bem pensado – disse Roberto – a coisa pode crescer e fugir de controle. Precisamos também de uma ordem de vistoria para a residência de dona Ifigênia não acha?

Dr. Bernardo concordou com o colega e antes de sair – sem sequer se dar conta da cara de perturbação e assombro que a senhora fez ao ouvir o inesperado palavrão – anotou na cadernetinha o nome e endereço completos ditados por dona Ifigênia com visível má vontade.

Os dois policiais na verdade e no íntimo pensavam em limitar as deferências com dona Ifigênia depois que ela os igualou aos refugiados e deu sinais de discriminação. Fizeram as despedidas formais, agradeceram o lanche e seguiram contentes para a delegacia levando as plantas, a publicação sobre Dachau e a imprescindível cadernetinha de Dr. Bernardo com as notas e observações feitas.

– Depois de revelar as fotos nós teremos em mãos um farto material para analisar – disse Dr. Bernardo. – Notou o comportamento de dona Ifigênia? Aquilo é jeito de falar? A santinha está botando as unhas de fora.

– Você fez bem em pegar a identificação dela. Vamos varrer... Vamos fazer uma varredura.

– Bom dia Dr. Roberto Finnstein! – disse Dr. Bernardo dando tom solene ao cumprimentar o colega. – Levando trabalho para casa? – A ironia foi por conta de encontrar Roberto de manhã cedo já debruçado sobre a pilha de cartas encontradas na Casa Alemã. Roberto examinava a correspondência de Otto Nils e ao mesmo tempo escrevia comentários em folhas de papel à parte.

– Sabe que levei mesmo? Isso porque preciso de um dicionário para decifrar esse texto que tem muitas falas regionais – disse Roberto. – O meu alemão é mais oral do que literário. Aprendi com meus avós e meus pais a fala cotidiana, agora escrever e ler é outra coisa.

– Espera um pouco, vou pegar café. Você quer café ou mate?

– Mate. Traz uma lasquinha de limão também, por favor.

Alguns minutos depois Dr. Bernardo chegou com duas xícaras soltando fumaça. A manhã estava fria e úmida, mas sem chuva. Mais cedo caíra aquela garoa comum das serras que logo se transforma em névoa para se dissipar escorrendo grudada por sobre os montes.

– Você tá com uma cara! Dormiu mal?

– Ara! Sabe o que é amanhecer tendo que dar bronca na filha, mesmo estando com vontade de fazer um carinho? Coisa de escola... Namorados... Adolescentes... Já te aconteceu isso?

– Todos os dias. Sempre. Se servir de consolo, não é exclusividade tua. E ainda temos muito tempo à frente para aturar as nossas crianças. Mas o que temos aí nessa maçaroca de papel?

– Aqui tem de tudo: é um saco de gatos. Correspondência com entidades sionistas e nazistas. Em princípio logo reparei que o senhor Otto Nils recebia – ou fingia receber – instruções e ordens de tais entidades. Sabe aquele cara que não nega nada para ninguém e tira proveito de tudo?

– Ah, um agente duplo.

– Mais ou menos isso. Atende a todos e também recebe dinheiro de todos. A sua atuação foi reconhecida como útil por uns e recebida com desconfiança por outros. Juntando tudo tem suficiente material para dar como suspeita a morte de Otto Nils e iniciar um processo. Associação a nazistas, associação a sionistas, imigração irregular, etc. E a pergunta que não quer calar: Onde estarão os refugiados, exilados e imigrantes que a Casa Alemã acolheu nesses anos de atuação?

– Ai meu Deus! Eu que estava feliz por não estar no caso Zweig e agora você me vem com essa!

– Lamento muito Sherlock Holmes, mas o Dr. Watson está aí para confundir, para dificultar. – Roberto respondeu com uma gargalhada e deu um gole no mate quente com limão: – Está delicioso!

– Entretanto caro Watson – Dr. Bernardo entrou no clima dos mistérios de Conan Doyle – antes de tomar qualquer iniciativa é importante marcar reunião com o Dr. Moraes e pôr o delegado a par de tudo. Sem isso nada será possível.

– Claro, é claro. Mas me deixa concluir tudo aqui, farei também um relatório sucinto só com o estrito, o substancial, porque sabemos que o patrão odeia a prolixidade dos registros alongados. Antes de entregar tudo a ele vamos fazer uma leitura conjunta.

– Eu também irei fazer algumas anotações e dar telefonemas como quem não quer nada, falar com os vizinhos de nossa querida Maria Ifigênia Malman.

– Só para estimular a tua curiosidade, dá uma olhada neste recorte com texto sublinhado que achei entre as cartas. É de um jornal inglês de 1938 que entrevistou Ben Gurion líder do movimento Sionista Trabalhista e hoje Chefe de Estado israelense:

“Se eu fosse escolher entre salvar todas as crianças judias da Alemanha trazendo-as para a Inglaterra ou apenas metade delas levando-as para Israel, eu escolheria a segunda opção, pois tenho de levar em consideração não apenas a vida das crianças, mas também a história do povo de Israel”.

– Caramba! Isso tá cheirando a infanticídio. A bíblia tá cheia de histórias assim – é muito fanatismo. Onde já vi isso? Hum, deixa ver... Herodes? Evangelho de Mateus? O massacre dos inocentes?

– Na verdade vem bem de antes meu caro. Vem do Antigo Testamento, Jeremias:

“Em Ramá se ouviu um grito, um coro amargo de imensa dor. É Rachel a chorar por seus filhos – e não quer ser consolada porque eles não mais existem”.

– Como é bom ser amigo de gente culta, instruída!

– A etapa subsequente ao processo de “desassimilação” foi a transferência de contingentes significativos de judeus para a Palestina. Rudolf Kastner, outro nobre paladino do sionismo foi de fato quem negociou pessoalmente com Eichmann a deportação dos judeus da Hungria para a Palestina. Mas em troca de quê?

– Dr. Bernardo, além da ambiguidade de comportamento – vamos dizer assim – o nosso querido defunto Otto Nils ignorou várias reclamações e pedidos oficiais para fornecer endereços de imigrantes acolhidos pela Casa Alemã. Não existe nenhuma indicação que ele tenha se dado o trabalho de responder a essas cartas e ofícios. Em nenhum dos pedidos ele anotou “Respondido”, não datou e rubricou como procedia com a correspondência em geral.

– Vai anotando, vai anotando. Vamos encher a cabeça do Dr. Moraes com todos esses detalhes para ver se ele se anima, esquece um pouco o caso Zweig e nos dá uma força. Aqui tudo indica que havia algo tipo – ou a Palestina ou a Morte.

– Falar em Stefan Zweig, olha aqui a maior surpresa que tive: duas cartas remetidas por ele da Inglaterra para Otto Nils, ambas são de 1938. Stefan Zweig andava na corda bamba entre sionistas e partidários da assimilação – ele mesmo era um destes. Sua família desde há tempos havia assumido a nacionalidade austro-húngara. Ele próprio se considerava austríaco, ali fez os estudos e foi da Áustria que se lançou ao mundo.

– Otto trocou cartas com Stefan Zweig? Não brinca! A nossa querida Ifigênia nem sequer nos deu uma dica, não é? Vai ver é esquecida ou acha que não nos interessa.

– Ocorre que Stefan Zweig, por conta do arresto de bens de família, sempre bateu de frente com os sionistas ainda que tivesse amigos entre eles. Ele sabia do acordo entre sionistas e nazistas consolidado com o Haavara e chegou aqui gravemente abalado após saber que seus bens tinham sido incluídos no programa Kapitaltransfer nach Palæstina. O informe da participação de judeus notórios saiu no Jüdische Rundschau em nota assinada por Leopold von Mildenstein e Kurt Tuchler. Neste caso soava como se fosse iniciativa espontânea da família Zweig.

– Não é verdade que Dr. Bock, advogado e contador da família desde o tempo do velho Moritz foi dado como desaparecido, mas estava prisioneiro da SS e depois foi encontrado em total alienação a bordo do M/V Sierra Ventana com destino a Buenos Aires?

– Isso é que se pode chamar golpe de mestre – disse Dr. Bernardo. Vou ver se consigo agendar a reunião com o Dr. Moraes antes que seu Getúlio ou Dr. Filinto Müller tome nossa dianteira.

Poucos minutos depois Dr. Bernardo acenou da porta chamando Roberto para a reunião. Pelos gestos ele estava com pressa. Roberto tentou se armar com as cartas e notas, mas Dr. Bernardo sinalizou para largar tudo:

– Vai ser apenas uma conversa. Depois apresentaremos o resultado da investigação junto com as evidências. Vamos, vamos, antes que doutor Moraes seja chamado: ele terá reunião com o Filinto Müller e o delegado do Distrito Federal.

Os dois detetives se postaram diante de uma grande mesa entulhada de papeis por ler, despachar e assinar. Dr. Moraes estava ao telefone e falava pausadamente. Fumava um charuto à moda Getúlio: soltava baforadas para o alto e batia a ponta no cinzeiro de cristal. Mas não se tratava de imitação, não: Dr. Moraes sempre gostou de fumar charutos baianos principalmente nas horas mais tensas. Era jeito de relaxar um pouco, de jogar fora a pressão que caía sobre seus ombros.

Com a mão direita apontando com o enorme charuto Suerdieck fez um gesto para os dois se acomodarem nas poltronas de couro diante da mesa. Falou mais alguns minutos, se despediu e cumprimentou a ambos com forte aperto de mão:

– Então rapazes, o que temos? Não pensei que recolher defunto fosse coisa grave – disse com ironia.

Dr. Bernardo tomou a iniciativa e explicou de memória a atuação da equipe, ressaltando cada movimento novo que surgia e merecia suspeição. Dr. Bernardo interviu nos

espaços deixados e assim conseguiram montar uma visão de tudo que havia sido investigado. Como desfecho, deixaram bem claro a necessidade de estender a sindicância, ir mais fundo para averiguar os detalhes que faltavam e preencher o vácuo que existia entre um fato e outro.

– Temos necessidade de autorização para busca e apreensão de documentos em pelo menos dois imóveis. Para interrogatório e depoimento também.

O telefone tocou. Dr. Moraes colocou a mão sobre o aparelho, mas antes de atender recomendou aos policiais:

– Tudo bem, tudo bem, Dr. Bernardo e Roberto, sigam em frente. Peguem as autorizações necessárias, tomem as providências cabíveis, tudo que for preciso. Só peço que me mantenha informado. E cuidado com os detalhes, hoje em dia caminhamos pisando em ovos. Os Judeus nos acossam, os Nazistas e Fascistas nos provocam, os Aliados nos pressionam. Dr. Getúlio está no meio do fogo cruzado entre acusações e promessas. Nós estamos aqui para protegê-lo dessa artilharia.

O telefone insistiu, tocou mais duas vezes. O Delegado pegou o fone e atendeu:

– Quer aguardar um momento, por favor?

– Querem saber de notícia em primeira mão? Vamos entrar na guerra ao lado dos Aliados. Só que o Dr. Getúlio não quer que o Brasil saia de mãos abanando. É questão de detalhes... Então vamos direcionar nossa atuação tendo esse objetivo em mente. Ah, essa notícia é confidencial, hem? Fica só entre nós.

Estendeu a mãos a ambos se despedindo:

– Sigam em frente, continuem. Quem sabe não sai alguma coisa disso tudo? Estou precisando de resultados, de tarefas que tragam crescimento à nossa cidade, à nossa delegacia. Em frente, em frente!

Os dois colegas saíram tendo a roupa, os cabelos e as mãos impregnados com o perfume do charuto Suerdieck.

Estando de posse da papelada que os autorizava a expandir a investigação sobre Otto Nils que também incluía dona Ifigênia Malman, Dr. Bernardo e Roberto tomaram rumo da Casa Alemã. Mais uma vez Dr. Bernardo preferiu dirigir pelas ruas desertas e tranquilas do Morro dos Velhacos, ainda que o itinerário que cruzava vários bairros pela estradinha fosse mais demorado. Assim tiveram tempo de montar uma estratégia para o dia. Enquanto transitavam pelas casas recém-acordadas – os moradores de Indaiá e Quitandinha apenas iniciavam o labor cotidiano – os policiais trocavam ideias e comentavam algumas descobertas.

Dr. Bernardo relembrou da comparação que fez entre as fotos de Dachau e as tiradas por ele no dia anterior:

– Essa construção da Casa Alemã me deixou zonzo. Dá uma olhada nessas duas fotos! Estou impressionado com a aparência dos prédios. Pode se dizer que um é a maquete do outro. E mais: qual seria o objetivo de tudo isso? Será que o Otto Nils ficou maluco depois de

velho? É uma coisa a indagar a dona Ifigênia. Aliás, por inteiro e com toda pompa: dona Maria Ifigênia Malman.

Roberto pensativo corria a vista pelas ruas arborizadas de Independência e por fim resolveu fixar os objetivos do dia:

– Dr. Bernardo, o melhor a fazer hoje é a gente se dividir. Enquanto você conversa com dona Ifigênia na Casa Alemã eu trato de fazer a varredura na residência dela. A autorização que nos foi dada não exige a presença de ninguém, ademais posso dizer que não a encontrei em casa. Dona Ifigênia mora sozinha no mesmo bairro na Rua Coronel Land que é logo ali, depois de passarmos por Duas Pontes. Vamos tomar o tradicional cafezinho do armazém, de lá você telefona para dona Ifigênia para ter certeza de que ela está na Casa Alemã. Então descemos a ladeira, fico na Rua Coronel Land e você segue em frente. Que acha?

– Feito – respondeu Dr. Bernardo sem mais comentários.

Dr. Bernardo ainda passou pela Rua Gonçalves Dias e vendo algum movimento parou para beber um chá no Café Elegante. Tinha pouca gente de cara estrangeira, apenas repórteres e escritores teimosos acostumados a furos e histórias de mistério, habituados a tirar leite de pedra. Ali seria o local ideal para descobrir coisas, por isso Bernardo agendou de memória de fazer uma visita ali com Roberto. Depois seguiu em frente, chegou a Casa Alemã e cumprimentou dona Ifigênia, usando a tática de pacificar a cabeça dela:

– Acho que hoje encerraremos nosso trabalho...

Dona Ifigênia não respondeu nem pensou em indagar por que Dr. Bernardo viera sozinho. Ele aceitou outro café – a vida estressante de policial exige altas doses de cafeína – e os ambos escalaram as escadas para o segundo andar:

– Dona Ifigênia, é imperioso examinar a entrada daqueles dois últimos cômodos para instruir o processo. Somente a senhora pode me dar condições de acessar o interior dos mesmos. Espero que não tenha de trazer o Dr. Roberto de novo para abrir as fechaduras.

Mas Dr. Bernardo não iria precisar de chaves. Dona Ifigênia o levou até os fundos na pequena área onde terminava o andar. Ali foi construído um falso muro em forma de L de onde se conseguia acessar a entrada das alas. Na primeira olhada o detetive viu que o recinto era bem menor do que aparentava e tinha apenas duas divisórias. A iluminação deficiente tinha como origem dois retângulos no teto cobertos por telhas de vidro transparentes. A abertura de entrada de ar – se pode se chamar assim – consistia num filamento quase invisível existente entre a parede e o telhado que somente era visto porque um tênue facho de luz se infiltrava dali.

Aquele não seria local adequado para ser habitado porque nenhum ser humano suportaria a falta de circulação de ar, nem o frio congelante do inverno, nem tampouco o calor dos dias de verão. Ademais o cheiro de mofo delatava a existência de fungos e bactérias – só Deus sabe lá o mal que isso acarreta aos pulmões de cada um, crianças ou idosos. Instalações sem uso interligavam o gasogênio ao ambiente por uma entrada tubular que agora estava vedada com cimento.

Aliás, a existência do gasogênio ainda era um mistério. Para que serviria? Como aquecedor? Como fornecedor de luz e gás como justificou dona Ifigênia? A única coisa que poderia ser confirmada é que havia ligações tubulares que indicavam conexão com aqueles diminutos recintos. Dr. Bernardo tratou de fotografar tudo em mínimos detalhes e teve que usar o flash para tirar fotos do interior. Na área do lado de fora convidou dona Ifigênia para aparecer em algumas fotos ao que ela vaidosa acedeu sorridente e com prazer.

Dr. Bernardo só por obrigação de trabalho repetiu todo o serviço, bem devagar, no recinto que fora construído ao lado desta sala. Reparou (anotou na cadernetinha) que ambos os ambientes se completavam, eram construções gêmeas, simétricas, revestidas de cimento, iguais em tudo. Mesmo assim ele se deu ao trabalho minucioso de fotografar o local, ação que só interrompia para fazer anotações na caderneta. A extremidade do piso superior terminava de modo abrupto, a laje colando na grande pedra de granito. A vegetação rasteira de grama e arbustos cobria o pequeno morro ao fundo, os filetes de água que desciam entre o musgo dava um ar natural e bucólico ao ambiente.

Quando se deu conta Dr. Bernardo reparou que aquela trabalheira havia levado o relógio para perto das onze horas. Com o objetivo de esticar o tempo o máximo possível para que seu colega terminasse também a sua operação e desse as caras ficaram ambos conversando no local descobrindo minudências e detalhes ainda não esclarecidos. Foi o que aconteceu. Dentro de minutos soou a chamada na porta e Dona Ifigênia tratou de ir atender. Era Roberto que, entre cumprimentos de praxe a dona Ifigênia, pedia humildes desculpas a Dr. Bernardo pelo atraso.

– Acontece que você chegou na hora – disse Dr. Bernardo. Estava precisando de alguém para me fazer companhia no almoço... Antes, porém, venha dar uma olhada rápida nos recintos do segundo andar onde acabei de fazer a inspeção. Só para você tomar conhecimento.

Novamente Dr. Bernardo, dona Ifigênia e Roberto subiram as escadas. Em lá chegando Dr. Bernardo mostrou tudo o que viu, detalhou alguns locais (como a desativada entrada circular de tubulação que conectava o gasogênio às salas), para que o olhar mais atilado do colega guardasse algum detalhe não visto. Ele reexaminou também algumas partes, mas antes de finalizar Roberto se lembrou de indagar sobre o estado de saúde de Otto Nils antes do falecimento:

– Dona Ifigênia, tudo isto que a gente verificou e ainda está desvendando com alguma surpresa, deixa a suspeita de que seu Otto poderia estar agindo como um criminoso ou então com algum problema mental. Por acaso a senhora reparou na convivência diária alguma falha nele, algum ato que pudesse confirmar essa desconfiança? Teve algum pressentimento ou conjetura de que ele estivesse agindo de forma estranha, fazendo coisas que a senhora ignorava?

Dona Ifigênia ficou pensativa alguns minutos e por fim respondeu:

– Bom, pela idade dele era natural que coisas assim acontecessem, não é? Algum esquecimento aqui, gagueira e falhas ao falar, palavras trocadas, mas nunca pensei que ele estivesse ficando louco. O que posso dizer que o seu Otto sempre agiu de maneira sóbria, tomando decisões com sabedoria e sensatez. Ele sempre recebeu cartas elogiosas de gente importante e teve seu trabalho reconhecido. Tudo que fazia era com muita discrição,

prudência e bom senso, seus atos eram acompanhados com a rigidez do pensamento alemão que herdou de seus antepassados.

Roberto agradeceu à dona Ifigênia as informações, pegou o envelope com autorização judicial e entregou a ela:

– Dona Ifigênia, isto aqui é uma intimação para a senhora. Aqui a justiça autoriza vistoria à sua residência e também à Casa Alemã, ordena a busca e apreensão de papéis, documentos, tudo que for do interesse da investigação. Esta intimação serve para a senhora ter tudo oficializado. Ao fim o Dr. Moraes, Delegado de Petrópolis, agradece a sua colaboração no que for necessário. Isso praticamente encerra esta fase da investigação. Depois disso tudo a senhora será convidada a ir à Delegacia assinar os papéis e receberá cópia de tudo. Podemos marcar a visita para amanhã?

Dona Ifigênia concordou sem ressalva, mas comentou:

– Puxa, não pensei que fosse assim tão complicado. Vocês podem me visitar a qualquer momento, sem precisar autorização.

Dr. Bernardo pegou a deixa para fazer as despedidas:

– Pois é dona Ifigênia – ainda dizem que a polícia não faz nada! A que horas podemos passar lá?

– Neste mesmo horário está bem. Sou de acordar cedo, como você vê. E deixe para tomar o café da manhã comigo, assim será mais prazeroso.

– Mais uma vez estamos gratos por tudo dona Ifigênia. A senhora aceita ir até o centro almoçar conosco? – perguntou por formalidade, sabendo que ela recusaria como o fez. Depois se dirigiu a Roberto: – Bem meu caro colega, isso é tudo, foi esse o trabalho que você não viu e não participou. E por isso está multado para pagar o *kassler* defumado com salada de batatas do D'Ângelo... Aviso: não dispenso o chope preto, mesmo tendo que voltar ao trabalho!

No trajeto entre a Casa Alemã e o centro os dois puderam conversar livremente. Dr. Bernardo reparou que Roberto não mostrava aquela expressão exitosa – digamos – de ter cumprido bem a sua missão:

– Poxa! Está com uma cara de decepção. Que foi? Não conseguiu nada lá?

– Realmente eu esperava mais. Nunca vi casa tão bem arrumada e tão limpa. Uma limpeza, um asseio, uma higiene que só se vê nos hospitais.

– Isso pode ser herança dos antepassados germânicos.

– Só reparei em duas coisas que podem interessar. Dona Ifigênia é excelente ervateira, partidária da medicina natural. É provável que sofra de insônia, pois encontrei muitos potes de ervas e raízes calmantes prontas para fazer chá e infusão. Medicamento de farmácia só tinha o Veronal e morfina em pó para preparo de pomada.

– Espera um pouco, não foi tal de Veronal que encontraram na cabeceira de...

– Exatamente! Também Stefan Zweig tinha problemas para dormir. E sabemos que o seu médico era nada menos que Dr. Freud, conhecedor dos mais modernos tratamentos fármacos e químicos...

– E muito! É de se imaginar debaixo de quanta pressão o pobre Zweig vivia. E ele não teve tempo de aprender a eficiência dos chás e infusões de erva-cidreira nem os efeitos calmantes das folhas e flores de camomila da nossa terra.

– Mas conhecia as receitas do Dr. Freud tanto quanto creio que dona Ifigênia também conheça. Ela tem bem uns vinte potes de vidro com ervas e raízes preparadas prontas para uso. Tem inclusive a perigosa Erva-de-são-joão eficiente no combate a depressão, mas se transforma numa droga poderosa se usada em excesso. Raiz de valeriana que melhora o sono, apesar do gosto amargo.

– Você disse que encontrou duas coisas. Qual a segunda? Vamos ver se a peregrinação na mansão de dona Ifigênia compensa o risco de ser acusado de invasor...

– Bom. Encontrei algumas publicações semelhantes àquelas que Otto Nils recebia. Até aí nada de mais. A correspondência de dona Ifigênia com seus antepassados europeus não era tão vasta quanto à do Otto. A surpresa: duas ou três cartas trocadas com a primeira mulher de Zweig, Friderike Maria. O tema também era a vinda de Zweig para o Brasil. Friderike apesar de separada ainda se preocupava com ele.

– Será que foi dona Ifigênia quem sugeriu a vinda para Petrópolis?

– Nas cartas Friderike mostra preocupação em conseguir boa habitação para o casal Zweig.

– Isso também é bem europeu, não é? Ex-mulher ajudando o ex-marido e a nova esposa... Isso não acontece em nossa terra, não é Roberto?

– É verdade. Acho que isso se deve ao fato de Friderike reconhecer que, apesar da capacidade mnemônica e assimilativa de Zweig para se baralhar a diferentes ambientes de maneira tão vulgar e natural como fosse seu próprio modus vivendi, sabia também da fragilidade psíquica e da propensão ao suicídio que acompanha cada judeu desde tempos imemoriais.

– De qualquer modo descobrimos que existe certa intimidade não declarada tanto entre Zweig e Otto quanto entre Friderike/Lotte e dona Ifigênia. Como você disse: – Vamos varrer! Vamos varrer!

No dia seguinte Dr. Bernardo e Roberto trataram de se equipar cedo antes que Dr. Moraes chegasse e assim evitar questionamentos sobre o caso em andamento. Tudo caminhava para o final, mas existiam algumas arestas e pontos críticos a serem acertados. Deram apenas cumprimentos breves e trocaram alguns comentários com colegas que também chegavam ao trabalho, cada qual atarefado em excesso como sempre ocorria quando Getúlio Vargas transferia o gabinete governamental para Petrópolis. Beberam rapidamente o cafezinho que estava saindo e trataram de cair fora.

A caminho da casa de dona Ifigênia os colegas comentavam sobre o cotidiano da cidade. O Petropolitano FC sofreu nova goleada do Madureira AC: 6 a 1.

– Pelo menos não foi tão vergonhoso como os 8 a 2 que sofremos ano passado... Ficou na história a goleada de 9 a 3 que o Serrano levou do Bonsucesso em 1933.

– Ah o futebol de Petrópolis... Coragem! Estamos melhorando. Mas viramos freguês.

– No mesmo ano em que o automóvel do Presidente Getúlio foi atingido por uma pedra na Estrada Rio-Petrópolis. Chovia demais. Mas o acidente não tirou o amor de Getúlio pela nossa cidade.

– Nem suas escapadinhas até Juiz de Fora para assistir um show privado de certa vedete... – disse Roberto reforçando a ironia com estrondosa gargalhada. Dr. Bernardo manobrava em direção ao armazém para tomar o cafezinho quando Roberto alertou:

– Ei, espere aí! Lembre que fomos convidados para o farto café de dona Ifigênia. Torrada na banha de porco, ovos com bacon, pão de mel e outras coisinhas mais. Se continuar assim até este o caso acabar estaremos gordos como dois porcos.

Chegando lá foi como haviam previsto. Dona Ifigênia os recebeu à porta usando avental florido sobre vestido de tom gris muito discreto e apropriado à sua personalidade. Caminharam direto para a sala onde a mesa farta convidava para o café da manhã. Poucos

hotéis poderiam oferecer tanto. Depois de acomodados dona Ifigênia entrou com bules de chá, leite, café e chocolate. Ela nomeou o conteúdo apontando para cada um dos vasilhames:

– Escolham o que preferir. Quanto à mesa, não pensem que é muito: sirvam-se à vontade e gosto. Daqui a pouco as vizinhas virão tomar café comigo. É tradição.

Os colegas já tinham toda intimidade e estavam à vontade. Conversaram sobre assunto variado que não pôde deixar de incluir a guerra que se alastrava na Europa, efervescência que atingia o Brasil, terra recheada de imigrantes e descendentes de alemães, italianos e japoneses e os reflexos que atiçavam o cotidiano da bucólica Petrópolis.

Depois do café Dr. Bernardo fez o convite formal:

– Por favor, dona Ifigênia pode nos mostrar a casa?

O pedido foi imediatamente obedecido, além da sala havia ainda a saleta que guardava a pequena biblioteca, piano de armário, poltrona confortável e escrivaninha. A janela refletia em tiras o sol da manhã. Roberto reparou que os medicamentos da farmácia tinham desaparecido ou mudado de lugar. O vidro de Veronal, a morfina em pó, o óleo e petrechos para preparo de pomadas. Depois descobriu que tudo estava arrumado num armário branco de parede. Roberto fez questão de pegar um a um, examinar o rótulo e conteúdo, tudo à vista de dona Ifigênia.

Depois passou a verificar as gavetas da cômoda e foi lá que encontrou as cartas que tinha visto na véspera. Olhou os envelopes com os mesmos cuidados e também sob o olhar

ansioso de dona Ifigênia. Certa vez, estando com uma carta na mão, de novo foi o Roberto ator que atuou naquela hora:

– Dona Ifigênia – disse ele fingindo surpresa – a senhora se correspondia com dona Friderike Maria, a primeira esposa de Stefan Zweig!

– Sim, trocamos algumas cartas depois que o Sr. Otto recebeu pedido para procurar casa para o Sr. Zweig. O senhor lê alemão? Então poderá ver que dona Friderike se preocupava em arquitetar um ambiente adaptado às necessidades do Sr. Zweig. Ela conhecia esses detalhes com maior justeza que dona Charlotte.

– Posso levar as cartas? Depois serão devolvidas intactas, não se preocupe. Não dá para ver tudo aqui e se tiver algum assunto relativo à morte do Sr. Otto terá que ser relatado no inquérito.

– Não tem problema, disse ela, foram duas ou três cartas. Depois que o Sr. Otto escolheu o local, a casa sofreu uma reforma e eu mesma fui fazer a limpeza e arrumação do jeito que dona Friderike pediu. Acho que o Sr. Zweig gostou do que viu quando se mudou para cá. Achou o espaço arranjado a seu modo – principalmente o escritório, réplica quase perfeita que fiz seguindo desenho de dona Friderike do seu cantinho na Inglaterra.

– Parece que as preferências do Sr. Zweig eram bem mais conhecidas por dona Friderike... Até a escolha da casa construída numa pequena colina com vista para a mata, as serras...

– Não é estranho que alguém erga um espaço com tanto cuidado, fazendo tudo como quem se prepara para residir aqui muito tempo e decida se suicidar pouco depois? Coitado do Sr. Zweig: morreu sem adivinhar que tínhamos organizado tudo para que envelhecesse aqui, seguindo instruções de dona Friderike. Não a conheci, mas vi que era mulher de educação e personalidade superior.

– A correspondência entre Otto e Stefan Zweig tinha o mesmo sentido? – perguntou Roberto.

– No começo tinham sim. Mas não posso falar de todas as cartas. Não conheço tudo. Havia particularidades, intimidades, questões que a mim não dizia respeito, nem cabia me intrometer ou interpretar.

Roberto notou o tom reticente. Ele percebeu que Dona Ifigênia não queria entrar num assunto delicado: certa hora as cartas começaram a tratar de sentimentos pessoais. O detetive deduziu que em certo momento o escritor se deixou dominar pela personalidade forte e persuasiva que Otto Nils possuía e a relação se transformou em caso de amor!

– Tem algumas que desconheço – continuou dona Ifigênia cortando os pensamentos de Roberto – mas sei que eles falavam também de política, sobre associações judias. Ao fim perceberam que tinham opiniões contrárias. Aí tudo acabou. Quando seu Zweig se mudou para cá os dois já não tinham a mesma relação de amizade. Não digo que eram inimigos, mas interesses poderosos destruíram o vínculo nascente.

Roberto na verdade já sabia de muita coisa, mas inquiria com intenção de confirmar. Muitas vezes dona Ifigênia cuidou da casa de Stefan Zweig antes e depois dele se mudar. Fazia limpeza periódica, prestava pequenos serviços, botava cartas no correio, arrumava pessoas para lavar e passar roupas e conversava com dona Lotte.

– A senhora pressentiu alguma altercação grave na troca de cartas? Alguma traição, desonestidade, coisas assim?

– Tudo mudou quando a política se meteu entre eles. É uma pena: no começo os dois se davam tão bem. Depois cada um viu que eram judeus, mas de lados diferentes. Seu Otto tinha preferência pelos sionistas, seu Zweig era claramente a favor de que os judeus pudessem morar em qualquer país e se tornar cidadão. Era isso que ele pretendia ao vir para o Brasil: queria ser brasileiro.

Roberto lançou um sinal invisível para Dr. Bernardo e este se aproximou para ouvir a conversa. Pela primeira vez dona Ifigênia se abria de modo sincero, sem temor de que o interlocutor fosse autoridade policial, como até então ocorria.

– Depois disso o seu Otto mudou de modo radical o tratamento pessoal que até então tinha com senhor Zweig. Quando recebia carta fosse do Sr. Stefan fosse dos amigos sionistas tratando do assunto ele ficava vermelho, caminhava para lá e para cá com a carta nas mãos lendo textos, fazendo comentários irritados em voz alta, tudo acompanhado com gestos de ódio.

– “Essa será a minha missão! Essa será a minha missão!” Ouvi dele essas palavras depois de uma carta que recebeu da Associação Sionista Alemã. Conheço bem essas cartas. São aquelas que têm o símbolo da águia sob a assinatura do remetente. Ele considerava essas cartas mais importantes do que as demais. Dava especial atenção, guardava num escaninho especial reservado a elas e tratava de responder logo.

Depois de relatar todo aquele turbilhão de uma só vez, dona Ifigênia respirou fundo, como se tivesse tirado um peso da consciência. Serviu-se de um copo com água que bebeu lentamente. Depois se voltou para Dr. Bernardo.

– Notei que nunca mais seu Otto falou nem se correspondeu com seu Stefan. E após a mudança da família Zweig para Petrópolis as raras vezes que falavam era por telefone. Em muitas ocasiões fui enviada lá para tratar de assuntos de ambos: servia de correio entre os dois. Além disso, eu prestava assistência à dona Charlotte, fazia compras para a casa, encomendava remédios, marcava médico, levava e trazia correspondência do correio. Mas isso quando havia algum impedimento do casal. Na realidade eram pessoas ativas que gostavam de fazer tudo eles mesmos.

Dr. Bernardo, que passeava pelo local onde havia o pequeno laboratório de ervas, das prateleiras cheias de potes de ervas, aproveitou para desviar o assunto:

– Dona Ifigênia pelo que vejo a senhora é adepta da medicina caseira. Esta estante está cheia de coisa boa para a saúde.

– É verdade – disse ela com certo orgulho – nada como um chá de ervas para curar febre e dor, acalmar os nervos e fazer um sono reparador. São mais eficazes que muito medicamento de farmácia. Ademais não agridem o corpo, pois é tudo natural.

– Sim – disse Dr. Bernardo. Camomila, por exemplo, é excelente para insônia, mas o meu médico dá preferência ao Veronal. E quando somos agredidos em alguma ação violenta lá vem Dr. Jorge Coelho e suas pomadas e injeções de morfina, não é Dr. Roberto? Sofremos muito nas mãos do Dr. Jorge...

Dr. Bernardo ficou de olho na reação de Dona Ifigênia e percebeu nela acender uma luz de desconfiança. Mas essa suspeita logo passou quando ela respondeu:

– Eu também tenho morfina em pó, óleo mineral, cadinho e petrechos para preparo de pomadas e analgésicos. Mas só faço uso da morfina em caso grave, quando os chás e infusões não dão conta do mal que me aflige. Não sou contra a medicina, mas prefiro produtos naturais.

– Dona Ifigênia, como já explicou o Dr. Roberto daqui a alguns dias a senhora será convidada a ir à Delegacia assinar papéis e dar maiores esclarecimentos se quiser. A Casa Alemã será lacrada pela justiça e só será liberada no fim do processo. Ninguém poderá entrar. Se a senhora tiver objetos pessoais pode tirar todos.

– Já não tenho mais nada ali. Como viram moro bem perto de lá e meus pertences mantenho em casa. Tudo que tenho na Casa Alemã são lembranças de tanta gente que passou por ali, cada qual com histórias e dramas pessoais. Ajudei a todos que pude e foi possível,

porque Sr. Otto me desautorizou muitas vezes. Ele fazia questão de ter domínio sobre tudo que ocorria no local, era rígido e ríspido muitas vezes em excesso.

Os colegas com o olhar combinaram que era hora de finalizar a visita. Não tinha nada mais a arrancar dali que ajudasse na investigação.

– Dona Ifigênia – disse Dr. Bernardo – em nome da polícia de Petrópolis não exagero em repetir os agradecimentos pela sua ajuda e apoio dado ao nosso trabalho, que é ainda mais prazeroso com os lanches que a senhora nos mimoseia. Ajudou muito. Por fim, se não surgir algo importante que venha impedir, encerraremos a investigação.

– Não agradeça. Foi um prazer atender os senhores. Estarei sempre aqui à disposição. Pois acredito que a Casa Alemã será fechada e poderei gozar minha aposentadoria enfim fazendo reuniões, tendo a companhia das vizinhas e organizando chás beneficentes.

Ao passar em frente à casa de Stefan e Charlotte, Roberto não conseguiu conter o impulso:

– Se a gente conseguisse tirar impressões digitais do vidro de Veronal que encontraram...

– Roberto, desiste: todo mundo já passou a mão naquele vidro. Repórteres, gente do Filinto, nosso próprio Delegado, rabinos, empregados. Em matéria de impressão digital aquilo ali é uma salada de frutas.

Alguns dias depois dona Ifigênia se apresentou à Delegacia para fazer as últimas declarações e depoimentos. Roberto tinha telefonado a ela na véspera e ajustaram o comparecimento de acordo com a conveniência e horário mais confortável para a senhora. A senhora foi alojada na sala de Dr. Bernardo que entrou com um cafezinho nas mãos:

– Dona Ifigênia, aceite um cafezinho bem longe do que a senhora nos ofereceu em sua casa, mas de bom sabor. Torrado e preparado com grãos do cafezal daqui mesmo de Corrêas.

Em seguida Dr. Bernardo fez a leitura de todo o relatório que tinha preparado sobre a investigação:

– Dona Ifigênia, se tiver alguma discrepância com o ocorrido a senhora, por favor, me interrompa e faça a correção.

Ao se aproximar do final da leitura tediosa e chata Roberto entrou no recinto. Trazia um vidro com um rótulo branco escrito a mão: Pentotal. Colocou o vidrinho diante de Dr. Bernardo que o segurou e prosseguiu a conversa com dona Ifigênia sem interrupção:

– Dona Ifigênia este frasco foi encontrado na mesinha de cabeceira do Sr. Stefan Zweig. A senhora reconhece? É bem parecido com aquele que estava em sua casa.

Dona Ifigênia viu o vidrinho e permaneceu impassível, pensativa.

– Sim – disse depois de alguns segundos – eu mesma preparei o Pentotal para o Sr. Zweig, depois que ele me mostrou a prescrição que lhe havia dado o Dr. Freud. Mas a receita

era antiga, de uns três anos atrás. Aceitei as ponderações sobre a demora em conseguir novo receituário e nem precisava ser doutora para ver como o Sr. Zweig andava nervoso, o homem era um feixe de eletricidade. Dona Charlotte parecia uma barata tonta para lá e para cá sem saber o que fazer.

– Mas a senhora não imaginou...

– Não! O Sr. Stefan Zweig era pessoa famosa, de responsabilidade, adquiriu conhecimento sobre o uso desses medicamentos, era tratado pelo Dr. Sigmund Freud! Quem iria prever uma coisa dessas?

Roberto e Dr. Bernardo ficaram em silêncio por alguns minutos. Também dona Ifigênia se recolheu, abaixou a cabeça e pegou um lenço rendado de tecido fino, com o qual enxugou os olhos. Ainda com o lenço nas mãos ela cruzou os dedos sobre o colo e ficou como que prostrada. Não há dúvida que os detetives encontraram indícios para imputar Otto Nils e Ifigênia Malman como implicados na morte de Stefan Zweig mesmo que de modo indireto, mediante provas que possibilitavam iniciar procedimentos acusatórios.

Só tinha um porém: se eles colocassem essa mínima insinuação sobre a mesa do Dr. Moraes – e teriam que fazê-lo – receberiam em troca um dedão apontando para a porta de saída além de outras punições inimagináveis.

– Dona Ifigênia – Dr. Bernardo quebrou o silêncio com brandura – se a senhora não teve participação direta, consciente e dolosa, como está parecendo ser verdade, não precisa ficar preocupada. Mas entenda que o trabalho de investigação que a polícia faz tem que

atacar todas as hipóteses verossímeis e inverossímeis. Só assim se poderá chegar à verdade. É nossa obrigação agir assim.

Depois de um tempo que todos aproveitaram para respirar e deixar o mal estar esvanecer Roberto interviu:

– Dona Ifigênia, de qualquer modo essas últimas observações ainda não estão formalizadas. Como não houve nenhum inconveniente nem contradição no que foi lido, que resume todo o nosso trabalho na Casa Alemã e na sua residência com respeito à morte do Sr. Otto Nils, a senhora poderá assinar os papéis.

Ela levantou os olhos, enxugou as lentes manchadas de lágrimas e ajeitou os óculos. Estava mais calma, mais dócil. Voltou a ser a senhora pacata, afável nos modos e na fala.

– Sinceramente estou com a consciência tranquila. Nada fiz de errado, só quis ajudar. Só quis ajudar o seu Otto, só quis ajudar dona Charlotte, só quis ajudar o Sr. Stefan. Nunca imaginaria... O Sr. Zweig pessoa responsável que tinha conhecimento sobre o uso do Pentotal, desses medicamentos, era tratado pelo Dr. Sigmund Freud! Como prever coisa assim? Só quis ajudar...

Roberto colocou os papeis diante de dona Ifigênia que foi assinando um a um nos locais indicados por ele, depois do que o detetive propôs:

– Dona Ifigênia – faço questão de levar a senhora até a residência.

– Não, não se preocupe. Vou aproveitar que estou no centro e farei compras, visitarei amigas, darei um passeio pela Rua Teresa. Depois para descansar desfrutarei do salão ventilado no D'Ângelo para tomar refresco de seriguela e depois chá com torradas. Sempre faço isso quando venho aqui.

Os detetives sentiram que dona Ifigênia tinha se recuperado da agonia que era depor na polícia e do temor de ser acusada pela morte. Fizeram questão de acompanhá-la até a saída. Depois dos cumprimentos de despedida já na calçada dona Ifigênia fez uma observação:

– Vocês não ficaram curiosos de saber o que há naqueles dois tanques lacrados? Ora, ora, trabalho de investigação tem de atacar todas as hipóteses verossímeis e inverossímeis. Só assim se poderá chegar à verdade – não é?

Ao ouvir a observação repetida tintim por tintim Dr. Bernardo e Roberto deram uma gargalhada em uníssono. No entanto, Dr. Bernardo logo mudou de expressão ao contestar a observação dela.

– Dona Ifigênia, esperamos que a senhora não tenha escondido nada que venha prejudicar a investigação policial. Isso seria uma coisa grave, muito grave e se voltaria contra a senhora.

– Eu não escondi nada doutor Dr. Bernardo. Fui atenciosa, detalhista e colaborei de modo sincero. Como disse há pouco, nada tenho a esconder. Minha vida é um livro aberto. Fiz essa observação porque os senhores não deram atenção a um recinto ao qual o Sr. Otto tinha muito apreço, discrição e cuidados excessivos. Os tanques e a máquina de gás...

Dr. Bernardo e Roberto estavam cada vez mais surpresos com aquela lengalenga toda, sem saber o que dizer ou como reagir àquele turbilhão de novidades que tinham passadas despercebidas diante de seus narizes.

– Quando estiveram aqui as autoridades do Consulado Alemão – continuou dona Ifigênia – para averiguar e inquirir o Sr. Otto Nils sobre as denúncias que o acusavam do desaparecimento de fugitivos e imigrantes ilegais, seu Otto fez questão de obstruir qualquer acesso àquele local. Porque, não sei...

Dizendo isso ela se afastou disposta a cumprir a missão de visitar amigas, fazer compras na Rua Teresa e descansar desfrutando o refresco de seriguela no calçadão do D'Ângelo. Por fim tomaria chá com torradas em companhia das amigas antes de retornar a casa.

Os dois policiais acenaram para dona Ifigênia que já ia longe ajeitando os óculos e fungando no lenço rendado. Ao voltar para a sala nenhum dos dois conseguiu esquecer a fala de dela. Dr. Bernardo saiu do torpor e tomou a iniciativa de reconhecer a burrada:

– Droga! Merda! Roberto – que furo nós deixamos! Amanhã teremos de voltar à Casa Alemã para dar uma olhada naquilo. Que mulher essa dona Ifigênia hem! Que mulher!

Ambos se serviram de um cafezinho e sentaram em silêncio matutando no que tinha havido sem se dar conta de que o vidro de Pentotal tinha desaparecido da mesa.

– Ossos! – Ossos!

– O quê?

– Ossos! – Ossos! Só tem ossos aqui.

Dr. Bernardo teve de pedir ajuda ao amigo pedreiro e mestre de obras Germano – mais conhecido como Ruço – para desmontar os dois enormes tanques construídos na parte de trás da casa de Otto Nils. Era um quadradão de $3m^2$ todo em concreto, menos a parte superior que era lacrada por tijolos.

– Só dá para abrir aqui por cima. Em volta é tudo concreto que só quebra com marreta.

E foi por lá que Ruço conseguiu, com ajuda de uma escada, iniciar a abertura. Quando o desmanche atingiu o metro quadrado já dava para perceber o que tinha dentro.

– Ossos e mais ossos! Só tem ossos aqui.

A operação foi repetida no outro tanque e tudo se deu novamente. Ossos. Ossos. Ossadas de seres humanos empilhadas a esmo. Para que serviria aquilo? Não se tratava de cemitério. Aquela coisa tinha um objetivo e uso específico, tudo fora deixado como que abandonado ao meio de qualquer ação. Era como se fosse um depósito de lenha que tivesse sido usado pela metade e abandonado de repente ao tempo largado sem mais utilidade.

Dr. Bernardo tirou várias fotografias e perguntou ao colega se dava para determinar a data que as ossadas foram depositadas. Roberto calçou luvas e subiu na escada colhendo três amostras de cada tanque em sacos separados para fazer os exames necessários.

– O que posso dizer fazendo um exame rápido pela aparência é que isso deve estar aí entre cinco e dez anos. Só exames mais detalhados podem determinar a data com maior precisão.

– Ruço, faz um favor – disse Dr. Bernardo indicando ao amigo os dois salões cujas portas estavam escondidas com um falso muro. Dá uma olhada nesses dois recintos e vê se existe aí algum outro esconderijo que por acaso tenha sido desativado e encoberto com sobreposição de paredes, tapumes, coisas assim...

Foi tiro e queda. O olhar profissional encontrou dois tapumes cuja idade destoava do resto da construção. Bastou enfiar os dentes do martelo nas extremidades e as tábuas descolaram ao longo. Pedaços podres ocultavam cupinzeiros e os bichos espirraram pelo ambiente. Ao todo foram tiradas quatro tábuas que ocultavam dois gavetões sobrepostos. Mais um esforço ágil de Ruço com o mesmo martelo sacaram os gavetões para fora:

– Neste aqui: botões, cintos, suspensórios. Neste outro: roupas, calças, camisas, gravatas, meias, cuecas.

Ruço meteu de novo o martelo para puxar a madeira grudada pelo tempo. Desta vez a gaveta não se deslocou porque a tampa que estava apodrecida foi atirada longe. De lá se

esparramaram objetos variados: dentaduras, óculos, relógios, pulseiras, carteiras de cédulas, identidades e passaportes cortados à tesoura.

Dr. Bernardo, que tinha puxado o colega Roberto pelo braço para assistir a demolição, sacudia a cabeça imaginando mil coisas e fotografando tudo vorazmente.

– O Manual, Roberto. O Manual, Roberto. Trouxe o Manual?

Roberto não havia deixado nada para trás. Não só abriu o manual, mas também as plantas que deram vida à obra. Lá estavam os vários depósitos com a mesma aparência, as mesmas afinidades, as obras tinham sido feitas com esboços similares, apenas em dimensões diferentes. Estava assim determinado: havia homogeneidade conforme o planejamento e desaguavam na analogia propositai nos meios e fins...

– Que loucura! Tem mais alguma semelhança com Dachau, alguma parecença que possa servir de prova acusatória? – perguntou ao colega.

Os dois se olharam espantados sem saber o que comentar apenas anuindo com a cabeça. Ruço, que estava ali por dever profissional e de amizade, também não entendia nada. Ele conhecia a Casa Alemã só de nome sem noção alguma das implicações políticas a que levava a existência do local.

– Vamos ter de incomodar a simpática dona Ifigênia mais uma vez – observou Roberto consolando o amigo. – Ainda bem que temos uma informante que assistiu a tudo ao vivo e em

cores. Porque do finado *herr* Otto Nils não se arranca nada. Nada se ouve dos confins do além...

– Rapaz. Quem imaginou que iríamos chegar a esse ponto? Não foi você que me disse que recolher um cadáver era coisa para detetive principiante? Que gostaria mesmo era estar totalmente imerso no Caso Zweig aparecendo em manchetes de jornais?

Dr. Bernardo mais uma vez troçava do amigo. Ficou combinado que eles voltariam à delegacia para pagar o Ruço pelo trabalho, de passagem Dr. Bernardo entregaria os filmes para serem revelados e depois iriam telefonar à dona Ifigênia para marcar mais uma visita.

Os dois policiais conseguiram o encontro com dona Ifigênia logo na manhã seguinte. Antes os dois passaram na loja para pegar a revelação das fotos, cuja urgência foi atendida, devido à importância e implicações que teria na investigação. Já por hábito Dr. Bernardo passou pela estrada velha do Morro dos Velhacos e bebericou o cafezinho do armazém. Quando chegou à casa de dona Ifigênia o sol estava alto. Foram recebidos com a mesma deferência pela dona da casa, mas desta vez tinha passado a hora do café matinal.

– Dona Ifigênia, o que nos traz aqui é o exame que fizemos depois da sua observação sobre os dois depósitos. O que encontramos está aqui nestas fotografias. Desde já acho impossível acreditarmos que a senhora não soubesse de nada do que ocorria ali.

A senhora olhou as fotografias com atenção e logo a expressão facial foi se deteriorando voltada para a tristeza.

– Eu tinha lá minhas desconfianças, sim. Mas tinha também dúvidas. É receio sem ter certeza e dando crédito na fé de que a suspeita não fosse verdade.

Novamente dona Ifigênia recorreu ao lenço rendado para enxugar as lágrimas. Por fim largou as fotografias sem ter visto todas prenunciando as cenas que se repetiriam. Ficou com o corpo todo em abandono, braços e mãos largados a esmo, a face mais envelhecida pela tristeza.

– O que posso dizer é que no começo, isto é, logo depois que ele construiu esses depósitos, o Sr. Otto pediu a todos que depositassem ali o lixo e outros dejetos, pedaços de madeira, coisas assim, que tudo iria ser aproveitado naquela máquina, servir na produção de energia e gás para cozinha. Ele preferia botar a máquina para funcionar ao fim da tarde, no começo da noite.

Segundo dona Ifigênia declarou, algum tempo depois nem ela nem nenhum outro empregado ou hóspede refugiado e acolhido teve acesso ao local. Passou a ser recinto de uso exclusivo do Sr. Otto que muitas vezes até dormia e fazia as refeições lá mesmo.

Exatamente uma semana depois os detetives encerraram todo o processo ilustrado com provas, fotografias e análises convincentes. Assim documentado consideraram que a investigação continha elementos capazes de denunciar Otto Nils pelos crimes de construção de unidade de extermínio, assassinato de imigrantes e fugitivos do nazismo, extermínio de judeus e suspeita de participação na morte de Stefan Zweig. Depois de longa análise dos dois profissionais, também levando em conta a inestimável colaboração que deu ao desfecho do caso, dona Ifigênia foi inocentada da participação nos crimes.

Porém, mais uma vez o inesperado aconteceu naqueles tempos turbulentos. O próprio Getúlio Vargas preparava a virada de estratégia em ação inesperada até mesmo para seus auxiliares mais íntimos: a demonização do Eixo Alemanha-Japão-Itália e a entrada do Brasil na II Guerra! Com essa atitude nosso estadista finalizava o ensaio feito na Reunião de Consulta no dia 28 de janeiro de 1942, após a força aérea japonesa arrasar Pearl Harbour, quando o Brasil rompeu relações diplomáticas com as potências o Eixo Alemanha-Itália-Japão.

Getúlio Vargas – que não tinha nada de bobo – antes tentou obter de Fritz Thyssen a promessa de construir um grupo siderúrgico no país. Mas a família Thyssen estava ainda comprometida com financiamentos à NSDAP e nada foi concretizado. Por seu lado, Alfried Krupp também não tinha capacidade de internacionalização. Sobrou para os norte-americanos que se dando conta do fracasso brasileiro, trataram de ocupar o espaço vazio. Getúlio Vargas desde 1941 tinha ambição de ter um parque siderúrgico nacional e urgia realizar o projeto. No momento o Presidente encontrou os meios ideais que satisfez a todos, enganando alguns e acertando com outros...

– Bom trabalho rapazes. – Disse o delegado Moraes tendo à sua frente o grosso volume a que chegou todo trabalho de Dr. Bernardo e Roberto sobre a morte de Otto Nils.

– O relatório do Dr. Jorge também está excelente – completou pegando um charuto no estojo.

Depois de cortar a ponta ele escorreu as laterais do charuto pelo nariz cheirando o odor embriagante do tabaco baiano. Só então arranjou um lugar no canto dos lábios para acendê-lo. A pederneira retiniu duas vezes antes de inflamar o pavio do isqueiro, que desaparecia por completo nas mãos postas em concha para proteger a chama. As primeiras baforadas dadas seguidas vezes inundou o ambiente com o aroma apimentado do fumo. Ele completava o ritual em silêncio, mas se via pela expressão que estava com a cabeça em alvoroço.

– Só que agora este caso se transforma num assunto internacional.

Dr. Moraes pegou a pasta com as dezenas de fotografias que Dr. Bernardo tinha tirado para documentar o inquérito. Olhou uma a uma e quando chegou às fotos dos tanques de concreto recheados de ossos ficou ali mirando as imagens com o cenho franzido.

– Qual será a origem desses ossos? Cemitério? – Deixou a pergunta no ar sem se dirigir a nenhum dos policiais em particular. – Eu bem que quis botar as mãos nesse Otto Nils. Mas ele sempre escapava escorregadio como uma enguia. Não sei de onde ele tirava tanto poder, mas percebi a existência de uma rede de proteção que vinha de fora e se estendia os tentáculos pelo Brasil.

Dr. Moraes falava de si para si, intercalando as frases às baforadas do charuto, batendo a ponta no cinzeiro. Levantou-se e foi até a janela. Lá fora a cidade desfiava as ações cotidianas, comerciantes nas portas dos negócios, passantes admirando as novidades, clientes fazendo compras, o estafeta do correio com o sacolão pendurado nos ombros, o gari varrendo ruas e calçadas deixando livres os ralos de ferro. Pouco tempo depois ele voltou à mesa e se dirigiu aos detetives:

– Rapazes, vocês transformaram o caso em assunto internacional. De qualquer modo gostei muito do trabalho e tem a minha aprovação. Mas não posso dar um passo a mais sem falar com Dr. Filinto Müller. Aliás, esperem um pouco. Sentem-se, vou dar uns telefonemas e isso pode demorar.

Pegou o telefone negro e com ele nas mãos se dirigiu para a janela. Discou uma, duas ou três vezes antes que conseguisse encontrar o Dr. Filinto Müller. Dr. Bernardo se levantou e quando retornou à sala trazia bandeja com um bule e três xícaras, que serviu e levou ao Dr. Moraes. A conversa foi demorada, as frases entrecortadas, palavras ditas em surdina, gestos explicativos, expressão facial de diversos matizes.

– Rapazes, disse por fim, o Dr. Filinto virá aqui dar uma olhada nisso tudo. Dr. Bernardo, por favor, traga para cá tudo que tiver sobre o inquérito. Quero tudo junto. Roberto, pega a chave daquele armário ali e arranja espaço exclusivo para guarda do processo, fotografias, provas, tudo, tudo.

Dr. Bernardo trouxe as peças que ainda estavam sobre sua mesa. Deu por falta do vidro de Veronal, mas não tinha tempo de indagar Roberto sobre o que aconteceu. Os dois juntos organizaram tudo como o delegado pediu, o armário foi fechado e lacrado a cadeado. Depois de tudo arrumado Dr. Moraes se levantou e se dirigiu aos detetives, que cumprimentou e abraçou um a um de cada vez.

– Bom trabalho! Excelente trabalho, rapazes. Tenho orgulho de minha esquipe. Tenho orgulho de ter vocês dois aqui. Darei por escrito os cumprimentos a vocês e ao Dr. Jorge

Coelho. Ah, um lembrete: ninguém terá acesso a esta sala na minha ausência. Vocês dois serão os guardiões deste espaço. Ninguém – ouviram? Ninguém!

Dr. Bernardo e Roberto agradeceram os elogios de modo formal e se preparavam para sair quando ouviram a voz do delegado:

– Bem, agora que este caso está encerrado, é bom vocês darem uma ajuda ao pessoal lá no caso do escritor Zweig. A ordem é desfazer toda e qualquer insinuação de que a morte do casal foi um crime ordenado pelo Führer – notícia que já corre em jornais sensacionalistas. Foi suicídio! Suicídio – e ponto final!

Nem precisa dizer qual foi a reação de ambos. Se o Dr. Moraes pudesse ver a irônica troca de olhares entre os dois amigos daria um riso de satisfação. Alguns dias depois, diante da certeza da participação brasileira na guerra, da pressão dos militares e ministros germanófilos que ainda cercavam Getúlio Vargas, o trabalho de Dr. Bernardo e Roberto foi abruptamente interrompido.

Dias depois os policiais foram convocados à presença do delegado Dr. Moraes e à vista do calhamaço que constituía o processo depositado sobre a mesa, alegando ordem direta recebida do Dr. Filinto Müller com aval do presidente Getúlio Vargas, ele determinou a paralização imediata do mesmo. Na vista dos dois, o Delegado despachou na última folha:

Arquive-se. Petrópolis, 22 de março de 1942 e assinou embaixo.

O gato que ouvia Mahler

Por você viver! Por você morrer! Almschi…

Gustav Mahler

Para contar esta história seria preciso usar um método que fizesse reviver meu nascimento e infância. Mas não quero isso. É doloroso, triste. Por outro lado, não tenho alternativa. Não se pode fugir de Freud, Jung ou mesmo Lacan. Sei que nos problemas das áreas médica e biológica é interessante verificar se as variáveis estão relacionadas. E que, para explicitar essa relação, é preciso usar o método da regressão.

Só a análise regressiva possibilita confrontar relações razoáveis e relações empíricas. Essa abordagem exige coleta de dados e uso de análise linear. Só a dolorosa coleta de dados permite saber a natureza da relação entre passado e presente, capaz de neutralizar situações inusitadas. Como se sabe, a regressão objetiva fazer botar para fora o desconhecido. É o procedimento mais comum usado para explorar as negações inseridas num contexto ignoto, incapazes de florescer de modo espontâneo.

No Centro Espírita se sabe disso. O que está fora desse conceito é pura extrapolação e deve ser analisada com cuidado, pois pode não estar correta: o presságio – não a extrapolação – é o prognóstico mais aplicado na regressão. Também a escolha do ponto xis deve ser baseada combinando-se sensibilidade e especificidade, fugindo-se de classificar o evento e o advento (Antônio Vieira – Sermões).

Séculos depois Jung achou justo, já que o não-evento é classificado não-ser, posto que é falso. Para Freud a avaliação metódica foi criada inserindo-se a acurácia, a sensibilidade, a especificidade, o verdadeiro, o falso, o previsível positivo, o imprevisível, o improvável negativo, como elementos circundantes da regressão. E mais: a imperfeição do julgamento indaga se cada caso é justo. Existe julgamento falso, mas isso não é problema ético, já que pecamos por perfeição moral e corrupção.

Até mesmo as ciganas, leitoras de cartas, das linhas das mãos, do tarô, que profetizam *dichas y desdichas*, revelam *suertes y sueños*, chegam à mesma conclusão: *Recuerde lo que le dice la gitana: por bueno y amable que parezca, ¡las obras buenas ocultan a menudo corazones repletos de lujuria y orgullo! Que no la apene mi predicción, sino sométase resignada.* Aguarde sereno *la desdicha* iminente e espere *la dicha eterna* em outro mundo melhor.

Por isso se se deve tomar decisão sobre o bem e o mal, isso significa que tais categorias são inválidas, inexistem. O julgamento moral deixa sequelas – mas a injustiça será apagada da alma, qual seja o curso da vida. Desde Paulo – Coríntios, 13:12 – *Porque agora vemos por espelho um enigma, mas depois o veremos face a face. Agora conheço em parte, mas então conhecerei também como eu fui.*

O conteúdo dos julgamentos muda: nada pôde poupar a crucificação da decisão ética. Quem é culpado? Os judeus. Por pior que possa parecer, é preciso demarcar o desvio da moral e estigmatizar o infortúnio. É imperativo não sucumbir aos opostos: ao Neti-Neti hinduísta. O código moral nulificado não é novidade, é apenas ordem do dever cumprido.

Mas o que sei sobre isso? Sou apenas um gato. Um gato preto... E a vida do gato é uma tentativa aleatória, um fenômeno monstruoso por causa do número dela: Sete vidas! É uma vida tão fugidia e imperfeita que a própria consciência da exuberância felina parece um prodígio. Só posso compreender-me através das ocorrências anteriores.

Jamais esquecerei as palavras de Jung relatando a mais antiga das imagens que conseguiu recompor fazendo regressão. Bebê ainda, ele descreve o passeio no parque, levado por uma babá. Está deitado num carrinho e o que vê? Só aquilo que um bebê poderia ver, imóvel em decúbito dorsal: raios solares trespassando a folhagem das árvores. Era outono – o bebê sabia! As folhas das velhas árvores estavam já douradas, um doce raio de sol iluminava a paisagem. Ele ouvia o burburinho dos passantes, o canto dos pássaros e outros ruídos. Fiquei pasmo. Como pode? Como pôde? Por outro lado, se Jung pôde eu também posso! Apesar de tudo, não por ser apenas um gato preto, posso tentar...

A mais antiga imagem que eu tenho de minha infância bem que poderia ser aquela de um saco de pano ruim em que estávamos metidos eu e meus irmãos, uma viagem trepidante, o inesperado voo espacial e a queda súbita num rio fedorento. Mas não. Relembro ainda que horas atrás, antes desse desfecho, éramos uma turminha barulhenta que vivia brincando, lutando e caçando, até que todos, exaustos e famintos, corriam aos mamilos da querida mamãe, que jamais tornaríamos a ver.

No rio o saco flutuou um pouco até engatar num móvel abandonado. Arrisquei a fuga e consegui fincar as unhas no braço de um gasto e acabado sofá antes do saco se soltar e ser levado pela correnteza até desaparecer. Nunca mais revi meus irmãos, nem sei qual o destino

deles. Quanto a mim, fiquei escondido no forro entre restos de algodão, até a escuridão chegar, trazendo fome, sede e medo: não tinha mais a mãe que me protegia e alimentava.

Tive que aprender a caçar baratinhas e arriscar a comer restos que pelo olfato tentava saber se estavam bons ou não. Sofri muitas vezes com dores, vômitos e diarreias, mas a cada dia melhorei e aprendi a não me alimentar de coisas estragadas ou não alimentícias. Em seguida descobri o perigo: enormes ratos, ratazanas, urubus, gaviões e as notívagas corujas circulavam também em busca de alimento para seus filhos. Os filhotes não eram páreo para mim, eu em breve seria forte e grande, mas agora não era páreo para os maiores...

O velho sofá me abrigou a contento num nicho de algodões e espuma sintética. Muitas e muitas vezes sonhei que estava agasalhado sob o ventre peludo de minha querida mãe. Outras vezes me senti bem aquecido, como se estivesse com o corpo enrolado como um caramujo junto dos meus irmãos. Uma noite despertei debaixo de chuvarada inclemente, sentindo o sofá flutuar, prestes a ser levado pela correnteza violenta, em dois saltos rápidos pulei para fora.

Fiquei encolhido no meio-fio enquanto carros passavam atirando mais água sobre meu corpo transido. Nunca senti tanto frio na vida. A chuva também fez o trânsito andar mais devagar, os carros se moviam alguns metros e paravam. Eu me sentia cada vez pior, estava mal, mal mesmo. Em certa hora senti todo o meu corpo estremecer, estava febril e o sentimento de que algo ruim iria acontecer. Que triste fim me esperava: morrer ainda criança!

De repente o trânsito estancou de vez. Um carro ficou parado a meu lado, vi a porta se abrir, alguém olhando a situação da pista – fui localizado. Nem tinha mais como me encolher

para não ser visto. Dois olhos grandes se fixaram em mim. Então, senti uma mão peluda e gorda me atracar pela barriga e depois fui atirado para dentro do veículo.

Fiquei jogado ali no chão enquanto o carro enfrentava a chuva. Ao ouvir o ruído do motor me lembrei do ronronar carinhoso de minha mãe, ao sentir o ar aquecido do motor que vinha das frestas recordei do meu cantinho no sofá. Em pouco tempo dormi e só acordei quando o sol clareou o local onde estava. Era uma garagem – fui esquecido dentro do carro.

A casa a que fui levado – após passar pelo doutor de gatos, ser lavado com água e sabão e receber várias agulhadas – era uma casa habitada por gente barulhenta, com exceção de um velho que, sentado à cadeira de balanço, constatava atônito e em silêncio as mudanças de humor que se processavam. Seus olhos bailavam para todos os lados sempre que acontecia algo assim – como se estivesse alucinado.

Quando o barulho parecia alegria e era ilustrado por risos, abraços e beijos o velho até ameaçava rir, mas noutras ocasiões quando em meio à gritaria todos lutavam como se estivessem num ringue, os risos se transformaram em palavras que soavam a raiva, ódio e briga. Todos silenciavam e começavam a se arrumar para deixar a casa. O velho mal via o silêncio reinar para se arrumar e fugir dali rapidinho, que nem passarinho que encontra a porta da gaiola aberta. Mais do que corria, voava.

Vi logo que para sobreviver teria que me adaptar a esse ambiente insano e inseguro tanto quanto me adaptei ao canal fedorento a que fui atirado. Só que ali consegui a simpatia de pelo menos um companheiro: um menino da minha idade que brincava comigo por algum tempo, mas algum tempo depois me largava de lado para mexer num estranho jogo eletrônico.

Por mais que me esforçasse para retê-lo a meu lado oferecendo variados modos de luta e caça, os ruídos alucinantes da máquina eletrônica o atraíam e logo eu era abandonado.

Como nuvens negras nas tempestades o mau humor e o ódio cobriam o ambiente: a partir do nada a placidez virava uma tormenta. As lutas começavam a sobrepujar as festas e, como resultado, também a tristeza começou a expulsar as alegrias. Se repente, como se um concerto tivesse acabado, todos saíam da casa cada qual a seu modo e jeito e para destinos diferentes. Depois da última batida da porta fazia-se um silêncio aliviado cujo ritmo e cadência eram dados pelo ranger da cadeira de balanço, soando como uma música. Após algum tempo ele se levantava, botava ração no meu prato e água no bebedouro, abria a gaveta superior da cômoda, tirava um CD e punha a tocar.

A música não era funk nem hip-hop, que sempre ouvi tocar nos bailes e festas da favela. A noite avançava, os batidões se emendavam, as palavras eram de ordem e revolta, mas tinha espaço para o amor. Lá pelas tantas, quando o sol se avizinhava, estavam todos loucos de alegria e coragem. Os casais se abraçavam, se beijavam, grudados um ao outro ao som do pancadão. Isso não acontecia aqui e agora sei por que esta é uma família triste e briguenta de raros momentos de falsa felicidade.

Não contive a curiosidade e na primeira oportunidade fui ver que música de morte era aquela. Joguei ao chão a capa do CD e lá estava o nome longo e esquisito da música, acompanhado de frases que não entendi. Gustav Mahler, Symphony Nº 9: 1. Andante Comodo, 2. Im tempo eines gemächlichen Ländlers. Etwas täppisch und sehr derb, 3. Rondo-Burleske: Allegro assai. Sehr trotzig, 4. Adagio. Sehr langsam und noch zurückhaltend.

Essa música que enchia o ambiente era uma melodia triste, muito magoada mesmo, tão deprimida que o velho se curvava atirando os olhos para o chão. Seus lábios se moviam mudos, aos poucos emitia um som como o zumbido das abelhas, uma palavra começava a se formar: Mahler, Mahler, Mahler, Mahler... Eu me recolhia num canto do sofá e ficávamos os dois ouvindo aquela música estranha com visíveis sons comoventes, pois o velho pendia para o chão até ficar de joelhos, e chorava.

E posto que Mahler, Mahler, Mahler, Mahler... o fazia morrer ali mesmo, por que não teria de me afetar também? A música Mahler, Mahler, Mahler, Mahler, lembrava mamãe, meus irmãos, a sarjeta e o rio mal cheirosos, a fome, ratos e baratas. Eu também chorava, mas o velho não tinha noção de que choro de gato é expresso em lamentos guturais – talvez a ele chateasse minha lamentação, pois se levantava de supetão da cadeira, calçava os chinelos e voava para a rua em passos mais rápidos do que as pernas podiam.

Pouco tempo depois ele voltava, esbarrando os braços nas paredes do corredor, ralando os cotovelos, seguia direto para seu quartinho escuro, se atirava na cama sem tirar a roupa e dormia. O som da música de Mahler, Mahler, Mahler, Mahler, continuava tocando no aparelho, que não desligava sozinho. Eu voltava à sala e encolhido no sofá acompanhava o som com gemidos que significavam saudade de meus irmãos, de minha mãe e do pai que só vi uma vez.

As discussões se tornaram tão insuportáveis que às vezes me sentia mais feliz e seguro quando morava no sofá velho à beira do rio fedorento do que naquela casa que, segundo meus pensamentos, seria confortável, segura, cheia de alegria e paz. Como pode isso?

Antes de dormir pensava na nova família confusa que eu tinha, sem entender porque as brigas se sucediam e todos partiam para algum lugar e apenas eu e o velho ficávamos sós, ouvindo Mahler, Mahler, Mahler, Mahler... Porque nada sei sobre isso (sou apenas um gato preto), me sinto impotente e incapaz de fazê-los entender que o mundo ao qual somos paridos é bruto e cruel, mas traz o dom da beleza divina. O sopro. Mas se até a música é melancólica o que será alegre?

Dentro das possibilidades de gato, fiz muito para fazer crescer o amor dentro daquele ambiente confuso, admito. Mas não posso afirmar em sã consciência que consegui mudar algo. Aquela gente optava pela luta, ainda em tempos de alegria e felicidade, ambiente que me trazia euforia, me fazia correr pela casa toda, saltar nas cadeiras e armários, esconder-me entre os livros e nos vãos que só caberia o corpo de um gato. Tentei infundir esse amor em memória de meus irmãos, de meus pais.

Por ignorância desconheço se o amor reside no fundo de todas as coisas, a não ser que se some a ele também o ódio. Mas neste caso o mundo – aquele mundo particular – decerto ficaria bem mais triste, como de fato ocorreu. Considero inacreditável o fato dessas pessoas não entenderem patavina da língua dos gatos, embora me esforçasse para ensiná-los. Era incrível vê-los traduzir meus gestos, olhares e vozes em coisas absurdas, opostas ou a simples sinal de quem não entendeu. Pode ter cena mais inditosa, ambiente mais jururu do que aquele que brigas e xingamentos reinam? Um infortúnio maior do que passei? E meus irmãos, que será deles?

Foi ouvindo aquela gritaria sem fim – ninguém conseguia dar a última palavra, sempre haveria réplica – berros e insultos tais que até os vizinhos reclamavam, foi assim que aprendi

os nomes de cada um: Gordo Escroto, Puta Dadinha, Velho Cachaceiro e Pivete – o menor e meu amigo – mas a mim me chamaram Caçador só porque fui visto de noite caçando e comendo baratas. Ora.

Velho Cachaceiro, certo dia de lutas insanas, saiu rápido direto porta a fora, sem mesmo esperar a discussão violenta terminar, como era seu hábito. Nessas ocasiões eu e Pivete procurávamos refúgio seguro, pois às vezes, além de palavras de guerra e insultuosas, que feriam todos os entes familiares passados e presentes, além das palavras graves que feriam as almas, também voavam objetos, pratos, facas, garfos – o que tivessem à mão.

Os projéteis circulavam com rapidez assassina pelo ambiente, acertavam paredes e portas, atingiam o rosto, braços e pernas, deixavam hematomas roxos e feriam, deixando incisões que faziam o sangue correr. Não tinha mais jeito. Era sempre assim até o dia insuportável que as queixas de vizinhos levaram Gordo Escroto e Puta Dadinha para a delegacia e resolveram sair cada um pro seu lado.

Entrementes, eu e Velho Cachaceiro ficamos sozinhos e esquecidos no apartamento abandonado, que apodrecia aos poucos. O CD do tal Mahler ficou girando enchendo o ambiente com aquela música triste que fazia Velho Cachaceiro chorar copiosamente e me deixava triste com saudade de minha mãe e irmãos, do sofá que me serviu de morada. Eis porque lamento ter nascido apenas um gato preto...

Nunca pensei que iria me encontrar mais infeliz do no dia em que o grupo de seis ou sete gatos tirados da mãe, metidos dentro de um saco de aniagem com destino seria um rio fedorento, a provável morte num canal asqueroso de uma favela. Velho Cachaceiro se

esqueceu de cortar o cabelo e de fazer a barba: o café da manhã era uma talagada de bebida, água correndo nas torneiras e Mahler tocando, tocando, tocando. Nem um gato preto encontrado num canal de esgoto suporte tanto sofrimento.

Velho Cachaceiro se sentava na cadeira, cuja perna quebrada não balançava mais, chorava, chorava falava palavras inaudíveis, nomes de mulher. Repetia Mahler, Mahler, meu amor, meu amor para a vida, para a morte e então saía apressado, correndo, não sei por que nem para aonde, voltava cada vez mais bêbado ainda e dormia.

Certo dia de domingo em que o sol chamuscava quente e brilhante, depois de todo aquele triste ritual aloucado ser cumprido e repetido ao extremo mais uma vez e para sempre, Velho Cachaceiro de repente se levantou da cadeira e saiu correndo. Deu duas voltas na sala esbarrando nos móveis, copos e garrafas que estavam num bar ao canto se fragmentaram como estrelas e sem que ninguém percebesse, pois todos gritavam e se insultavam com os mais renomados palavrões, Valho Cachaceiro foi embora. Só que desta vez saiu pela janela.

O pianista da Rua da Carioca

Ainda estava dentro do ônibus que me levaria à Praça Tiradentes quando ouvi de passageiros o boato de que a tradicional loja de música A Guitarra de Prata estava fechando. Falo boato porque na última sexta-feira havia passado pela loja no itinerário de mais de vinte anos com destino ao trabalho e nada fazia crer que a empresa passava dificuldades que causassem o encerramento das atividades.

Todos os dias eu entro no ônibus que vem de Campo Grande para saltar no ponto final da Praça Tiradentes. Pego a meio caminho, é verdade, quando o ônibus já está lotado, não tem lugar para sentar, mas é uma viagem rápida e isso compensa trinta minutos passados em pé. Ademais a turma que frequenta essa linha é sempre animada e se divide em grupos, joga baralho, faz batucada e organiza programas para o fim de semana – tudo enquanto dura viagem de mais de duas horas. É jeito de criar bom astral para começar o dia.

Para chegar à Av. Rio Branco, onde trabalho, o melhor caminho é seguir pela Rua da Carioca cujos oitizeiros de troncos enrugados fecham as copas pelo alto sombreando e arejando toda a artéria. Antes de entrar na Rua da Assembleia e chegar ao prédio que fica na esquina com Rio Branco faço parada obrigatória para beber o cafezinho no balcão do Café Capital e tomar ciência das primeiras notícias e boatos do dia.

Ali mesmo, entremeando o bate-papo a notícia sobre A Guitarra de Prata se repetiu mesclada com temas de futebol, política e crônica policial. Depois, a maioria acende um cigarro que vai sendo consumido entre conversas até esmagar a guimba no chão e chegar ao bom dia de despedida.

Assim foi seguido o ritual nesta segunda-feira, quando os jornais já anunciavam o fim da loja A Guitarra de Prata:

“Antiga loja de instrumentos musicais fecha as portas” – dizia o título da reportagem. “Depois de 121 anos de funcionamento, A Guitarra de Prata, frequentada por músicos como Pixinguinha, Noel Rosa, Ary Barroso, fornecedora de material especializado, preferida de Paulo Moura e Baden Powell, fechou as portas. Os comerciantes vizinhos acompanharam a retirada de instrumentos e móveis com tristeza”.

“É uma perda para a música – declarou o saxofonista Paulo Moura. Fechar esse tipo de loja especializada é resultado do novo comércio da internet financiado pelos bancos internacionais. Ali os músicos se encontravam quando iam comprar papel de música importado e outros produtos de qualidade que hoje não se encontra mais. O hábito de sentar no banquinho para testar o instrumento está acabando, não tem mais a conversa com outros músicos e com o proprietário”.

“A Guitarra de Prata foi inaugurada em 1887 por Antônio Tavares de Oliveira. Pioneira na venda de gramofones no Rio, ao longo dos anos tornou-se uma das melhores casas do ramo musical. Noel Rosa batucava numa caixinha de fósforo na entrada da loja quando compôs “Com que roupa”. Dilermando Reis deu aulas de violão ali mesmo antes de se firmar como o mais importante violonista carioca.

“Nos anos 1950 e 1960, época de ouro do rádio, na esteira do sucesso de Mario Mascarenhas e Luiz Gonzaga, a casa vendia até vinte acordeões por dia. Nos anos 1970 seria a vez das

guitarras fazerem sucesso. O teclado tornou-se o instrumento da vez mais recentemente. Violões, bandolins e cavaquinhos sempre estiveram entre os mais vendidos.

“A Guitarra de Prata parou no tempo. Miguel Roberto Lia, de 71 anos, 52 deles passados entre instrumentos, até o fechamento da loja, pela primeira vez vê a Guitarra de Prata fechada. Nas demais sucessões que presenciou, a casa continuava em funcionamento. Foi assim quando Otilia Ventura assumiu a direção da empresa depois da morte do marido Samuel em 1963.

“Após vinte anos na direção da casa ela foi sucedida pela neta Leila Ventura, em 1983. Em 1995 Leila sofreu assalto na Rua do Mattoso na Praça da Bandeira. Um tiro atingiu o pescoço e esfacelou a medula. Leila ficou internada vários meses, mas não resistiu vindo a óbito. Os filhos assumiram a loja. Não deu certo e venderam para Maria Helena Moço, que até então era fornecedora de instrumentos para A Guitarra de Prata e grande conhecedora do ramo.

“No mês passado Maria Helena foi procurada para dar entrevista sobre matéria jornalística de empresas centenárias que sobrevivem a sucessivas crises econômicas. Abatida, ela se recusou a falar. Nos últimos dias foi procurada novamente, mas não foi localizada.

“Eu a encontrei aqui na rua e ela comentou apenas que tinha encerrado o negócio, sem entrar em detalhes. É uma coisa estranha passar pela Rua da Carioca e ver uma loja tão tradicional fechada. Sinto certo vazio” – comentou Marcos Oliveira. Ele é proprietário da Casa Oliveira, fundada em 1956, que passa a ser a mais antiga loja do ramo musical em funcionamento na Rua da Carioca. É uma perda para a história musical da cidade, como o foi o fechamento da também tradicional O Bandolim de Ouro.

“No número 37 da Rua da Carioca onde funcionou a Guitarra não foi deixada nenhuma informação aos fregueses – a única inscrição é de uma placa da prefeitura em homenagem à loja com a frase:

A Guitarra de Prata

Mais de um século de tradição, contribuindo para o aprimoramento da nossa cultura musical.

A estudante de música Sheila Francis ficou frustrada ao encontrar as portas de ferro cerradas. “Comprei aqui meu teclado e agora vim para comprar o violão. Era uma loja de muita tradição. Difícil acreditar que não tenha resistido”.

Era assim o noticiário, arrebatado e passional, para tentar exprimia a consternação total que havia no fechamento d’A Guitarra de Prata.

Para passar as duas horas que tinha para almoço fiz obrigatório um passeio cotidiano pela Rua da Carioca. Pode parecer estranho, mas gostava de especular sobre as garrafas de bebida, vinhos, licores e cachaças, penduradas por barbantes da Casa Pedro e atravessar a rua para um trago digestivo de jurubeba no Bar Flora. Sempre gustativa também era a parada breve para salivar as sardinhas no azeite da Taberna Carioca, namorar o kassler com salada de batatas, acompanhado de chope na caldereta do Bar Luiz.

Gostava de admirar a cutelaria variada d’O Rei das Facas – em especial as lindas e perigosas navalhas alemãs Solingen expostas em belos estojos revestidos de veludo. Mas

quando andava na procura de livros tinha de achar tempo para percorrer várias lojas começando sempre pelo Sebo Acadêmico.

Para visitas mais exóticas havia que incluir uma passada no Cine Íris que ora se encontra em abandono total. Ali se de exibia filmes somente para adultos e apresentava shows de strip-tease. Ou então, ver as novidades dos artigos de couro, chapéus e botas texanas importadas pela A Mala Ingleza, depois, dar uma esticada ao Largo de São Francisco para espiar as especiarias recém-trazidas do norte e nordeste pela Casa Bonifácio.

Era assim a Rua da Carioca. Agora corria notícia que dois empresários do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira tinham alugado um sobrado para estabelecer restaurante de comida típica carioca, especial a famosa feijoada dos sábados.

Nesse dia específico o rumor da brisa que leve ecoa das folhas dos oitizeiros foi interrompido pelo alarido numa das lojas da rua. De longe dava para ver que o tumulto era às portas da Casa Oliveira. Era impossível não se aproximar para ver de que se tratava. Alguém tocava ao piano uma valsa de Chopin, depois emendou para um choro de Nazareth, depois Chiquinha Gonzaga e por fim um xote de Gonzagão, o próprio. Aplausos ecoaram pela rua e atraindo mais gente curiosa de saber o que se passava. Aos poucos o espetáculo musical tinha plateia que interrompia o trânsito na rua provocando engarrafamento de veículos.

De repente um empregado da loja, decerto enviado pelo patrão se aproximou e cortou de vez a audição tirando o executante do piano. Como ele resistisse indignado o empregado apelou para o uso da força. Vaias ecoaram entre aplausos. O pianista – só então pude perceber – era já idoso, aparentava mais de 70 anos. Tinha as mãos enrugadas pelo tempo, o sorriso

ameno expunha a dentadura alva e apenas um dente na parte inferior. Mesmo tendo recebido dois empurrões do cioso funcionário ele manteve compostura e dignidade agradecendo com vênia os aplausos das centenas de espectadores.

Como sempre acontece, não deu para aguentar o espetáculo e lá fui intrometer meu corpanzil de 1,90m e 100 kg entre o mirrado pianista e o furioso empregado:

– Calma meu amigo, disse ao rapaz. Você não pode agredir um senhor dessa idade. O que está se passando?

– O patrão pediu para retirar ele daqui, respondeu com respeito. A multidão para ouvi-lo tocar está aumentando, já fecha a entrada das portas e impede a circulação dos fregueses. Depois que ele começou a tocar não entra ninguém para fazer compras.

Acolhi a explicação do rapaz.

– Tudo bem. Deixa comigo que me responsabilizo por ele. Vamos sair numa boa.

Afastando o empregado me aproximei do pianista, pedi para se acalmar fazendo-o se sentir seguro, abrigado e protegido sob meu braço:

– Meu senhor, como é seu nome?

– Pestana.

– Seu Pestana, disse baixinho meu nome é Samuel. O dono da loja reclama da multidão que se formou para ouvi-lo tocar. Eu mesmo havia chegado e estava ali me deleitando com sua apresentação e preparado para aplaudir. Mas ele tem razão e precisa liberar a porta para dar vez aos fregueses. Que tal a gente ir tomar um cafezinho enquanto essa turma se dispersa?

Foi até certo ponto fácil. Pestana se mostrou dócil e saímos da loja com intuito de beber um cafezinho. Dei uma olhada para seu Oliveira e fiz sinal de ok. Ele respondeu com um olhar agradecido. Isso acontece.

Antes de tudo em Pestana me impressionou o seu tipo. Nada fazia crer que tocasse piano tão bem. Usava um terno não diria roto, mas já bastante usado, do colarinho que se expandia ao redor do pescoço magro pendia a gravata de listas diagonais como era moda.

Pestana nunca parava de sorrir e a cada sorriso o único dente canino reluzia na boca abaixo da dentadura. A conversa teve efeito e assim fomos saindo abraçados entre aplausos para o pianista, apupos para o empregado e talvez para mim. Paramos na Casa Cavé ali perto na esquina de Uruguaiana com Sete de Setembro onde entre cafés e biscoitinhos pude começar a ouvir a história de seu Pestana.

A partir desse primeiro encontro passei a ver o Pestana com mais assiduidade, também com outros olhos. Parecia pessoa simples, mas tinha lá suas universidades. Seja porque marcávamos encontros, seja por estarmos quase sempre os dois pela redondeza da Rua da Carioca todos os dias. Em princípio me surpreendeu um fato: Artur Pestana da Silva – seu

nome completo – não era pianista. Tinha por profissão a afinação de pianos e outros instrumentos de teclado.

Era profundo conhecedor da profissão, o mais requisitado até pouco tempo atrás. Agora, aos setenta e seis anos, achavam que ele estava velho demais para exercer o trabalho. Seu ouvido não tinha a mesma acuidade de quando recebeu os primeiros ensinamentos do pai. Os tempos modernos trouxeram equipamentos modernos: não basta ter boa audição, não basta o diapasão como base: a eletrônica invadiu tudo.

– O piano é muito difícil de afinar, imagina mais de 250 cordas mantidas debaixo de tensão extrema – explicou. Ademais, todo piano tem uma harmonia própria. Desde os cinco anos de idade meu pai me levava a todo chamado que recebia para afinar um instrumento. Em pouco tempo passei a auxiliar nisso e naquilo. E ao final depois de todo ajustado o piano ficava à minha disposição para correr as teclas enquanto ele mantinha os ouvidos atentos.

Tínhamos chegado ao ponto de orgulho do Pestana. Era dono de uma profissão de prática quase artesanal, passada de pai para filho há gerações que o tempo veio derribar com novos talentos, outros procedimentos, equipamentos sofisticados. Por isso ele via como injustiça, falta de respeito, quando alguém impedia de tocar piano e o convidava a se retirar do local – como se fosse um marginal qualquer.

– Meu pai sabia que afinar pianos é um procedimento complicado que exige treinamento, habilidade, talento e ouvido musical para sua correta execução. Ele trouxe da Europa a técnica mais recente, veio com as melhores recomendações, assim ficou logo

conhecido e tinha trabalho o ano inteiro. Ao me levar para ajudá-lo ele estava me passando um conhecimento que recebeu de seu pai e seus avós.

Pestana continuou a me explicar com dedicação o que era a sua profissão de afinador de piano. Mesmo se dando conta minha ignorância demonstrada pelo silêncio diante de suas palavras. Ficava ali igual ao calango, apenas assentindo com a cabeça...

– A harmonia é preciosa para a afinação de um piano. As notas do piano em geral são afinadas como frequência matemática. Isso diz a teoria, mas na prática entra também o instinto, a intuição. O afinador precisa da chave inglesa – o martelo de afinação – para girar os pinos. Nessa hora meu pai juntava minha mão à dele para sentir o ponto de giro e ver a diferença táctil ao girar e torcer o pino. Foi preciso tempo para assimilar esse sentido. Não basta girar o pino. Meu pai me ensinou a sentir o atrito que causa um click no martelo de afinação. Depois que peguei o jeito meu pai trocou a mão de posição: agora a minha mão segurava o martelo e a mão dele ficava sobre a minha. Quando o click se dava eu ficava imóvel e ele sorria.

– Pestana, me desculpe, mas de afinação não entendo nada. Mas parabéns pela profissão fantástica. É bom saber que os mais famosos e exímios pianistas dependem do afinador para apresentar as obras-primas dos compositores de piano, Bach, Chopin, Ernesto Nazareth, Liszt, Chiquinha Gonzaga. Por outro lado, a reação das centenas de pessoas que param para ouvi-lo ao piano atesta que você é um grande pianista sim.

– Como lhe disse, a partir dos quatro anos comecei a acompanhar meu pai em seu trabalho de afinação. Um dos clientes dele era o pianista Arthur Napoleão – já ouviu falar?

– Só sei que era amigo de Machado de Assis. E que os dois se tornaram parceiros em algumas canções. Machado de Assis escrevia a letra que Arthur Napoleão musicava.

– Esse mesmo. O piano, instrumento delicado, tem de ser afinado duas vezes por ano. Pianistas exigentes como seu Arthur sabem disso. Se a corda for esticada para o lado sustenido de modo excessivo corre risco de rebentar. Substituir cordas é difícil, chato e demorado. Meu pai nunca arrebentou nenhuma corda! Ele sabia – e me ensinou: ao se esticar a corda para frequência alta tem que eliminar a tensão de modo a alongar a seção para imitar o som real. Antes de finalizar a afinação ele me pedia para reproduzir acordes, glissandos, arpejos, escalas, floreios, trinados, enquanto estava de ouvidos atentos.

– Dizem que Arthur Napoleão também jogava xadrez.

– É verdade. Ele e seus irmãos Alfredo e Aníbal – este morreu jovem aos 35 anos – todos jogavam xadrez e eram exímios pianistas e compositores. Alfredo tem concertos que compôs para piano e orquestra que são muito executados. Mas é bom reconhecer que o melhor de todos, tanto no xadrez quanto ao piano era o seu Arthur.

– Deve ser por isso que o nome dele prevalece entre os demais.

– Correto. Certa vez eu estava testando a afinação que meu pai terminara então fui surpreendido pela presença do próprio Arthur Napoleão, que tinha chegado e ficara em silêncio me ouvindo ao piano. Ele cumprimentou meu pai e disse algo como “esse menino

poderá ser um grande pianista". Mas nada demoveria meu pai de me ter como legatário da sua arte e técnica de perito afinador. Eu mesmo nunca tive tal aspiração.

– Nunca pensou em ser aplaudido de pé pela plateia arrebatada?

– Isso jamais me passou pela cabeça. Talvez por minha própria condição de vida modesta. Mas a verdade é que eu ficava entusiasmado quando meu pai chegava após o dia de muito trabalho e começava a contar tudo que ocorrera como era hábito.

– Como era o nome dele?

– Jacinto Ferreira da Silva. Minha mãe como a maioria das portuguesas era Maria – por completo Maria Ferreira da Silva. Assim que ele chegava não deixava de dar um beijo na bochecha rosada dela e passar a mão gorda nos meus cabelos. Jogava a maleta com as ferramentas no armário, tirava o paletó e a camisa – ele não usava gravata porque suava muito – e se atirava na única poltrona na qual ele podia esparramar o corpo imenso.

– Maria, dizia, traz a bagaceira. – Mamãe vinha com o litro de bagaceira amarelada com ervas, junto com a travessa com um paio duro e velho que ele cortava com os dentes. Enquanto bicava um ou mais copinhos da bagaceira abrindo o apetite para jantar, falava nas pessoas importantes que estiveram ao seu lado: seu Arthur Napoleão para lá, seu Machado de Assis para cá, dona Chiquinha, o jovem Ernesto – as figuras de ministros próximos ao Imperador, senhoras e condessas da corte. Contava tudo assim na primeira pessoa para mostrar intimidade.

– De fato, seu pai deve ter tido uma vida bem agitada apesar das limitações do trabalho de perito afinador. Enquanto executava a sua missão as pessoas ficavam ao redor falando, trocando ideias deixando indiscrições fugirem ao calor da conversa.

– Eu e minha mãe ouvíamos com os olhos brilhando de emoção. Eu só pensava em ser igualmente famoso como ele, meu pai, por isso ficou gravado em minha mente o primeiro dia em que ele me pegou pela mão e me convocou para o trabalho.

– Imagino a altivez de um filho que transformou o pai em herói – pois penso que isso aconteceu.

– Claro. Ainda hoje posso repetir tudo o que ouvi. A voz de meu pai – que se modulava diferente a cada copinho de bagaceira – ainda ecoa em meus ouvidos. O ânimo, empolgação, orgulho mesmo com que detalhava as narrativas como se fosse um ator representando, os gestos, a tragada no cigarro ou no charuto, as afetações, os gestos – tudo que ele reproduzia vinha junto com a expressão apropriada. Depois da refeição ele pegava minha mãe pela cintura, sentava ela nas pernas e ficavam os dois rindo, se beijando, se agarrando. Era o sinal que anunciava a hora de me deitar e dormir.

Nem preciso dizer que o nome Artur foi dado em homenagem ao grande pianista português. Mas ele ficou conhecido mesmo por Pestana e o Artur ficou esquecido.

– A história da amizade entre Arthur Napoleão e Machado de Assis tem pontos que muitos desconhecem. Meu pai sempre se referia a Arthur Napoleão como gênio. E de fato ele era gênio porque desde quatro anos de idade já participava de concertos e recitais a piano solo

ou fazendo duo com famosos intérpretes contemporâneos. Então, por que esse famoso pianista e compositor que a Europa aplaudia resolveu vir para o Brasil? Minha cabeça de jovem não concebia uma resposta aceitável.

– Quando a história está assim incompleta geralmente entra elementos desconhecidos do público. Esse caso certamente resultou de amores e paixões.

– Seu Arthur chegou ao Rio de Janeiro em junho de 1868 no navio francês *Estrèmadure* para ficar em definitivo. Era a quarta vez que aportava aqui. Em sua companhia estava Carolina Novaes cujo objetivo da vinda era ficar ao lado do irmão poeta Faustino Xavier – amigo de Machado de Assis – que estava doente do peito e fraco das faculdades mentais. Foi de modo natural que a família Novaes pedisse ao Arthur que fizesse guarda e companhia a Carolina durante a viagem, o que ela gostou muito: eram íntimos. Foi uma viagem tranquila.

– Nossa! Então temos aí a história de dois amores...

– Mas na verdade a vinda de Carolina ao Rio de Janeiro era rota de fuga de amor inaceitável com um jovem jornalista lusitano sem eira nem beira, que se aproveitava da boa posição dela na cidade do Porto para arrancar dinheiro e prestígio. Ele tinha dez anos menos que Carolina, bonitão de bigodes arrebitado na ponta, e carregava fama de explorador de mulheres. O pai de Carolina escorraçou o bilontra, mas o espertalhão vivia a fazer serenatas debaixo da janela e namorá-la às escondidas.

– Então Machado já conhecia Arthur.

– Arthur já tinha feito duas apresentações no Rio de Janeiro – depois Buenos Aires e Montevidéu, sempre acompanhado do pai e empresário. Quando começou a amizade entre ambos. Nascia uma amizade sincera bem ao gosto do pai que viu nisso prenúncio de que poderia descansar das preocupações para com o filho. Mas os dois eram jovens simpáticos solteiros e as moças da sociedade carioca não deixavam passar tais detalhes em branco.

– Pelo que sei os dois também eram chegados às farras com outros amigos literários.

– Claro que eram. Ouvi muitas vezes meu pai contar tais histórias quando chegavam à loja do seu Arthur vários amigos já tendo bebido vinho e cerveja. Entre eles sempre estava o seu Machado, o único que mesmo depois de ter bebido vinho se mostrava circunspecto, mas às vezes o monóculo ficava esquecido pendurado no colete.

– Esses dois são uns pândegas! – dizia entre gargalhadas o velho Jacinto ao chegar a casa. Maria, dizia, traz a bagaceira. Jogava o paletó sobre o sofá, arriava os suspensórios dos ombros e só de camiseta e copinho de bagaceira na mão iniciava o relato das façanhas da gente famosa dos quais afinava o piano.

Graças a Deus naquela época o piano era o instrumento da moda. Todas as casas altas e de gente da sociedade média tinha um piano. Fosse um piano de cauda para as casas mais abastadas ou um piano de armário, mais modesto, que cabia em qualquer cantinho, sempre havia o piano para encher de música o ambiente. Sempre tinha alguém se iniciando nos acordes, fazendo exercícios de dedilhado, cromatismo, leitura de partituras e claves, escalas e intervalos.

O professor Mário de Andrade bem que registrou o fato quando escreveu:

“A expansão extraordinária que teve o piano dentro da burguesia do Império foi perfeitamente lógica e ao mesmo tempo necessária. Instrumento completo, ao mesmo tempo solista e acompanhador do canto humano, o piano funcionou na profanização da nossa música, exatamente como seus manos, os clavicímbalos, tinham funcionado na profanização da música europeia”.

É claro que me dá algum orgulho saber que meu pai participou desse período, ainda que já se prenunciasse a entrada do violão na sociedade principalmente com os concertos dados por um jovem vindo do Ceará, Catulo da Paixão.

– Esse seu Machado sabe muito bem aproveitar a vida, ah, sim, sabe muito bem. – Seu Jacinto continuava a falar e rir da admiração da esposa do alto conhecimento social que tinha o seu marido.

– Ainda mais tendo como companhia os jovens poetas e escritores que serão já, já acadêmicos e famosos, aí então ninguém o supera. Sabes Maria que o seu Machado anda levando o menino Arthur e amigos lá para o final da Rua das Laranjeiras. Chega ali e em vez de ir para o Cosme Velho onde tem amigos e restaurantes, ele sobe as escadarias da Ladeira da Alice. Sabes como o lugar é conhecido, Maria? Então não sabes? Pois, pois, te digo: ali é chamado o Paraíso das Bocetas! Maria, o Paraíso das Bocetas! – E dava como desfecho a mais estrondosa gargalhada.

– Ai Jesus! Jacinto, Jacinto, olha que o menino está a ouvir.

Minha mãe sabia que eu estava escondido nalgum canto ouvindo tudo e morrendo de curiosidade, às vezes morrendo de rir das histórias que o velho contava e do espanto da mamãe.

– Ah, esses rapazes são pândegas! São pândegas com certeza, Maria! Esse seu Machado! Esse seu Arthur – eles sabem como aproveitar a vida, gozar a juventude, a beleza! E imagina Maria que os meninos estão pensando em fundar uma academia francesa aqui mesmo na Capital Federal.

É claro que tivemos de trocar de pouso. Descobri que Pestana gostava de dar bicadas num conhaque Macieira e o lugar certo para isso era a Taberna Carioca, quase em frente ao Cine Teatro Íris. A frequência mudou para lá e já tínhamos uma mesinha fixa. Além do conhaque eu bebia uma caneca de vinho e traçava sardinhas ao azeite a modo de tira-gosto.

Certa vez passando pela Carioca de novo vi aglomeração na casa de piano. – De novo não! Pensei que Pestana estava de novo dando o seu recital. Fui me aproximando na expectativa de ter que apartar nova confusão. Lá estava Pestana, sentado ao piano, em plena valsa de Chopin. Uma dezena de pessoas estava à porta e mantinha silêncio teatral. Olhei para Pestana acenei e ele me respondeu com o polegar como quem diz “tudo bem”. Mandei um olhar inquisidor ao funcionário que já conhecia e ele me respondeu da mesma forma. Então fiquei tranquilo porque desta vez não teria confusão.

Pestana deu os acordes finais, se levantou e fechou o piano após cobrir o teclado com feltro verde. Ouvi aplausos da pequena plateia enquanto ele se dirigia ao escritório da loja para entregar a chave do piano e receber os cobres pelo trabalho. O público se dispersou cada qual seguindo para a faina diária. Ele fora chamado para fazer a afinação de um piano que tinha de ser entregue de imediato e não havia nenhum outro técnico afinador disponível. Esperei Pestana sair e seguimos para o Largo da Carioca para saborear um cafezinho no recém-inaugurado Café Capital, bem ao lado do Rei da Voz.

– Eles me chamaram porque sabem que ainda sou o melhor – disse sem esconder o orgulho. Mas tenho de reconhecer que os técnicos de hoje estão melhores equipados com os aparelhos novos que trazem da Europa. Não basta mais ter bom ouvido...

Durante o cafezinho a conversa continuou:

– Sabe? Aquele é um legítimo Pleyel. Bom piano. O favorito de Chopin que foi amigo de Ignace Pleyel e seu filho Camille, que pegou a fábrica de pianos fundada pelo pai meio abandonada e seguiu em frente. Acho que seu Arthur Napoleão teve na família Pleyel inspiração para a sua casa. O velho Pleyel era pianista e compositor, mas teve a intuição de fundar sua própria casa editora de música. Logo estava publicando e vendendo partituras de músicos importantes como os herdeiros de Mozart e seus contemporâneos Chopin – que se tornou amigo de seu filho Camille – mais: Liszt, Schubert e muitos outros.

– Pestana – interrompi a contragosto o papo – você vai me desculpar, mas tenho que pegar no trabalho. Vamos combinar o seguinte: às sete horas a gente se encontra na Taberna

para dar umas bicadas e comer sardinhas, tá? Então, guarda essa história inteirinha porque depois quero ouvir tudo tintim por tintim.

E assim nos despedimos.

Quando cheguei a Adega já estava lá o Pestana com o copinho de Macieira na mão. Nem me esperou sentar e já perguntou:

– Onde estávamos?

– Nos pianos Pleyel, que você afinou hoje de manhã.

– É verdade. Pois o que acho é que seu Arthur Napoleão se inspirou nos Pleyel – pai e filho. Ambos foram pianistas e compositores. Mas, assim como o Ignace, seu Arthur teve a visão comercial que falta a muitos artistas. Havia no Rio de Janeiro carência de uma editora musical. Muitos compositores, poucos editores. Muitos pianistas, poucos pianos de qualidade. No primeiro momento...

Pestana estava começando a se tornar prolixo. Ficou ali durante bom tempo fazendo comparação entre Pleyel e Arthur Napoleão, se fixando mais em Camille Pleyel, posto que o pai Ignace houvesse largado de lado o fabrico de pianos e pianolas para se dedicar à composição.

– Vê se não tenho razão, recomeçou. Ignace Pleyel e Arthur Napoleão eram exímios e notáveis pianistas. Também eram compositores, editores e vendedores de partituras. Arthur

Napoleão não fabricou pianos – coisa impossível no Brasil daqueles tempos – porém sabia quais eram os melhores: afinal, ele realizou concertos nos pianos das mais famosas marcas.

Para sair daquela história sem fim consultei o relógio e fiz um pedido de sardinhas ao azeite, pão à francesa e um chope. Assim que o pedido veio solicitei para fechar a conta. Isso não moveu Pestana nem um centímetro da narrativa que vinha de enfiada.

– Para concluir a comparação – disse afinal – Camille Pleyel fundou a Salle Pleyel e Arthur Napoleão fez um pequeno auditório no segundo andar da loja para recitais. Chopin e Camille ficaram amigos inseparáveis. Pleyel virou patrocinador de Chopin, que passa a realizar todos os concertos no Salão Pleyel, mantendo sala cheia até a última apresentação, poucos meses antes de sua morte em 1849. Por seu lado, Arthur Napoleão, o irmão Alfredo e outros compositores como Ernesto Nazaré e Chiquinha Gonzaga se apresentaram no auditório da Casa de Pianos.

– O velho Jacinto chegou certa noite mais agitado que os dias comuns.

– Ai Maria que essa tua favada está com um cheiro que recende desde a escadaria até a porta. Toda a vila está a desejar as costelinhas de porco, as cebolas, a couve, as patacas e o repolho que estão cosidos juntos a elas...

Mamãe ria até às lágrimas, seus peitos balançavam ao ritmo das gargalhadas e bailavam independentes do corpo.

– Vamos lá homem, deixa-me tirar esse paletó e senta-te que a bagaceira está à mesa. O velho obedecia que nem cachorro mandado, sempre adiantado às ordens tanto que sempre recebia reprimendas:

– Um momento, um momentinho seu moço antes de tudo lavar as mãos, antes de tudo lavar as mãos.

Lá ia o velho reclamando ao tanque esfregar nas mãos o sabão de coco, não antes de dar a talagada na bagaceira – que para isso não precisava mãos limpas. Só então se sentava para o segundo gole ao mesmo tempo em que destroçava pela metade o pão cascudo sovado de batata doce do qual mergulhava pedaços na terrina de fava cosida e trazia com cobiça à boca desejosa.

– Jacinto, ai Jacinto, cuidado com os pingos! Minha toalha! Ai minha toalha!

A toalha de linho cru e bordada à mão que mamãe defendia dos respingos gordurosos da favada era um dos muitos presentes que ganhou quando arrumava as malas para vir ao Brasil.

– Ainda não ouvi nada das coisas ocorridas no teu trabalho que trazes para casa como presentes. Antes passasses lá na Mercearia do Colombo para pegar o bacalhau, as batatas e o azeite que começam aqui a escassear que trazer tantas historietas cheias de papas.

– Assim Maria, assim que me fazes lembrar o que hoje ocorreu não é para todos os dias. Imagina, Maria. Imagina só!

Depois do que passaria meia hora em silêncio, absorvido com as colheradas de caldo ou em separar as folhas de couve e repolho para trazê-las à boca com os dedos.

– Mas conta homem! Conta logo que isso me deixa com os nervos atacados.

Mas a pressa de mamãe não dava jeito. Eu e ela teríamos de esperar que toda a terrina de fava fosse desmantelada e as costelas e o paio e as batatas e as couves e os repolhos todos sumissem como por encanto. E que para finalizar o resto do caldo viajasse garganta adentro em goladas tomadas direto da tigela à boca.

– Pois eu conto, sim, conto sem tardança. Pois, pois que o que presenciei hoje não ocorrerá noutros dias vindouros. Ah, não, Maria. Que milagre teu marido estar ali. Pois te conto já, já, te conto sim.

Eu e mamãe já suávamos na espera desesperada. Ela até parou de recolher pratos, travessas, talheres da mesa e levou de volta a garrafa de bagaceira trocando-a por um litro de água gelada, tudo para não interromper o conto que o velho preparava com suspense.

– Pois imagina Maria que chegaram lá o seu Machado trazendo a tiracolo o Joaquim Nabuco em pessoa! O José do Patrocínio em pessoa! O Arthur Azevedo que se refastelou numa poltrona com os dedões no colete em pessoa! O jovem romancista Graça Aranha! Vinham todos da primeira reunião da tal academia francesa que estão a estabelecer aqui no Rio de Janeiro.

Então o velho fazia uma pausa para tomar fôlego, passar a toalha em todo o rosto suado e limpar as sobras de gordura dos lábios.

– Foi de fato algo de importância, se vê logo Maria, pela presença de tais sumidades. Já lá estava seu Alfredo fazendo companhia ao irmão Arthur e ambos seu congratularam efusivamente com os visitantes pela fundação da academia francesa brasileira. E por sugestão de lá se sabe quem seu Arthur foi intimado a fechar a loja para a comemoração que fariam na padaria do seu Colombo.

O velho interrompeu a história:

– Ai, ai Maria por favor, minha garganta está seca. Traz-me a bagaceira de volta minha Maria.

– Não, bagaceira não. Vais beber vinho para fazer a digestão pois comeste e bebeste como um camelo no deserto.

Até o vinho chegar se fez breve silêncio. O velho Jacinto bebeu um copo que encheu logo em seguida para que pudesse dar seguimento.

– Eu mesmo fui chamado a interromper a afinação que estava quase finalizada para acompanhar aquele grupo de gente famosa. Imagina Maria, imagina teu marido no meio dessa gente na padaria do Colombo, onde a sociedade comparece para o chá com torradas, para beber cerveja alemã e apreciar os melhores vinhos portugueses de todas as regiões – imagina Maria.

– Ai marido meu. Sei bem que fazes por merecer. Não te diminuas, não, porque sei que és convocado por todas as melhores casas e famílias do Rio de Janeiro para cuidar dos pianos. Sei bem que cuidas deles como se teus filhos fossem, sei bem. Sei bem. Tenho orgulho do meu marido e de meu filho que te seguirá os passos com a graça de Deus e da Virgem!

– Claro está que seu Machado, mais seu Alfredo, seu Arthur, o Graça Aranha e o Arthur de Azevedo tinham já dado como certo depois escapar da Colombo em direção à Rua das Laranjeiras. O destino sabe bem qual será Maria, já sabes: é a ladeira da dona Alice, lá onde está o paraíso das bocetas. Lá será onde de verdade será comemorada a fundação da academia francesa brasileira.

– Ai Jesus. Que esses homens só pensam nisso...

– São eles rapazes Maria, são eles meninos que estão a viver a vida. E seu Machado como o mais velho do grupo é o capitão da frota. Então pensas que teu marido já não foi igual a eles quando era um jovem gajo? Já fiz das minhas, Maria, fiz das minhas sim. Quando solteiro as mulheres olhavam para teu marido com cobiça. Para que decepcionar as raparigas? Não, nunca.

– Cala-te homem olha que o menino ainda está acordado ouvindo-te contar essas aventuras cheias de lorotas.

– Mas o pior estava por vir, Maria. O pior estava por vir. Pois quando estavam às despedidas na Colombo para escapar para a Rua das Laranjeiras quem chega lá na Travessa do Ouvidor? Dona Carolina de Novaes – a própria. Ao lado da moça de companhia ela veio para avisar Arthur que sua amada Lívia estava passando mal. O médico tinha urgência de falar com ele e todos os familiares.

Dona Carolina aproveitou a presença do Machado para também requisitá-lo, porém nem era preciso, pois ele não deixaria o amigo sozinho numa ocasião dessas. Saíram os dois de braços dados. Não me engano, Maria, não me engano: aí vem mais um casamento, é o que falam e quando falam já coisa dada como certa. Vem casamento aí Maria.

Certa vez estávamos batendo um papo, quer dizer, não era o diálogo tradicional porque eu dava voz total ao Pestana, deixava que ele se soltasse e libertasse com largueza às lembranças para me introduzir num cenário ainda vivo na memória de muita gente, seja através da literatura ou cinema e teatro. Ademais, o fato dele ter vivido a infância junto ao pai, que por profissão estava sempre entre gente de talento, artistas, escritores e compositores, influiu a imaginação do garoto e foi a provável causa de ter memorizado os acontecimentos daquela época.

Bom. Estávamos em nossa mesinha cativa na Taberna Carioca quando o assunto foi levado à amizade entre Machado de Assis e Arthur Napoleão. Muita gente se espantou com o fato daquele pianista famoso ter largado o sucesso na Europa e escolhesse o Rio de Janeiro para viver. Tudo acontece por amor. No caso dele em particular deveu-se ao fato de – ao contrário de Mozart, a quem era muito comparado – jamais ter assimilado por completo a vida

fulgurosa de menino-prodígio: Arthur Napoleão era tímido por natureza. E por fim, culpa do amor que o abateu em pleno voo...

Desde a última vinda ao Rio de Janeiro, ainda acompanhado do pai, Arthur teve a companhia e amizade de Machado de Assis. Apenas quatro anos separavam suas idades, por conseguinte, eram como irmãos, o mais velho guiava o mais novo. E nesse caso a amizade tinha o consentimento do pai que via Machado de Assis como homem da sociedade política e cultural da cidade. E era verdade: através do escritor o jovem pianista foi introduzido na sociedade carioca, recebeu convites para recepções, jantares, almoços, congressos políticos.

Em contrapartida, o tímido pianista teve de aceitar o convite para algumas apresentações de cunho privado – coisa que não era do gosto dele nem do pai empresário. Mas tudo tem compensação: além dos recitais serem remunerados, sempre resultava em convite para apresentações em teatros das cidades vizinhas.

Numa dessas apresentações o jovem pianista notou certa senhorita de cabelos negros escorridos até a cintura, que não tirava os olhos dos olhos verdes dele. Quando desviava o olhar era para se fixar nos movimentos rápidos e harmoniosos das mãos, dos pés nos pedais, dos dedos esticados para as oitavas. Pianista – pensou logo. Os olhares continuaram assíduos até o fim do recital. Na primeira oportunidade Arthur recorreu ao amigo Machado para saber quem era aquela moça de olhar insistente. Em pouco tempo pôde o pianista beijar as mãos de Lívia de Avelar, cumprimentar os pais e aceitar convite para um jantar.

Para se sentir mais seguro e amainar a timidez, Napoleão obrigou o amigo Machado de Assis a acompanhá-lo e no dia acertado só desgrudou dele quando tinha a presença de

Lívia. Após a refeição se reuniram os convivas na grande sala para o tradicional licor e café pós-refeição. No canto à esquerda, próximo à biblioteca de grandes estantes cheias de livros encadernados tinha um piano de cauda. A jovem Lívia se dirigiu ao artista e o convidou para breve apresentação. Arthur aceitou, mas – Com uma condição, disse. – Antes quero ouvir a senhorita tocar.

Foram os dois ao piano. Lívia sentou-se e logo as notas típicas de artistas brasileiros começaram a soar no salão. Depois de algum tempo ela passou aos clássicos: essa foi a deixa para Arthur tomar a liberdade de interferir e dar sugestões. Nesse momento todos os convivas estavam de olho no casal que fazia da apresentação um verdadeiro recital. Logo estavam os dois sentados ao piano apresentando obras ligeiras a quatro mãos. A cada polca, a cada valsa o casal ria com intimidade de quem se conhecia há tempos. Algumas peças eram cantadas e logo nascia o dueto, dessa maneira a dupla estava se divertindo mais que todos os presentes. Por fim combinaram o gran finale, que resultou em aplausos e bravos.

Antes de Arthur Napoleão viajar de volta à Europa, tendo recebido homenagem da cidade e elogios de toda a comunidade musical, ele se fez obrigar à despedida da família Avelar. Todos tinham como certo que Arthur e Lívia estavam enamorados, apaixonados. Já embarcado no transatlântico Arthur respondeu aos acenos dos lenços bordados de Lívia e sua mãe que revoavam do cais. Antes estiveram juntos. Enquanto o amigo Machado distraía a senhora Avelar, Arthur e Lívia trocaram sérias juras de amor. Arthur prometeu: – Eu voltarei.

E foi assim que três anos depois, já emancipado pelo pai, o apaixonado pianista Arthur Napoleão desembarcou para conquistar de vez a amada Lívia e ficar para sempre no Rio de Janeiro. Tinha como companhia a amiga e confidente Carolina Novaes, que veio com fim de

cuidar do irmão enfermo, mas cujo destino já estava traçado pelos amigos Machado e Arthur em extensa correspondência trocada entre o Rio de Janeiro e Porto.

Arthur se sentava ao piano como ave de rapina que derrota a presa. Para isso antes o magnífico instrumento tremia aos primeiros dedilhados do afinador com harmonia vibrante, mas suave e límpida. As notas arrancadas do teclado quebravam os ruídos do ambiente se sobrepondo ao silêncio em volta. Aos poucos a turba se acumulava e entre a gente aglomerada retinia a música.

– Por onde andará o Serra que não tenho visto?

– Soube que anda em mãos do receituário do Dr. Corção curando-se do mal gálico que a Sebastiana Alva lhe semeou.

– Não! É impossível! O Serra que é experiente malandro se deixou cair na tentação?

– Pois não foi?

– Ora bolas! O amigo Serra que me desculpe. Que imprudência. Até ele sabe que a Sebastiana, pelas ancas que tem e modo de tocar trombone ao píncaro ocupando-se até a última nota da partitura, é tanto ambicionada quanto temida.

– Pois se vai com qualquer marinheiro.

– Ali não são águas de se arriscar a nadar sem salva-vidas.

Glissandos adejaram como pássaros. Igual às gaivotas sobre as ondas as teclas viraram redemoinho, vagas em turbilhão. A veia do gênio de Arthur tinha feito rebentar da rocha a majestade precipitosa das águas da Cachoeira de Paulo Afonso, de Niágara, de Iguaçu. O artista, possuído do demônio íntimo que produz o delírio dos profanos, tinha se substanciado e incorporado ao piano em carne e osso.

– Ademais chegam de Paris tantas marcas novas de condom. Qual! O amigo Serra caiu na arapuca.

– Ora. Se nem mesmo o galante Casanova escapou dele.

– Talvez seja consequência do descontrole que causa misturar absinto, cachaça do maranhão e cerveja, como ele costuma fazer nas noites desesperadas que as lembranças da terrinha trazem.

– Ai! Como o Serra chora o Maranhão. Talvez tenha lá esquecido um grande amor. Não tem outras explicações.

O instrumento estremecia, arquejava, ululava, bramia, em delícias, em frenesis, gozava em êxtases, debaixo dos dedos convulsos que lhe masturbavam o entendimento. Cricrilava a sensibilidade profunda, pissiricava a paixão olímpica, ardia a pele o fogo amoroso.

– Bom, o que está feito está feito. Agora só resta ao Serra sobreviver às dosagens de permanganato de potássio, acido bórico, pomada de calomelanos.

– Muito pior seriam as injeções mistas de óleo cinzento ou calomelanos com 914, cuja aplicação – dizem – é tão dolorida que só pode ser feita nas nádegas ou coxas.

– Para poder voltar de novo às farras e pândegas.

– Leon Daudet conta que assistia a abertura da nova casa do sogro Charles Hugo à sociedade e ao mostrar aos visitantes certo armário dourado deu com caixas cheias de Capotes anglaises de tamanho gigante!

– Famosos lá, famosos cá. Pois é exatamente dos tais que o querido Machado de Assis está precisando.

Ora, diríeis ser a aparição de um pianista tão fantástico em magia-negra e roupagem medieval vermelha e negra igual em semelhança a Exu Veludo. Cáspite Tia Ciata de Oxum. Bravo Bixiguento! Caramba Tia Carmem do Xibuca! Porra Sinhô!

– Então vamos dar um abraço solidário ao Serra. Nada de levar bebidas – é estrita a abstinência durante o tratamento.

– Se não for assim a recidiva acontece e virá com virulência inaudita.

– Depois então sim daremos uma chegada ao Stadt Munchen ou ao Boteco do Casemiro.

– Certa noite nós chegamos em casa bem tarde. Eu estava muito cansado e fui me deitar após o jantar. Foi um dia cheio: eu e meu pai atendemos a várias pessoas, afinamos seis ou sete pianos e finalizamos o dia na Casa Arthur Napoleão. À nossa chegada esbarramos com seu Alberto Nepomuceno em companhia de seu Henrique Oswald, que viera examinar alguns pianos. Depois de espiar, tocar num e noutro e conversar com Nepomuceno e seu Arthur ele decidiu escolher um Pleyel, estilo Russo, móvel vertical em ébano, cuja sonoridade é bem próxima ao modelo Chopin, desejado por todos.

Além de seu Alfredo e Leopoldo Miguez – amigos desde que se conheceram no Porto onde Miguez estudou – estava presente dona Francisca Gonzaga e também Ernesto Nazareth, que trouxe algumas músicas para ouvir a opinião e análise de Arthur Napoleão. Depois chegaram seu Machado e Coelho Neto para se juntar a Alfredo e Arthur.

Após o trabalho o pai foi convidado a assistir no auditório a várias interpretações informais. Coelho Neto e Machado de Assis conversavam à parte sobre a academia e literatura, jogando partidas de xadrez. Garrafas de vinho português estavam dispostas à mesa para quem quisesse se servir. O pai, claro, não dispensou nunca o bom vinho alentejano.

Mais tarde entrou no salão Arthur Azevedo, que veio trazer o irmão Aluísio para as despedidas: estava de malas prontas para assumir posto diplomático em Buenos Aires. Diante das muitas perguntas sobre novas produções – novo romance? peça de teatro? exposição de quadros? – o próprio Aluísio confessou que a carreira diplomática o havia afastado da literatura. Não achava tempo para mais nada.

– Penso que deixo as letras de vez – disse com voz melancólica. Ademais, tenho motivo maior: os médicos ainda não descobriram a razão dos inoportunos achaques e pequenas enfermidades que me deixam sem ânimo. Os Buenos Aires decerto me farão bem – fez o trocadilho. Depois respirou fundo e terminou a dissertação quase gritando: – Arre! Arre! E foi aos vinhos e aos brindes também...

Tinha lápis e folhas de partituras, papel pautado, tudo espalhado sobre uma grande mesa, discutia-se e se escrevia o tom, a cadência, temas de composição, cantos e canções. Aos poucos o número de pessoas foi diminuindo e no recinto ficaram só os cinco amigos: Alfredo Napoleão, Leopoldo Miguez, Arthur Napoleão, Machado de Assis e Coelho Neto.

Machado, com ar alegre pleno de felicidade, aproveitou o momento íntimo na presença de reduzidos amigos para comunicar que o casamento com Carolina era fato consumado, com data marcada. Houve gritos, abraços e, claro, brindes pela ocasião festiva. Arthur Napoleão era o único que já tinha conhecimento de tudo: a notícia chegou-lhe pela voz da própria noiva.

– Trago também boas notícias para ti – disse Machado abraçando o amigo Napoleão. – Passei ontem e hoje várias horas em visita ao velho Avelar e só saí de lá com a palavra dele de que Lívia será tua.

Napoleão foi pego de surpresa:

– O quê? O quê? Não acredito. Não acredito que você conseguiu dobrar aquele velho sisudo. – O quê? O quê? – Repetia sem senso algum as palavras andando em círculo pela sala. Os olhos já começavam a marejar de felicidade.

– Te digo que sim. É a pura verdade. Claro está que primeiro tive de conquistar a mãe dona Eusébia que é admiradora de meus contos e romances. O fato é que saí de lá com tua futura sogra sorrindo de felicidade e até mesmo arranquei um aperto de mãos bastante amigável do velho Avelar.

Arthur encheu o copo de vinho no que acompanharam todos num brinde pela feliz notícia.

– É minha! É minha! Disse ele consigo mesmo. É minha! Ainda dizia ele ao chegar ao piano. – É minha! Repetia ele a rir descontrolado como fazem os apaixonados. – Obrigado amigo Machado, obrigado mil vezes. E começou a dedilhar valsas, canções e noturnos a torto e a direito.

– E então, agora? Trata de marcar o casório, quanto mais cedo melhor.

Todos os presentes se divertiam com aquela reação tão novelesca. Mas é claro que sabiam que era tudo reflexo natural de quem ama. Por fim dando tom dramático à cena ele se postou no centro dos amigos e levantou a taça ao alto:

– Viver somente! Não te peço mais nada Lívia. Quem me pôs no coração este amor da vida senão tu?

Depois disso a conversa começou a tratar de vários assuntos, um dos quais que – diante da boa nova das núpcias de Machado e Carolina e da auspiciosa notícia que ele trouxera ao amigo Napoleão – seria de bom alvitre dar uma esticada ao salão de dona Alice nas ladeiras escondidas da Rua das Laranjeiras.

Alfredo tirou o corpo fora. Também ele e a esposa estavam a preparar as malas para ir à França em longa viagem "de lua de mel". O irmão de Arthur logo se viu debaixo do fogo dos amigos, pois, depois que se casara estava numa lua de mel que não tinha fim. Machado não pôde fugir da convocatória. Ademais, estava superexcitado com as vésperas de seu casamento e pela reação turbulenta inesperada – mas de amigo verdadeiro – que o Napoleão tivera. Para todas essas emoções, só tomando absinto nos braços das mulheres encontraria jeito de dissipar todo o nervosismo.

Eu e meu pai estávamos sentados como espectadores privilegiados de tudo que ocorrera ali. Somente depois de acabado o sarau improvisado e todas as discussões seguintes, somente depois que se resolveram bater-se em retirada para a casa de dona Alice é que papai e eu fomos dispensados.

Antes de desaparecer nos becos da Rua do Ouvidor para pegar o bonde no rumo de casa, ainda ouvimos os gritos:

– Um brinde ao feliz casal Machado e Carolina! Vamos ao Paraíso das Bocetas, pois!

– Um brinde à felicidade do casal Napoleão e Lívia! Ao poleiro de dona Alice, pois! As meninas que se cuidem...

De repente uma carruagem grande cruzou a nossa frente. O velho parou e como se adivinhasse algo que eu logo não me dei conta voltou até a esquina. O cocheiro sabia bem a direção e parou na porta principal da casa Arthur Napoleão & Miguez, que já havia encerrado o expediente. Ele desceu da carruagem e bateu na porta com o cabo do chicote. Nada tendo acontecido ele repetiu as pancadas desta vez mais fortes. A porta afinal se moveu e de dentro veio a pergunta:

– Quem está lá? Então saíram Leopoldo, Arthur, Machado e Coelho Neto. Alfredo já tinha se mandado para casa. Arthur cerrava os cadeados dos portões da loja. Só então a porta da carruagem se abriu e de lá saltaram sorridentes de braços abertos Carolina e Lívia.

– Surpresa! Surpresa! – Diziam as duas moças entre os gritos e abraços com que mimavam os estupefatos Machado e Arthur. Surpresa mesmo! Como elas souberam que estavam ali? Jamais descobrirão.

Tendo as comemorações da casa de dona Alice sido dessa maneira abortadas, Leopoldo e Coelho Neto trataram de cumprimentar as damas ao mesmo tempo em que se despediam dos amigos – aos quais tiraram os chapéus e atiraram o sorriso mais irônico possível, que cabia como uma luva à ocasião.

Os noivos não tiveram outra opção senão aderir à situação do momento, mas ao invés de entrar na carruagem caminharam até a Casa Cavé, logo ali perto, pois as comemorações,

enfim, de um modo ou de outro teriam de ser realizadas. Ademais, o papo com Charles Auguste era sempre agradável e atualizado com as notícias que recebia da França.

– Como elas souberam? Como elas souberam? – Não cansavam de se perguntar entre troca de olhares, Machado a Arthur – Arthur a Machado. Ao ver o cocheiro cumprimentá-los tirando o chapéu tiveram rápido vislumbre das feições conhecidas. Para que há de haver cocheiros neste mundo? Se o carro andasse por si...

Os dois amigos terminaram a noite sós, como seria de se esperar. Após deixar Carolina e Lívia em suas residências seguiram a esmo pedindo ao cocheiro que os levasse a algum lugar onde pudessem sentar e conversar. Voltaram ao centro. A escolha do cocheiro foi o Botequim do Casemiro onde sentaram e beberam cerveja.

O cocheiro parecia conhecer bem o local, pois ficou circulando e conversando com várias mulheres. Em dado momento se iniciou uma discussão entre dois frequentadores, com a adesão de outros simpatizantes de lado a lado, e antes que a coisa degenerasse em pancadaria, como é costume ocorrer, os amigos seguiram em frente, no rumo da Praça Tiradentes. Capoeiras e pelintras tinham livre acesso ao Botequim do Casemiro, bem sabiam.

Em linha reta até a praça foram parar no Stadt Munchen onde pelo menos a cervejaria alemã servia chope preto, bem ao gosto de Arthur, ao passo que Machado de Assis preferia a cerveja clara. Ainda havia grande movimento de atores, atrizes, poetas, apostadores de turfe entremeados a prostitutas, cantores e músicos da vida noturna.

– Que noite, hem?

– Rapaz nem me conta. Devo muito a ti, meu caríssimo amigo. Transformaste a noite em dia luminoso. Irás te casar amanhã com Carolina e eu tratarei de acelerar a minha união com Lívia.

– Nada te devo Arthur. O que fizemos é o que fazem os verdadeiros amigos. Então, quem me trouxe de Portugal a mulher firme, valente e gloriosa que será minha esposa?

– Na verdade Machado – agora te posso confessar: eu nada fiz senão levar a ela conhecer a fama que tens entre as meninas de dona Alice.

– Que dizes? Estás louco? Isso não é coisa que se fale a uma mulher.

– Calma. Não te preocupes quanto a isso. Eu e Carolina nos conhecemos desde adolescência. Somos amigos íntimos, como tu e eu. Muito devo a Carolina e ela a mim.

– Mesmo assim, não é coisa que se diga a uma dama, ainda que em segredo. Louco!

– Saiba que no Porto foi ela quem serviu de minha protetora, pois é de pouco mais idade que eu.

– Mas toda intimidade há de ter o limite do razoável.

– Te digo amigo, a Carolina sempre foi dona de um círculo de amizade de dar inveja. Pois ela não hesitou em me introduzir na intimidade das mais belas e sensuais mulheres do Porto. Algumas que jamais imaginara ter em meus braços, em meu leito.

– Não fosses tu amigo tão querido por mim assentaria merecidas bengaladas nas costelas.

– Quando a família me procurou para trazê-la ao Rio de Janeiro e colocou-a a meus cuidados, imagina logo em que pensei. Em ti! – Essa é do Machado, disse para mim. Depois quando a conversa ficou mais íntima falei com a Carolina sobre você. Pintei-te como és – não foi preciso dar nenhum retoque. Ela assimilou e adotou a ideia de imediato.

– Ah, quer dizer que então tudo já estava planejado e eu fui o último a ter conhecimento?

– Assim é. Mas agora que está tudo arranjado da melhor forma possível e certo de que estás pleno de felicidade, é justo que saibas tudo.

– Ora Arthur, agindo assim você me deixa num estado mórbido de curiosidade. Conta logo, diabos, conta logo do que se trata.

– Pois te digo, amigo do coração, apenas transmiti a Carolina a fama que tens entre as mulheres, tanto da casa da Alice quanto nas outras farras que nós fizemos, nas casas que visitamos no fundo da noite escura, algumas vezes em meio à loucura e insensatez que aos

jovens acomete. E desde então a própria Carolina avançou sobre ti querendo tomar posse do que a ela já pertencia na imaginação.

– Mas que história de fama é essa que desconheço? Ora, pois, não seria eu o primeiro ter direito a sabê-lo?

– É sobre a herança que trouxeste de teus antepassados africanos, Machado. Não se trata de nenhuma outra coisa. Apenas isso. Essa é a fama que tu tens entre as meninas.

Assim dizendo Arthur, com as mãos abertas em palma na horizontal, num gesto bem conhecido, exprimiu o tamanho que queria especificar. Depois se aproximou do ouvido do amigo para sussurrar:

– O que as mulheres espalham entre elas meu caro Machado – e me deixa com baita inveja – é que tens o caralho tão grande que quase chega ao joelho!

E Arthur deu uma gargalhada que só terminou com o gole no chope e um brinde com o amigo. Em princípio Machado de Assis não soube como reagir, ficou mudo de espanto, silencioso em meditação. Mas, alguns segundos depois de bem pensar, emendaram-se os risos dos dois, as gargalhadas, a alegria de ambos e tudo terminou em grande e duradouro abraço.

Por fim entraram de volta ao coche, cantando valsas e canções de improviso, tomaram rumo de casa. Depois começaram a conversar...

– Machado, desde a primeira vez que te conheci soube que seríamos bons amigos. Agora que o Alfredo se irá de retorno ao Porto, tenho-te como irmão mais velho. A ti devo a iniciação no melhor que há da sociedade carioca. Zelaste até pela boa aplicação do meu dinheiro. E tudo por amizade. Tu és homem de moral.

– Ora, Napoleão, que assim fico encabulado. Tudo bem, aceito o elogio. Eu também tenho a ti como se fosse meu irmão caçula, por isso cuido de te pôr a salvo dos lobos, malandros e pelintras que aqui abundam, ainda que disfarçados em pele de cordeiro e baronatos fugidios.

– Nada se compara ao que me fizeste hoje. Defender-me ante o velho Avelar e me entregar a amada Lívia de bandeja, como Salomé recebeu a cabeça de Batista!

– E tu maroto que foste portador da minha para sempre Carolina? Não te peço mais nada. Aliás, peço-te sim: tem dó. Vê se alivia um pouco as surras que me dás no xadrez.

Napoleão não pôde conter o riso.

– Fato é que se jogasses xadrez tão bem como escreves eu é que seria vítima de surras memoráveis.

Já raiava o sol da matina lá pela Ponta do Calabouço: Machado de Assis entoava letras na ponta da língua, Arthur Napoleão botava música com uma flauta invisível.

Ao fim da tarde, a escuridão ia já anoitecendo toda a cidade, Machado de Assis e Arthur Napoleão fugiram das despedidas traumáticas e rumaram ao escritório da loja. Arthur mal chegou sentou ao piano e começou a dedilhar melodias noturnas que servissem de moldura à triste ocasião que foi o enterro do amigo Joaquim Serra.

Machado de Assis trazia presa às mãos a folha de papel na qual escreveu algumas linhas de despedida. Todos os amigos, aliás, não deixaram de prestar o justo preito a Joaquim Serra, a maioria dizendo com palavras simples – como assim desejaria o homenageado – o quão importante foi a presença política e literária do combativo jornalista.

Apenas uma lâmpada tirava das sombras o ambiente embebido de tristeza e saudade. Os dois amigos sentados lado a lado tinham os olhos marcados pela dor da perda. Enquanto Arthur tocava, Machado de Assis relia em silêncio – de si para si – o que tinha escrito. Foi o texto mais simples de todos que soaram à beira do túmulo. O mais simples, o menos dramático, o mais íntimo. Perdera o amigo mal haviam comemorado as vitórias literárias e políticas.

“Quando vim enterrar o meu querido Serra, vi que naquele féretro ia também parte da minha juventude. Logo de manhã relembrei-a toda. Enquanto a vida chamava ao combate diurno as legiões infinitas, alegres e indiferentes, como se não acabasse de perder um dos mais robustos legionários, me recolhi às memórias e a reler algumas cartas do meu amado amigo”.

“Cartas íntimas, familiares, mais letras e artes que política. As primeiras, embora velhas, eram ainda moças, daquela mocidade que ele sabia dar às coisas que tratava. Relê-las era conversar com o morto, cuja alma ali estava derramada no papel, tão viçosa como no primeiro dia que

nos conhecemos. A cintilação do espírito era a mesma: a frase brotava e corria pelo papel, como a água do córrego – rumorosa e fresca”.

“Os dedos que tinham lavrado aquelas folhas de outro tempo e que vi depois cruzados sobre o peito, lívidos e hirtos, não pude deixar de os contemplar longamente, recordando as páginas públicas que trabalharam soltas ao vento, ora com o desperdício de um engenho fértil, ora com a tenacidade de apóstolo”.

“Versos sobre versos, prosa e mais prosa, artigos de toda casta, políticos, literários, o epigrama fino, o epíteto certo ou jovial e durante os últimos anos a luta pela abolição, tudo nasceu daqueles dedos infatigáveis, prestadios, tão cheios de força como de desinteresse”.

“A morte trouxe ao espírito de todos o contraste singular entre os méritos de Joaquim Serra e o destino político. Se a vida política é, como a demais vida universal, luta em que a vitória há de caber ao mais aparelhado, aí deve estar a explicação do fenômeno. Podemos concluir então, que não bastam o talento e a dedicação, senão é que o próprio talento pode faltar, às vezes, sem dano algum para a carreira do homem”.

“A posse de outras qualidades pode ser também negativa para os efeitos do combate. Serra possuía a virtude do sacrifício pessoal, que muito cedo aprendeu e cumpriu, segundo o que ele próprio mandou me dizer um dia do Maranhão, no dia 10 de março”:

“Querido Machado. Já te escrevi algumas linhas acerca da minha adiada viagem em maio. Foi mister... Não sei mesmo como se exigem sacrifícios da ordem daqueles que ultimamente se

me têm exigido. Se eu contasse tudo, talvez não o acreditarias. Enfim, não te verei em maio, mas hei de ir ao Rio este ano. Teu amigo, Serra”.

“Não me referiu, nem então nem depois, outras particularidades, porque também possuía o dom de esquecer — negativo e impróprio da vida política. Era modesto até à reclusão absoluta. Suas ideias saíam todas endossadas por pseudônimos. Eram como moedas de ouro sem efígie, com o próprio e único valor do metal”.

“Daí o fenômeno observado: quando chegou o dia da vitória abolicionista, todos os seus valentes companheiros de batalha citaram gloriosamente o nome de Joaquim Serra entre os discípulos da primeira hora, entre os mais estrênuos, fortes e devotados”.

“Mas a multidão não repetiu o clamor, pois não o conhecia. Ela, que nunca desaprendeu de aclamar e agradecer os benefícios, não sabia nada do homem que, no momento em que a nação inteira celebrava o grande ato, recolhia-se satisfeito ao seio da família. Tendo ajudado a soletrar a liberdade, Serra ia continuar a ler o amor aos que lhe ensinavam todos os dias a consolação”.

“Mas eu vou além. Creio que o Serra era principalmente um artista. Amava a justiça e a liberdade, pela razão de amar também o arquitrave e a coluna, por uma necessidade de estética social. Onde outros podiam ver artigos de programa, intuitos partidários, revolução econômica, ele via uma retificação e um complemento. E porque era bom e punha em tudo a sua alma inteira, pugnou pela correção da ordem pública, cheio daquela tenacidade silenciosa de um escritor de todos os dias, intrépido e generoso, sem pavor e sem reproche”.

“Não importa, pois, que os destinos políticos de Joaquim Serra hajam desmentido dos seus méritos pessoais. A história destes últimos anos lhe dará um couto luminoso. Igualmente, recolherá mais de uma amostra daquele estilo tão dele, feito de simplicidade e sagacidade, correntio, franco, fácil, jovial, sem afetação nem reticências. Não era o humor de Swift, que não sorri, sequer. Ao contrário, o nosso querido amigo morto ria largamente, ria como Voltaire, com a mesma graça transparente e fina, sem o fel das frases nem a vingança cruel, que compõem a ironia do velho filósofo”.

Faz mais de dois meses que não encontro o afinador Pestana. Ando circulando pelos mesmos locais para ver se a gente se vê para aquele bate-papo de sempre. Repito todos os dias o mesmo itinerário: Praça Tiradentes, Rua da Carioca, Av. Rio Branco que refaço em sentido inverso de tarde ao fim do expediente. Nada.

É claro que isso me deixou preocupado devido ao avançado da idade dele. Pode estar doente, em hospital – quem sabe? Não tendo outros detalhes da vida do Pestana fiquei sem saber como agir. Todas as vezes que passava na loja de pianos cumprimento o empregado ou o Oliveira e pergunto por Pestana, até com certo ar de galhofa:

– E o Pestana, tem perturbado muito?

Mas a resposta é sempre a mesma:

– Anda sumido, nunca mais apareceu. – Para finalizar com as mãos postas: – Graças a Deus! Graças a Deus! E assim nos despedimos.

Na saída do trabalho muitas vezes fiquei sozinho na Taberna Carioca bebendo chope na esperança que ele aparecesse. Nada. Assim foi passando o tempo e lá se vão os meses sem vê-lo. Aos poucos também fui me esquecendo de saber dele, perdendo a expectativa de encontrá-lo. A vida continua com sua rotina, o trabalho ocupa o dia todo, o estudo exige compenetração. Ter conhecido Pestana foi se transformando em lembrança, dessas que surgem de vez em quando na memória e logo desaparece.

Pois foi num desses dias descontraídos em que não me passou pela cabeça reencontrar Pestana reparo na aglomeração que quase vedava por completo as portas da loja de pianos. Não! Não é possível. Me aproximei e acompanhado pelos risos, gargalhadas, assovios e vaias do pessoal entrei na loja.

Eram muitos os que assistiam as peripécias de Pestana: mais de vinte, quase trinta, é certo. De dentro da loja soavam os acordes de músicas, fragmentos de valsas, ô abre alas, de Chiquinha Gonzaga! Procurei o com o olhar o funcionário que já conhecia e o vi desesperado tentando, sem êxito, tirar Pestana do piano.

Criei coragem e mesmo a contragosto fui até lá.

– Pestana, Pestana, está na hora de sair. Vamos sair meu amigo, venha comigo.

Ele me olhou como se fôssemos estranhos.

– Quem é você? O que você quer? Quem é você?

– Sou o seu amigo Samuel, não lembra?

Ele me olhou com detalhes, a roupa, as pernas, os pés – mas sem parar de passear as mãos sobre o teclado. Mas o olhar era vago, como se fitasse a um ponto distante, não específico. Ele não me olhava, apesar de estarmos cara a cara.

– Quem é você? Não te conheço. Não vê que estou trabalhando? Não vê que estou afinando o piano? Não me interrompa, preciso estar concentrado no trabalho. Afinar pianos é um procedimento complicado que exige treinamento, habilidade, talento e ouvido de músico.

– Pestana, disse a ele, o Oliveira, dono da loja, reclama da multidão que está ali obstruindo a entrada. Afinal aqui é um comércio, as pessoas querem entrar para fazer compras e não podem...

– Mas o que você quer? Saia logo daqui. Não vê que estou trabalhando? Não vê que estou afinando o piano? Não interrompa!

Diante da minha insistência em arrancá-lo dali antes que o pior acontecesse:

– Sabe com quem está falando? Com o Rubinstein! Vou acabar perdendo o trabalho, perdendo dinheiro. Por sua causa! Por sua causa!

Pestana repetia a cantilena com as mesmas frases, intercalando empurrões para que me afastasse dele.

– Sabe com quem está falando? Sabe com quem está falando? Eu sou o maior, eu sou Horowitz!

As mãos de Pestana varriam o teclado com uma fúria inaudita, algumas vezes suave, outras com violência. Não havia nenhuma técnica nem como intérprete nem como afinador. Levantava-se do banco e continuava executando qualquer som de pé mesmo. Atacava os pedais como se chutasse a bola de futebol.

– Pestana, Pestana, está na hora de sair. Vamos sair meu amigo, venha comigo, venha comigo. O dono da loja quer chamar a polícia, ele reclama da multidão que está obstruindo a entrada, impedindo clientes de entrar.

– Deixe-me em paz. Não interrompa um concerto do grande Glen Gould!

Insisti várias vezes no apelo esperando a reação positiva que não veio. Olhei para o rapaz com desânimo. Não tinha jeito de tirá-lo do piano, antes, eu é que estava sendo expulso dali pelo próprio. Fiz um gesto negativo de desistência ao funcionário.

– Desta vez não tem como arrancar o homem daqui – disse a ele.

Oliveira e seu empregado se aproximaram mais uma vez, agarrando Pestana firme pelos braços, mas ele resistia:

– Solte-me! Solte-me! E voltava para a plateia: – Vejam, querem impedir o grande Busoni de tocar!

A multidão que se aglomerava em frente à loja gritava, aplaudia, protestava em plena balbúrdia.

– Está vendo? Por causa desse alvoroço que o patrão já chamou a polícia.

– Não! Não! Não deixe que isso aconteça.

– Não tem como evitar. Ele não quer sair. Está apresentando sinais de loucura e age com violência. A polícia e a ambulância já estão a caminho.

E de fato foi assim que aconteceu. Mais uma vez fui até Pestana e fiz o último esforço para tirá-lo daquela situação. Mas ele só reagia desse modo e seus olhos refletiam o brilho da loucura.

– Largue-me, me deixa tocar. Sou o famoso Pederewski!

Dentro em pouco chegou o camburão com alguns policiais, a ambulância com médico e enfermeiro. Mas não foi preciso usar de muita violência, a não ser na primeira abordagem. Pestana gritou, esperneou, tentou se mostrar importante:

– Eu sou Alexandre Scriabini! E assim foi se nomeando como famosos pianistas, estendendo os braços para o alto, clamando para os assistentes que agora já troçavam do louco.

Certa hora levou a equipe médica ao limite ao tentar morder os enfermeiros. Foi o sinal para que os policiais o imobilizasse. Só assim o médico pôde injetar o coquetel de haldol com midazolam e haloperidol – conhecido como “sossega leão” – usado em pessoas com comportamento alterado, em loucos. Não tem outro jeito de controlar a agitação, que sempre aumenta e vai crescendo. Depois que recebeu a injeção, Pestana apagou por completo em poucos segundos.

Antes de a ambulância partir perguntei ao médico para onde o levariam.

– Vai direto para a Colônia Juliano Moreira.

Agradeci e comecei a programar a visita a Pestana. Conheço bem a colônia de visitas anteriores a alguns amigos que sofreram de esquizofrenia. Os pacientes tomam quatro remédios diferentes por dia, além das injeções “sossega leão”. Em caso de surto se aplica logo qualquer medicamento, ou mistura deles, para controle da esquizofrenia.

Esses coquetéis levam a nível zero qualquer psíquismo, eliminam as alucinações e os delírios. Mas o uso contínuo dessa mistura gera surtos periódicos e deixa sequelas como tremor constante, agitação incontrolável, levando à morte cerebral. É uma lobotomia química, que acaba por trazer paranoia, sensação de morte, mania de perseguição, alucinações visual e auditiva – e outras síndromes menores, mas críticas.

Depois que a ambulância e o camburão saíram, a Rua da Carioca retomou o movimento normal. As pessoas cuidavam dos afazeres, das compras ou apenas seguiam em

frente, pois a rua é um elo importante que interliga e dá vida a artérias e becos, assim como as safenas.

Respirei fundo me sentindo aliviado, mas francamente abalado com tudo aquilo. Nunca é fácil. Atravessei a rua indo direto à Taberna Carioca para tomar um conhaque Macieira. Brindarei em silêncio na lembrança de Pestana. Brindarei à sua memória que tanta lembrança guardou até entrar em colapso. Estava precisando...

Assim foi que logo no sábado seguinte dei um jeito de ir até Jacarepaguá visitar o Pestana. O pavilhão dos internos funciona no antigo edifício-sede da Fazenda Engenho Novo. Os imóveis vizinhos que ainda podem ser utilizados servem como administração, enfermaria e unidades de apoio. Ali fica a lavanderia, a cozinha, a despensa, etc.

Mais adiante está a Igreja Nossa Senhora dos Remédios, que recebe visita semanal de um padre para missas e orações. O restante das edificações está deteriorado pelo tempo, não serve para nada, é impossível impedir que a vegetação cresça e tome conta do interior e em redor.

Fui até a administração para localizar o Pestana e me apresentei como amigo de família. Em casos iguais ao de Pestana é sempre bom aparecer alguém para visitar e se mostrar interessado no internado. O enfermeiro me apontou de longe e reconheci o Pestana.

Ele estava sentado num banco debaixo da mangueira, barba por fazer. Suas mãos deslizavam no vácuo como se executasse alguma peça musical. De tempos em tempos os

braços se agitavam em movimentos que eu não entendia. Quando cheguei à sua frente ele me olhou com o mesmo olhar perdido, sem ver ninguém à sua frente.

Depois de um tempo voltei-me para sair. Não trocamos uma palavra sequer. Agradeci aos que me atenderam e deixei nas mãos do enfermeiro algumas coisas que tinha levado para dar ao sofrido Pestana. Comuniquei que voltaria na próxima semana. Assim passei aos administradores a impressão de que o doente tem alguém próximo, que ele não está de todo abandonado.

Com isso se tem a esperança – muitas vezes frustrada – de que receba melhor tratamento. É um último alento que se tem ao ver as dependências semiabandonadas da Colônia Juliano Moreira, chamada de “o inferno na terra” por muitas reportagens que os jornais publicam.